



BARRANCA 50



RENATO MENDONÇA



BARRANCA





PROPONENTE



PATROCÍNIO

Alvorada



REALIZAÇÃO



RENATO MENDONÇA

**BARRANCA
50**

SÃO BORJA, 2023

PROJETO BARRANCA 50 ANOS DE HISTÓRIA

Idealização e Realização
Os Angüeras – Grupo Amador de Arte

Direção Geral
Telmo Motta Junior
Eduardo Bicca
Tatiana François Motta

Direção de Produção e Produção Executiva
Magali de Rossi

Projeto financiado através da Lei de Incentivo à Cultura - Lei Rouanet,
Ministério da Cultura – Governo Federal, com Pronac 221228

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mendonça, Renato
Barranca50 / Renato Mendonça. -- São Borja, RS :
Renato Duarte Mendonça, 2023.

ISBN 978-65-00-88556-9

1. Artes 2. Festival Barranca - São Borja (RS)
3. Música 4. Poesia I. Título.

23-184225

CDD-780.7981651

Índices para catálogo sistemático:

1. Festival Barranca : São Borja : Rio Grande do Sul :
Música 780.7981651

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

Foto da capa: imagem colhida na Barranca de 2000

Projeto editorial, reportagens e textos: Renato Mendonça

Fotos: Emilio Pedroso (exceto quando indicado)

Ilustrações: Bira Fontoura (exceto quando indicado)

Design: Capítulo 1 - Conteúdo e Design Editoriais

Projeto gráfico: Carolina Porto Ruwer

Diagramação: Carolina Porto Ruwer e Auracébio Pereira

SUMÁRIO



9	PREFÁCIO A ARTE DO CONVÍVIO
11	APRESENTAÇÃO ALMA GENEROSA
15	O MAPA
27	O ACAMPAMENTO
47	OS REENCONTROS
63	O GENEROSO
73	A BOIA
85	AS RODAS
99	A PALAVRA
111	O HUMOR
127	OS HABITANTES
139	O RIO
151	A CRIAÇÃO
159	O FESTIVAL
179	O REGRESSO
187	A BARRANCA É...
191	POSFÁCIO O RIO QUE NOS LEVA
195	APÊNDICE ENTENDENDO A BARRANCA
197	FESTIVAL DA BARRANCA
201	AS MIGRAÇÕES
203	SOCIOLOGIA BARRANQUEIRA

BARRANCA 1988

PASSE LIVRE

PLACAS: _____





PREFÁCIO

A ARTE DO CONVÍVIO

Bem-vindo ao Festival da Barranca.

Esse encontro de amigos ocorre desde 1972 às margens do rio Uruguai, em São Borja, promovido pelo Grupo Amador de Arte Os Angüeras. É o festival de música regional gaúcha mais longo do estado a se realizar ininterruptamente, com a pausa apenas de dois anos durante a pandemia da COVID-19.

Ao longo de três dias, de quinta a sábado da Semana Santa, barranqueiros convivem, cantam, compõem, conversam, declamam. Vivem a arte do convívio.

O livro *Barranca50* compartilha essa experiência. É um esforço essencialmente coletivo: as informações e os depoimentos distribuídos ao longo de quase 200 páginas são fruto de pesquisa e documentos, áudios, vídeos e mais de 30 entrevistas pessoais. E do convívio.

Barranca50 também é multimídia. O encontro barranqueiro se faz essencialmente pela palavra falada e cantada, por isso aponte para os QR codes **e ouça canções e causos, leia poesias e contos, veja fotos e vídeos.**

Os capítulos estão organizados como se o leitor passasse um dia na Barranca. É o aportar no acampamento, o reencontrar amigos, a hora da boia, o prazer coletivo das declamações, causos e tertúlias, depois o canto



d'O Generoso, o desafio de criar canções atendendo a um tema e o subir ao palco.

O ato final é conferirmos o que se traz de volta na mochila depois de uma Barranca.Á

A resposta é sua.Á

Boa Barranca50!

COMO ACESSAR O QR CODE

- Abra o aplicativo "Câmera"
- Aponte para o QR Code
- Toque na notificação que será exibida
- Acesse o site ou app correspondente

APRESENTAÇÃO

ALMA GENEROSA

Antes que se inicie sua jornada de descoberta do Festival da Barranca, queremos nos apresentar.

Somos Os Angüeras, um grupo amador de São Borja, cidade da fronteira do Rio Grande do Sul com a Argentina, fundada em 10 de março de 1962, para criar, cultivar e incentivar a arte, especialmente a regional, em suas mais variadas formas.

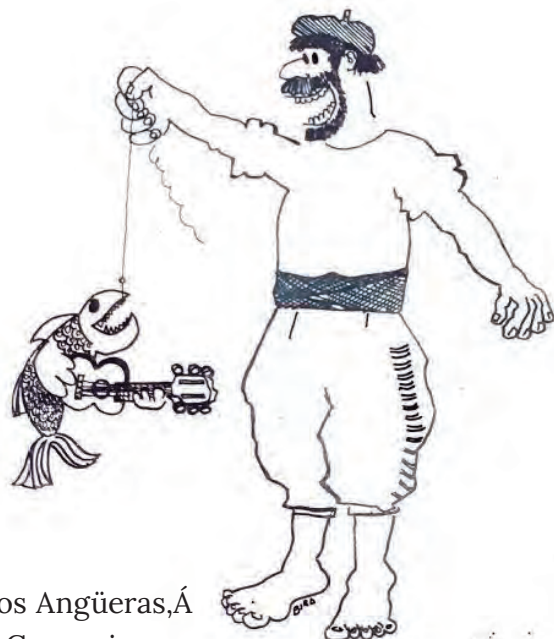
Nosso grupo foi batizado a partir da sugestão de um dos Angüeras, Aparicio Silva Rillo, remetendo a um vocábulo de origem Guaraní que significa “Espírito que volta” ou “Alma que se devolve ao corpo”.

O nome não poderia ser mais bem escolhido. A materialização mais evidente de nosso esforço é o Festival da Barranca, que organizamos desde 1972, durante a Semana Santa, à margem do rio Uruguai, em São Borja. A popular “Barranca” revigora anualmente nos barranqueiros seu espírito criativo, irreverente e, principalmente, de respeito e empatia aos companheiros e à Natureza.

A Barranca se reveste de algumas características que certamente são responsáveis pela sua longevidade e pelo seu prestígio.

Primeiro, a participação é reservada apenas a quem recebe o convite, que deve ser aprovado em reunião d’Os Angüeras. O critério é claro: o convidado é alguém que se chamaria para uma pescaria. Uma pescaria animada por poesia, música e camaradagem.

A origem da Barranca explica a segunda característica. O evento surgiu de uma conversa à beira do fogo, em conversas trocadas por amigos que se reuniam



anualmente para pescar. As condições de acomodação precárias dos primeiros anos da Barranca, associadas com o compromisso de manter os princípios fundantes do evento, explicam o veto ao ingresso de mulheres no acampamento.

A terceira característica é sinônimo de desafio. Os concorrentes do Festival da Barranca recebem um tema na sexta-feira, e tem aproximadamente 24 horas para compor suas canções inspirados por esse motivo.

A Barranca é mais que um festival, ou acampamento, ou competição musical, ou encontro de amigos. A Barranca é uma convocação generosa. É um projeto de civilização, de alguns dias é certo, que defende a convivência harmônica, e é divertida, de barranqueiros das mais diferentes origens e crenças.

O espírito barranqueiro é definido pelo local onde nos reunimos, desde sempre em acampamentos montados à beira do rio Uruguai. De alguns anos para cá, nos estabelecemos num pesqueiro cedido gentilmente pela Cerealista Albaruska, por iniciativa de Nelson Londero. A proximidade com o curso d'água nos reflete: já são três gerações de barranqueiros se sucedendo como numa correnteza, fluindo em suas diferenças, mas sempre afinados ao leito da arte e da amizade.

Queremos, na ocasião em que Os Angüeras já ultrapassam seus 60 anos e o Festival da Barranca a sua 50ª edição, lembrar dos fundadores de nosso grupo: Apparício e Suzy Rillo, Carlos e Maria Moreno, José e Magda Bicca, Sady Santiago e sua noiva Ana Rosa, Arwey e Mariazinha Orengo, Telmo de Lima Freitas e Vicente Goulart.

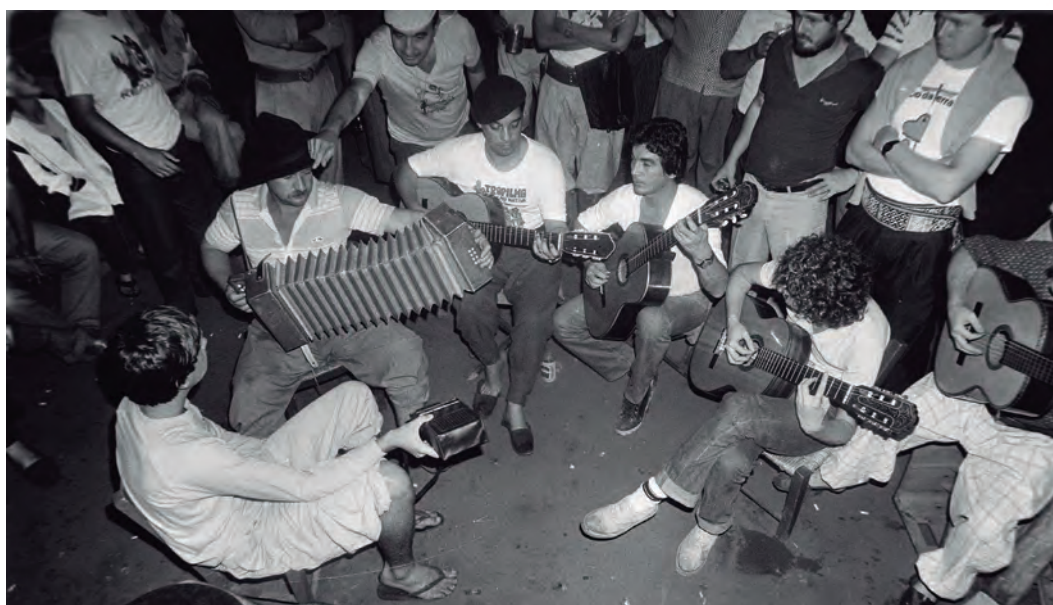
Convidamos ainda a que conheçam o nosso Museu da Estância, que funciona junto à sede d'Os Angüeras. O espaço reúne elementos da cultura material das Missões e da Fronteira gaúchas e realiza encenações que revivem a nossa tradição.

Agora, imagine que estamos na Semana Santa e que a Lua Cheia ilumina a noite. Estamos no rumo de um pesqueiro à beira do rio Uruguai.

GRUPO AMADOR DE ARTE – OS ANGÜERAS



■ Imagem de tertúlia durante a Barranca de 2015



■ Barranqueiros em plena tertúlia, registro de 1987

O MAPA

**Arruma, flor, minha mochila inteira,
tô de partida nessa quarta-feira, já não há
mais como poder ficar / Quando chegou-me
o eco da mensagem, meu coração já estava de
viagem rumo à fronteira, louco para chegar**

(Mauro Ferreira) – 1985



A Barranca é seguir o rastro até perder-se dentro de si. É um perder-se e achar-se.

Uma das definições mais próximas de explicar o que é o Festival da Barranca é aquela que o compara a um país. É

e fato, a Barranca tem um território. Depois de ter realizado algumas edições nos pesqueiros do Zuza Bicca, do Osmar Mezzomo e do Saladero, o acampamento estabeleceu sede desde 1996 em um pesqueiro localizado em terras da empresa Cerealista Albaruska, onde conta com uma estrutura fixa de galpão e banheiros. É

Os barranqueiros têm também sua própria moeda. Durante o festival, a moeda forte é o Manduca. Não se tem notícia de onde fica o Banco Central da Barranca, mas o Manduca sobreviveu já a cinco mudanças de moeda no Brasil desde 1972, e mantém firme a paridade 1 Manduca = 1 Real. É



A Barranca tem também sua alfândega. Depois de vencer 13 quilômetros desde São Borja e cruzar extensos campos de arroz, reponta a portaria desse “país”. Os gendarmes barranqueiros toleram tudo, menos a entrada de mulheres no acampamento e o acesso de quem não apresenta seu convite. Sim, só tem acesso quem possui passaporte. A lista dos convidados é definida pelos membros do Grupo Amador de Arte Os Angüeras com meses de antecedência. O contato com os felizardos se dá pessoalmente, por mensagem, ou por meio dos posteiros, que representam Os Angüeras nas maiores cidades. É

A Barranca está submetida a um conjunto de leis, embora estas não sejam escritas e se transmitam por tradição oral (ou bucal, como diriam os mais grossos). A regra fundamental é não encher o saco dos outros, não ser grosseiro, não falar de política, de religião ou de futebol. E ainda: não perturbe um barranqueiro quando ele estiver dormindo, e respeite quem estiver cantando ou declamando, mesmo que até os mosquitos e os bugios já tenham fugido do “artista”. É

E é indispensável beber bem. É

Aquele que transgride os mandamentos está sujeito à sanção, conforme Apparicio Silva Rillo descreveu em 1985: surge sempre “um velho barranqueiro para convidar os debatedores a tomarem um banho no Uruguai, para acalmar os ânimos e lavar o suor”.⁴

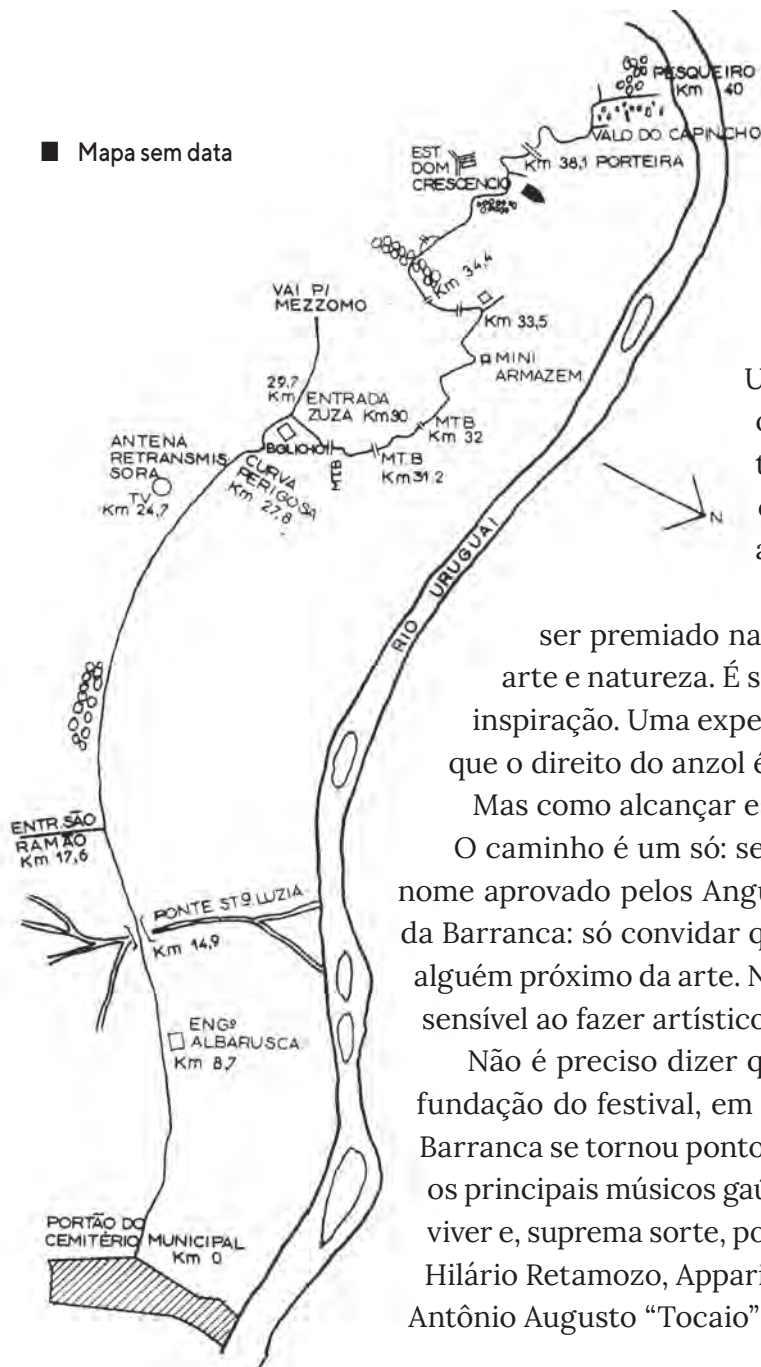
Nos casos mais graves, o desinfeliz será chamado na cincha pelo *Comissão da Puteada* e, pior, será tachado de *barbicacho*. Esse neologismo *barranqueiro* descreve aquele que é chato, que é gruda, que é inconveniente como o *barbicacho* que teima em cair sobre o queixo. Se nada disso resolver, o *barbicacho* terá seu passaporte *barranqueiro* confiscado e não mais receberá convite.

Luiz Carlos Ferreira, o *Mango Feio*, que integrava a *Comissão da Puteada* ao lado de Zé Bicca e de Telmo Motta, era encarregado da avaliação preliminar da tropa de *barbicachos*. Tão logo os novatos aportavam no acampamento, Luizão ia assuntar quem era, de onde vinha. A depender do desempenho, o recém-chegado perigava se alistar no famigerado *varal de cuzama*...

Mesmo com todo esse aparato legal, acontece de um *barbicacho* (ou sua variante – o *cataplasma*, assim batizado por Elton Saldanha) participar da *Barranca*. Isso gera situações exóticas, como quando um deles fincava linguíça ao comprido nos espetos. “Vai falar espeto!”, reclamava, ante o olhar incrédulo dos outros *barranqueiros*.



■ Mapa sem data



Na tentativa de melhorar o “arcabouço legal” nessa área, alguns barranqueiros propuseram em 2009 o PAC B. O projeto consistia em enviar para o chato um convite para participar da Barranca do Fim do Mundo, que seria realizada em Ushuaia, na Terra do Fogo. O convite elogiaria o cataplasma, seus múltiplos talentos, garantindo que ele tinha sido indicado para tomar o maior fogo da história... O projeto PAC B ainda tramita.

Receber convite para ir à Barranca é como ser premiado na loteria, tirando a sorte grande de amizade, arte e natureza. É ser convidado para uma pescaria de sonhos e inspiração. Uma experiência singular, onde por vezes se descobre que o direito do anzol é torto.

Mas como alcançar esse Xanadu missioneiro?

O caminho é um só: ser convidado por um barranqueiro, e ter seu nome aprovado pelos Angüeras. A regra é clara e remonta às origens da Barranca: só convidar quem tu chamarias para uma pescaria. E ser alguém próximo da arte. Não necessariamente um artista, mas alguém sensível ao fazer artístico.

Não é preciso dizer que não faltam pretendentes, e isso desde a fundação do festival, em 1972. Especialmente a partir dos anos 80, a Barranca se tornou ponto de chegada para uma romaria que conduzia os principais músicos gaúchos até o acampamento, ansiosos por conviver e, suprema sorte, por se tornarem parceiros de poetas como José Hilário Retamozo, Apparicio Silva Rillo, Caéco Batista, Miguel Bicca e Antônio Augusto “Tocaio” Ferreira, para citar alguns.

Como controlar a imigração? decidiu-se que cada barranqueiro receberia um mapa com as direções para chegar no acampamento. Nos primeiros anos, isso era indispensável, porque a sede do acampamento mudava de lugar periodicamente.

Mas, até se chegar na confecção do mapa, ia um eito.

A função começava ali por novembro, dezembro, com a realização de reuniões quase semanais d'Os Angüeras, além de jantares na sede do grupo, tertúlias nas varandas, conversas durante as pescarias. O planejamento seguia nos hotéis e palcos, nas constantes turnês que o grupo musical Os Angüeras realizava.

A afinação entre os Angüeras era tal que Apparicio Silva Rillo, dono de imobiliária em São Borja, pensou em criar um bairro com as casas dos membros todas perto uma das outras! E a proximidade de Zé Bicca e Rillo era ainda maior: eles se reuniam praticamente todos os sábados de manhã para matear, geralmente na casa de Bicca.

Suzy Rillo, viúva de Apparicio, diz que os meses que antecedia a Barranca eram de eletricidade pura. A residência do casal funcionava como uma espécie de quartel-general: se falava de estratégias, de mantimentos, de logística, de banheiros e de cozinhas, de palcos e de geladeiras, mas acima de tudo se falava de arte, de como transformar a arte em lei durante a Semana Santa. Pelas casas dos Angüeras circulavam Luiz Carlos Miranda “Caéco” Batista, Mano Lima, Rodrigo Bauer, Pedro Ortaça...

e fora parecia muito trabalho, mas Suzy garante que para Apparicio era como um recreio: “Ele levava coberta e pala para a Barranca. E também cobertores de reserva para outros barranqueiros. Já tinha a mala da Barranca pronta: bombacha, camisa, chinelo, alpargata, pelego vermelho. Na volta, retornava tudo embarrado... E ele, feliz, alegre, aliviado”.

A recomendação para os barranqueiros, no convite de 1991, é atemporal: “Traga sua barraca, sua viola afinada, sua faca, suas cuecas limpas, um par de camisetas e essas coisas mais que um acampamento dentro do mato, à beira do rio, exige de quem troca o asfalto pela Mãe Natureza, as buzinas dos carros pela toada dos mosquitos”.



COLEÇÃO
DE CONVITES
DA BARRANCA

Geralmente ficava para Suzy uma das tarefas mais importantes de cada Barranca: receber os convidados, e repassar a eles o mapa. Ah, o mapa do tesouro! Às vezes, acontecia de algum intrometido dar uma tenteada mesmo sem estar na lista. Suzy já tinha sua resposta-padrão: “Não sei onde estão”.Á

Aproveitando o assunto “mapa”, cabe falar um pouco sobre como começou a Barranca. Há quem assinale a Semana Santa de 1972 como o marco zero. Em março daquele ano, depois de um encontro entre amigos durante uma pescaria no “Pesqueiro da Bomba”, três meses após a realização da 1ª Califórnia da Canção Nativa, surgiu a ideia de realizar um minifestival. Ito e feito e cantado, concorreram três composições: de Antônio Augusto Fagundes (Nico), de CarlosÁ Castilho (o Passaronga) e da parceria Apparicio Rillo e José Bicca. Venceu aÁ criação de Nico, *Eu e o Rio*.

Também na pescaria, Ventura Menezes, Luiz Carlos Ferreira (o Mango Feio),Á Pedro Hoff, Milton Souza, Pedro Antonio Silva, João Carlos Rillo, Cláudio OraindiÁ Rodrigues, Telmo Baccin, Carlos Moreno (o Pimpim) e João Matte. A informalidade era tal que, para completar o corpo de jurados, foi preciso convidar Charuto,Á que estava pescando com a família perto do acampamento. Ái, um fato curioso.

Desde sua criação, a Barranca não permite a entrada de mulheres, uma discussãoÁ que faremosÁ maisÁ diante. MasÁ a primeira ediçãoÁ doÁ festival teveÁ a participação de gente “de fora”, inclusive mulheres, da família do jurado emprestado!Á

O Festival da Barranca foi a consolidação de um formato que era praticadoÁ desde os anos 60, quando Os Angüeras e alguns amigos aproveitavam o feriado da Semana Santa para prostrar, cantar, declamar e até pescar. A inspiração queÁ faltava chegou em dezembro de 1971, quando Uruguaiana realizou a primeira Califórnia da Canção Nativa. E quem foram os primeiros artistas a subirem ao palco da Califórnia? Os Angüeras, apresentando *Andarengo*. O grupo participou ainda das edições de 1972, 1973 e 1975. Talvez tenha sido essa experiência naÁ Califórnia pioneira, talvez tenha sido apenas um expediente para driblar a lombeira que afligia os pescadores depois do almoço, mas o fato é que a Barranca

surgiu assim, naturalmente, de uma conversa entre amigos que tinham a arte como interesse comum. Em um escrito, Rillo atribui a Passaronga a ideia de criar o minifestival, ao passo que o desafio de propor um tema como pauta para as composições teria partido do Tio Manduca. A certeza é que já se consolidava a decisão de realizar o Festival da Barranca sempre durante a Semana Santa e evitar o clima de competição acirrada que marcava a disputa em outros festivais.

O mapa devia estar certo, porque a Barranca se consolidou como o festival de música regional mais longevo do estado, se considerarmos que vem sendo realizado ininterruptamente desde 1972 sem interrupções que não as da pandemia.

Ao final de tudo, cada barranqueiro tem e faz sua própria Barranca, e a leva consigo para casa no domingo de Páscoa, torcendo pela chegada do convite no próximo ano...

Ou como melhor descreve Apparicio Silva Rillo, em parceria com Mario Barará (*Querência do Mundo*, 1994):

*A querência é bem do mundo,
Não tem fronteiras ou centro,
Quem pensa que ela está fora
Vai encontrá-la por dentro*

A HISTÓRIA DA BARRANCA

(Luiz Carlos Borges e Mauro Ferreira)

Primeiro alguém discursou de cima
d'um banco
Para um grupo que se formou junto
do barranco
Que a coisa tava mal
Que há muito só se pescava e só se bebia
E junto com a borracheira e a pescaria
Propôs um festival

No meio da discussão foi um alvoroço
Pegaram o elemento pelo pescoço
E fizeram se explicar
Fazer festival no mato é mais do que um sonho
É alucinação de um pobre medonho
Coisa de gambá

Mas logo já estavam juntos fazendo planos
Clareando a bruma que encobre os anos
Antevendo o dia
Aonde a semente boa dessa amizade
Pela franqueza e pela saudade
Virasse confraria

E assim se sonhou muitos anos atrás
E o rio Uruguai tudo testemunhou

E assim se sonhou muitos anos atrás
E o rio Uruguai tudo testemunhou

E hoje estamos aqui tanto tempo após
Porque Deus quis assim e olhou por nós
E o que era nascente virou a foz
Dessa comunhão
Pois quem é barranqueiro não morre mais
Vira um duende na Páscoa e vem pro Uruguai
Me dá um beijo no rosto e um sapucay
No meu coração

No sul desse meu Brasil há um país estranho
É grande sem ter limites, sem ter tamanho
E muda de lugar
Mas sempre está na fronteira
Onde a poesia recebe as asas da melodia
Para poder voar

A noite é maior que o dia, que os habitantes,
Embora vivam sempre distantes,
Nunca ficam sós
Pois levam no peito o sonho que nos encanta
Vai alegria e vai a Barranca
Onde vamos nós

■ Emitida pelo Banco Central da Barranca, a Manduca é a moeda do acampamento



■ Mapa de 2006



■ Comissão da Puteada (na foto, Zé Bicca de costas) põe ordem na Barranca. Foto de 1987



FOTO: JAIR ALAN

■ Barranqueiro ostentando o Troféu Barbicacho, em imagem de 1983

An aerial photograph showing a landscape with a wide, muddy river at the top. Below the river is a prominent, rocky hill with sparse vegetation. The foreground is dominated by a dense forest of green trees. A building with a corrugated metal roof is visible in the lower center, partially obscured by the trees. The overall scene is captured from a high angle, looking down on the terrain.

■ Vista aérea
do território
barranqueiro,
estabelecido
às margens do
rio Uruguai



O ACAMPAMENTO

**É peão com capataz / Letrado e analfabeto
/ Sovando o mesmo dialeto / No comum
do acampamento // Milongas de bocas
francas / Barro, barraca, barranca
/ Na santa paz desse evento**

(Elton Saldanha e Sérgio Jacaré Metz) – 1983



A Barranca e o acampamento

– é inventar um país em dois países.

Não há palavra melhor que “mutirão” para explicar como é feita a montagem do acampamento da Barranca. Mutirão é o aportuguesamento de uma palavra própria dos Tupi-Guarani motyrõ, que significa “reunião para a colheita ou construção”. Á

Nos primeiros tempos, uma pequena tropa de barranqueiros, suas mulheres e filhos, rumavam para o futuro local do acampamento uma semana antes da reunião com a missão de preparar o local para acolher seus convidados, e plantar e colher amizades. Á

Até a década de 80, quando o número de integrantes começou a crescer exponencialmente, a Barranca se assemelhava a um acampamento de pescaria melhorado. Á Bem melhorado, Á mas ainda um ambiente erguido à força da criatividade, solidariedade e recursos limitados.

Ao longo do tempo, a construção do acampamento foi coordenada e executada por Á Zé Bicca, Telmo Costa, Farelo Á Lima, Magal Trindade, Rossini Á

Rodrigues e Mario Canellas. Nos primeiros anos, Luizão ia uma semana antes para fazer o galpão principal, mas por vários anos o centro do acampamento era apenas um toldo de lona sustentado por taquaras. Era ali que ficava o fogo de chão – não se permitiam fogueiras nas barracas. Á

FOTO: JAIR ALAN



■ Foto de 1983 mostra a tenda central da Barranca

Se a Barranca é um país e há
tem um exército, pode-se dizer
que a barraca central era a sede
da grande roda.

Usava-se o recurso da linha
de montagem e da improvisa-
ção: Atelmo trazia a de sua
fazenda e as cortadas no
tamanho certo para a constru-
ção da cozinha e do galpão, mas
normalmente se lançavam mão
das taquaras do mato que cer-
cava o acampamento.

Zé Bicca, com sua vocação
de inventor, era peça impor-
tante na criação da estrutura

– ele chegou a cogitar construir uma bomba hidráulica para ser instalada no rio Uruguai. Os filhos de Angüeras tinham uma oportunidade rara: mesmo sem a idade mínima para se efetivarem barranqueiros (durante muito tempo foi de 13 anos para os filhos de Angüeras), participavam ativamente da construção. E lá iam puxar fio e carregar taquara Eduardo (filho de Zé Bicca), José Luiz (filho do Pimpim), João Batista e Silvestre (filhos de Miguel Bicca) e Timbó (filho de Pedro Antônio).

Em pouco mais de uma semana, estava montada a cidade barranqueira, esperando seus habitantes. O centro do acampamento era o toldo de lona onde aconteciam as apresentações musicais, às vezes sobre um pequeno palco improvisado, às vezes sobre a carroceria de um pequeno caminhão. No início, não havia amplificação, e houve uma Barranca em que o barulho da chuvarada era tal que os jurados tiveram de dividir o palco com os concorrentes para conseguir ouvir o que se cantava.



■ Caminhão serviu de palco em 1983. Ribamar Machado, Zé Bicca e João Julião

Os primeiros anos de Barranca coincidiram com a fase áurea do grupo musical Os Angüeras, e graças aos cachês recebidos era viável realizar o festival sem cobrar ingresso dos convidados. Com o tempo, o ingresso passou a ser uma garrafa de uísque. Ai, inexplicavelmente, começou a faltar bebida na Barranca... A solução foi reajustar o “preço” do ingresso para duas garrafas de uísque. Havia um rigoroso controle social sobre a contribuição de cada barranqueiro: se tivesse trazido um uísque de marca inferior ao Natu Nobilis, a garrafa ficava pendurada com uma etiqueta com o nome do barranqueiro escrito. Mas o fato é que se tomava igual o uísque... Os “ingressos” ficavam sobre uma mesa do acampamento, à disposição dos barranqueiros. Importante: durante muitos anos, a Barranca aconteceu de quinta a domingo (atualmente é de quinta a sábado).

A energia elétrica não chegava ao acampamento, e a iluminação era à base de lampiões. Como não havia freezer, uma equipe ficava encarregada de abastecer o acampamento de gelo. A bebida chegava num reboque, inclusive barris de chope. A estrutura inicial era apenas uma barraca para a cozinha e uma barraca para o parador. Depois, Zé Bicca conseguiu um gerador emprestado que funcionava a gasolina e garantia energia até determinado horário. Depois, só lampião, fogo de chão e a Lua Cheia.

Não havia banheiro ou chuveiro, ou melhor, havia o rio Uruguai e o matagal. Cada um trazia sua barraca ou dormia no carro. A alternativa era a tenda de lona central, onde podia-se ajeitar nos pelegos, que os colchonetes e colchões eram luxos raríssimos. Algum tempo depois, o toldo rudimentar foi substituído por um galpão coberto com quinha. A comunicação entre o acampamento e São Borja era feita por rádio.



■ Instalações sanitárias do acampamento em 1996

A cozinha era basicamente uma trempe e algumas caixas de isopor. Zé Bicca usava um tonel enorme rebocado em sua camionete para buscar água potável na fazenda. Fazia viagens de manhã e de tarde. A Barranca, entretanto, logo passou a ter uma vasta linha branca de equipamentos, graças a um gerador – quase do tamanho de um carro pequeno – que garantia o funcionamento de geladeiras e freezers. Talheres e pratos eram por conta dos anfitriões.

O acampamento funcionava como uma extensão da casa dos Angüeras, como se fosse um puxado com vários quartos de hóspede – e um grande pátio com vista para o rio. Um ano, Rillo teve a ideia de fixar uma plaquinha em cada barraca, na verdade um papel preso por alfinete, para identificar o “hóspede”. Em outra edição, se propôs a um esforço motivacional, pendurando bolsas de estopa abertas pelas árvores com versos. Alguns deles:

*Todos nós somos borrachos,
a canha é que é diferente*
(Glaucus Saraiva)

*A mão da enxada é a mesma da guitarra
O meu braço operário é de formiga
E a alma cantadeira é de cigarra*
(Antonio Augusto Ferreira)



■ Em família: Bagre, Neto e Nico Fagundes criando na Barranca de 1982

FOTO: JAIR ALAN

*A querência é bem do mundo,
Não tem extremos nem centro,
Quem a procura por fora
Vai encontrá-la por dentro*
(Apparicio Silva Rillo)

A tradição do carteadado também tinha adeptos barranqueiros. Houve algumas edições do Torneio de Truco, mas os duelos verbais entre os jogadores, que concorriam cabeça a cabeça com os agudos de peito das tertúlias, levaram à suspensão da competição. Há uma brecha na legislação: quem gosta de Truco pode jogá-lo a pelo menos 500 metros do acampamento.

FOTO: JAIR ALAN



■ Em 1982, Bagre Fagundes, Diogo Madruga Duarte (costas) e Luizão (à direita, de chapéu) no jogo de Truco

Estamos esquecendo de um convidado quase constante nas Barrancas: a chuva. Que sempre foi o tipo de convidado enjoado.

Em 1987, houve uma grande enchente do rio Uruguai. O acampamento estava montado no pesqueiro do Mezzomo. Quando os primeiros barranqueiros chegaram, na quinta-feira, o Uruguai já estava quase saindo do leito. Os que conheciam avisaram que vinha coisa feia. Às 3h, já começou a entrar água nas barracas. O acampamento foi desmontado às pressas, os caminhões foram carregados e

seguiram para a sede da estância do Mezzomo. dezenas de barranqueiros se acomodaram em um galpão de paredes metálicas. No outro dia, quem olhava o rio Uruguai só percebia algumas copas de árvores mais altas.

No ano seguinte a essa enchente, o acampamento foi montado num mato próximo ao galpão do Mezzomo. A estrutura já era melhor, inclusive com banheiros. Numa área limpa próxima ao acampamento, foi organizado um jogo de futebol entre os barranqueiros. Os integrantes de cada time foram sorteados, e jogaram os “Com camisa” versus os “Sem camisa”.

Em outro ano, escoraçados pela água que seus mandava, os barranqueiros se transferiram para um campo de futebol. O acampamento original se assemelhava a uma ilha, com os carros a meia roda dentro da água. Quase crucificaram o Farelo porque ele se negou a deixar a casa dele, na beira do rio, dizendo que sairia no outro dia de manhã. Pela manhã, até o trator já estava debaixo d’água.

epois que se construíram barragens, a questão das enchentes melhorou, mas ainda em 2011 a chuva voltou a castigar a Barranca. O dilúvio começou quando acontecia uma tertúlia no palco. Cabo éco estava declamando quando faltou energia elétrica no acampamento. epois de um momento de surpresa, o poeta virou para Lenin Nunez, que estava fazendo o costeadado para sua declamação, e deu seu grito de independência: “Segue, Lenin, que a arte nasceu desplugada”. E já vieram o pessoal do Tambo do Bando, Luiz Carlos Borges pegou na cordeona, e Pedro Povoeiro se ergueu no meio da multidão para declamar, iluminado pela luz da câmera de uma equipe da TVE, que estava fazendo um documentário na Barranca.

Havia expedientes mais pitorescos para enfrentar a chuva. Numa Barranca chuvosa, Cacau Rillo, irmão de Apparicio, ficava construindo com seu vistoso sapato marrom e branco um dique para evitar que a água apagasse o fogo.



■ Vista geral do galpão do acampamento em imagem de 1999



■ Em 2011, uma tempestade cortou a energia elétrica do acampamento, mas Luiz Carlos Borges (D) comandou tertúlia na escuridão

Quando não chovia, a Barranca era uma cidadezinha ruidosa, musical e pacata. A um canto, ficava a barraca de livros que o Martins Livreiro trazia de Porto Alegre. Também era por conta dele, geralmente na parceria com Pedro Hoff, os bolinhos de bacalhau que serviam de aperitivo para o peixe da Sexta-feira Santa. Pela proximidade com o rio, pela origem da Barranca e pela preceitos religiosos, o peixe era importante no cardápio. Nos primeiros anos, os peixes eram pescados lá mesmo, geralmente Piavas.

Em tempos mais recentes, os barranqueiros começaram a se organizar em núcleos com alguma autonomia

em relação ao galpão central. O fenômeno já era previsível face ao crescimento no número de barranqueiros e mesmo pela melhoria de recursos do acampamento, mas não deixa de ser um desvio da organização centralizada, inspirada no formato de um acampamento de pescaria. Um desses polos foi a chamada Portelinha, montada pelos barranqueiros jovens do núcleo de Uruguiana. O nome “portela” veio porque o personagem Juvenal Antena, vivido por Antonio Fagundes na novela *Duas Caras* (2002-2008), era líder e fundador da favela da Portelinha. Cezar Tasso, barranqueiro desde os primórdios, era o líder. Esse núcleo criativo começou a corresponder, a ir bem nos palcos da Barranca, mas decidiu encolher para não colaborar para uma possível desagregação do ambiente barranqueiro.

O acampamento é um protagonista da Barranca. Aconteceu ainda mais claro em 2019, quando um grupo de barranqueiros decidiu vencer a cavalo os 12 quilômetros que separam a sede dos Angüeras, em São Borja, e o acampamento. No piquete de por volta de 10 cavaleiros, várias gerações cavalgaram juntas: Telmo e seus filhos Licurgo e Felipe, mais seu neto Inácio; o assador Marcelo Lima e seu filho Marcelinho; Chico Bastos e seu irmão Luiz Neto, Elton Saldanha, Cabo éco, Pirisca Grecco, Apparicinho, entre outros. A cavalgada foi particularmente emocionante porque teve a presença de Miguel Bicca em sua última Barranca. Miguel era reconhecido pela sua veneração do homem campeiro. Antes de chegar ao acampamento, a comitiva fez uma parada no cemitério de São Borja. Em frente ao túmulo de Apparicio Silva Rillo, Cabo éco declamou a letra de *Timbre de Galo*, parceria de Rillo com Pedro Ortaça.

Depois os cavaleiros seguiram viagem. Era um dia quente, e os cavalos estavam nervosos, mas os cavaleiros entraram calmos e confiantes no acampamento. Ao chegarem, Cabo éco declamou novamente *Timbre de Galo* para dezenas de barranqueiros que aguardavam a chegada dos cavaleiros. Leia trecho abaixo:

Rio Grande, berro de touro
Quatro patas de cavalo
Quem não viveu este tempo
Vive esse tempo a cantá-lo
E eu canto porque me agrada
Neste meu timbre de galo
É verdade que alguns dizem
Que os tempos de hoje são outros
Que o campo é quase a cidade
E os chiripás estão rotos



Que as esporas silenciaram
Na carne morta dos potros
Cada um diz o que pensa
Isso aprendi de infância
Mas nunca esqueça o herege
Que as cidades de importância
Se ergueram nos alicerces
Dos fortins e das estâncias
(...)
Eu nasci no tempo errado
Ou andei muito depressa
Dei ó de casa em tapera
Fiquei devendo promessa
Mas se pudesse eu voltava
Pra onde o Rio Grande começa
(...)

Talvez pelos versos, talvez por se sentirem como que de volta ao lar, os cavalos se tranquilizaram ao chegar à clareira do acampamento.

A literatura também arma barraca na Barranca. Em 2005, foi criada uma sala de leitura no acampamento, com obras de Rillo, Tocaio Ferreira, Caécio Batista e Retamozo, entre outros. O próprio Tocaio inaugurou o espaço, que tinha seu nome.

Outra vez em que o acampamento foi protagonista ocorreu quando do aniversário do Nego Motta: dezenas de barranqueiros fizeram uma procissão pelo acampamento, tocando e cantando, portando velas. Um acontecimento.

Cinquenta anos fizeram muita diferença para a Barranca em termos de infraestrutura. A partir de 1996, o acampamento se realiza sempre no mesmo pesqueiro, no chamado Rincão de Santana, com terreno e algumas edificações

cedidos pela Cerealista Albaruska, por iniciativa de Nelson Londero. São oferecidos vários banheiros e boxes com chuveiro elétrico (embora alguns barranqueiros se proponham o desafio de evitar o banho por alguns dias). Agora existe pessoal contratado para limpeza do local e para trabalhos de cozinha. Até um bolicho funciona na Barranca, vendendo de trago a livros, de facas a CAs. A internet ainda é um problema: a depender de condições perfeitas de ventos solares, temperatura, pressão, altura do rio, hora do dia e posição relativa dos planetas e dos búzios, se consegue sinal junto a uma única árvore do acampamento. É necessário ficar numa perna só para conectar.



■ Seu Negrinho empenhado nos preparativos do acampamento em 2016

O compromisso com a Natureza é fundamento do Festival da Barranca desde sua origem. A revitalização da área do acampamento ganhou força em 2019, quando, atendendo a uma convocação feita pelos Angüeras, mais de 40 barranqueiros trouxeram de suas cidades mudas de árvores que foram plantadas atrás do “sobrado do Farelo”.

A profissionalização mais recente de alguns serviços não macula o espírito fundamental que ainda inspira os Angüeras e suas famílias. Toda Semana Santa é tempo de receber os amigos, e para isso é necessário reunir-se e construir uma estrutura que permita colher arte e amizade. O carro já não atola, a picape é 4x4. A luz já não falta (só quando chove muito!), os geradores estão de sobreaviso. Só enforca o banho quem quer. Os peixes são comprados congelados, até porque

haja rede para alimentar mais de duas centenas de barranqueiros.

Mas a essência do acampamento está lá: o mate cedo pela manhã, as rodas se formando espontaneamente, a desorganização organizada que garante a harmonia e relativiza a hierarquia, as tertúlias se sucedendo, a charla constante, tudo regido por regras não escritas mas imutáveis. Nas palavras de Rillo, “jurisprudência firmada no tempo e na experiência”.



■ Na foto de 2023, barranqueiros compõem à beira do rio Uruguai

Um dos princípios éticos dessa jurisprudência pontifica que não se deve mexer ou acordar um barranqueiro quando ele está dormindo. Não importa onde, ou de que jeito.

Carlos Cachoeira foi beneficiado por essa legislação em sua primeira Barranca. Havia uma tenda grande onde dormiam todos os que não tinham barraca. O barranqueiro Carreteiro, de Soledade, estava hospedado nessa tenda, usando uma cama de Campanha com pelego. Quando Cachoeira foi dormir, devidamente embalado, percebeu a cama na entrada da barraca e não hesitou – deitou-se e só foi acordar depois das 10h do outro dia. Bem, mas bem antes disso, o Carreteiro viu o Cachoeira na sua cama, não falou nada. Obediente ao mandamento, deu meia volta e ficou mateando até o outro acordar.

A relação da Barranca como um território emocional ganha materialidade nessa história. Servia em São Borja um coronel do Exército chamado Reynaldo Corrêa. Barranqueiro carioca, era comandante do 5º Regimento de Cavalaria Mecanizado e tocava violão, cantava e compunha. Morreu em 24 de junho de 2016. Deu instruções para espalhar suas cinzas por três lugares: a Cruz Grande (onde está enterrado o general João Manuel Mena Barreto), a pista de salto de cavalos e “O Jairo sabe o que tem de fazer”. Na Barranca de 2017, o barranqueiro Jairo Surubi levou os restos mortais do amigo para serem dispersas no acampamento da Barranca. As cinzas estavam guardadas dentro de um cantil militar. Foi feita uma roda, todos deram as mãos e rezaram. E as cinzas do coronel Reynaldo foram dispersas no local onde ele costumava dormir dentro do carro. É como a Barranca lida com a passagem do tempo.





■ Em 2019, os barranqueiros contribuíram com mudas para replantio na área do acampamento



FOTO: JAIR ALAN

■ Na segunda metade dos anos 80, um pequeno estrado servia de palco

FOTO: JAIR ALAN



■ Em 1984, Mario Barbará à frente de mesa com garrafas de uísque, que valiam como ingresso



■ Em 2005, Tocaio Ferreira inaugurou uma sala de leitura com seu nome



■ No registro de 2013, várias gerações de barranqueiros reunidos em tertúlia na Portelinha



■ Vista do bar do acampamento durante a Barranca de 2023



■ Em 2005, barranqueiros percorreram acampamento em procissão pelo aniversário de Nego Motta



■ Ambiente barranqueiro de Diogo Madruga Duarte, imagem do encontro de 2016



■ Barranqueiros fazem
roda para a Hora do
Generoso, na Barranca
da Enchente, em 1987





OS REENCONTROS

**Uma esperança entre dois países e umas raízes
para se firmar / E aqui chegando encontrei
irmãos se dando as mãos como num altar / E
abrindo os braços me tornei profeta cheio de
entusiasmo para anunciar / Não há ventura mais
certa e completa do que a certeza de se encontrar**

(Luiz Bastos, Guido Moraes e Miguel Bicca) - 1980



A Barranca é dura o tempo exato do abraço que um barranqueiro troca com outro.

Participar da Barranca é ter um encontro com a arte. No que alguns chamam de maior laboratório musical da América Latina, se misturam chamamés, milongas, valsas, sambas, limpa-bancos, toadas e até jazz. Artistas consagrados e músicos diletantes compartilham em pé de igualdade palco e tertúlia.



■ Em 2023, barranqueiros conferem o varal com imagens da Barranca do ano anterior

Mas a Barranca também é a arte do encontro. Foi assim que ela nasceu, emulando um encontro de pescadores, onde seus integrantes sentam-se em círculo, sem hierarquia.

O fato de ser um encontro exclusivo para convidados, de periodicidade anual, só aumenta a expectativa do encontro: quem estará lá? Algum barranqueiro novo? Será que vou dar conta do tema que vai ser escolhido no festival? Quero ser parceiro de beltrano, mas topo cicrano. Vai chover? O barranqueiro, por mais veterano, experimenta a cada ano, ainda que por instantes, a emoção do primeiro encontro.

Basta a primeira caminhada acampamento para o espírito descansar.



O rito de entrada inclui uma olhada ao largo no bolicho, uma passada na cozinha para cumprimentar a equipe de cozinheiros, conferir se os núcleos das cidades seguem onde sempre estiveram, as muitas paradas para cumprimentar os amigos, multiplicando o gesto mais emblemático da Barranca – o abraço.Á

Uma tradição é o Livro da Barranca, que faz uma retrospectiva visual de cada edição do festival por meio de fotos registradas por Emilio Pedroso. A cada ano, esse álbum é incorporado ao acervo de imagens d'Os Angüeras. Em ocasiões especiais, o acampamento ganha seu varal de fotos. Penduradas em fios, dezenas de imagens colhidas por Emilio registram a vida de barranqueiros.Á

■ Barraca de Zé Bicca era parada obrigatória no acampamento. Imagem de 2009

e eventos no Interior e mesmo na Capital ajudava a recrutar novos barranqueiros, afinados com a ideia de criar um “grupo de arte” ampliado.

A recepção na Barranca podia se dar também pelo humor e pela informalidade absoluta. Esse era o papel de Farelo, simbiose entre bobo da corte, gênio da raça, piadista compulsivo e ermitão. Mais que isso: Farelo era uma correnteza a inundar com irreverência e humor o acampamento, deixando todos absolutamente à vontade. E com um poder de reflexão invejável. Nelson Londero lembra de uma roda

de barranqueiros em que um deles fez o elogio: “Vida boa é a do Farelo! Não se preocupa com nada, vive na Natureza!”. E o Farelo respondeu: “Pois é, vocês têm razão. Mas tenho que dizer que, de vez em quando, também tem um marguinho...”.

Especialmente nas primeiras Barrancas, havia o costume de tratarem-se todos por apelido, algo natural porque, como já vimos antes, o acampamento é outro país. Na publicação *Barranca, Gente, Causos e Histórias*, de 1985, Rillo citou alguns dos heterônimos usados no acampamento àquela época: Luiz Carlos Ferreira (“Mango Feio”), Telmo Baccin (“Taioaba”), Zé Bicca (“Boludo”), Rillo (“Moda”, porque alguém chegou na casa dele um dia e perguntou se era ele que fazia “umas modinhas para fora”), Pedro Antonio Ornelles (“Fuça”), Miguel Fabricio Vieira (“Traia”), João Carlos Rillo (“Cacau”), Juarez Bittencourt (“Chuchu”), Ubirajara Fontoura (“Bira”) e Eduardo Bicca (“Tio Bicca” ou “Vô Bicca”)...

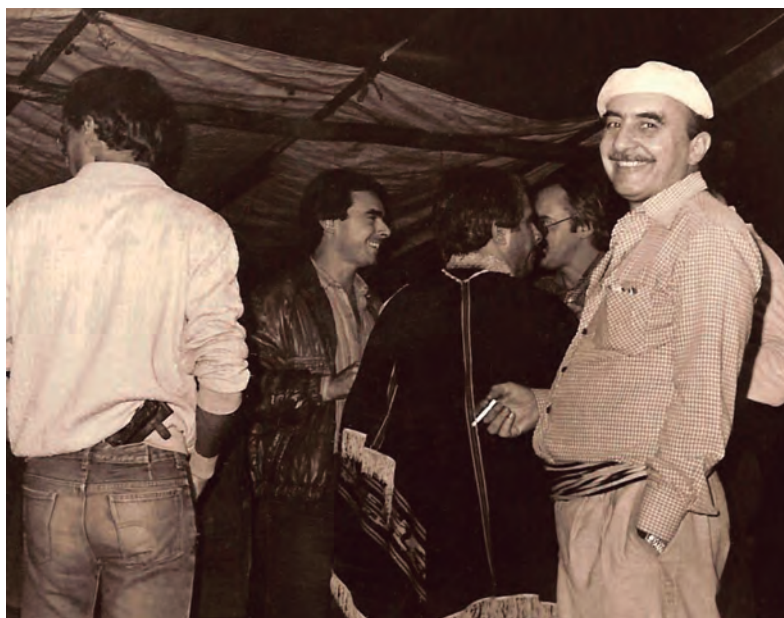


FOTO: JAIR ALAN

■ Apparicio Silva Rillo em imagem de 1983



■ Jacaré e o dormitório dos anus, montado em um caminhão boiadeiro emprestado por Nego Motta. Imagem de 1996

A estreia dos irmãos Vinícius e Maninho Brum na Barranca ilustra como era a recepção. As primeiras pessoas que eles encontraram foram Miguel Bicca e Farelo. Tímido, Vinícius perguntou a Miguel Bicca, famoso como cantor e compositor dos Angüeras, se haveria problema em trazer dois garraões de cachaça em vez do uísque combinado. Eles sabiam que o ingresso seria com uísque, mas não tinham dinheiro. Miguel o tranquilizou: “Sem problema. deixa comigo e com o Farelo que esses caras não vão beber uma cachaça boa dessa”.

Normalmente, fosse a hora que fosse, quem chegava era recebido com um capincho sempre na brasa. Zé Bicca e Rillo, especialmente, acordavam a hora que fosse para garantir uma boa acolhida. Se é a primeira impressão a que fica, a intenção era fazer o recém-chegado se sentir em casa e em família. E bem alimentado. O resto era consequência natural.

Denominados genericamente de Anus, os barranqueiros mais despreparados para a vida no acampamento mereciam uma atenção especial: era

normal os barranqueiros mais experientes dormirem até 5h, e depois cederem suas camas ou barracas para quem não tinha onde dormir. Ou os anos se viravam num caminhão boiadeiro que Nego Motta emprestava.Á

Nos anos 90, os barranqueiros de outras cidades, especialmente de Porto Alegre, tomaram a iniciativa de locar um ônibus até São Borja. Primeiro foi da empresa Azul, de Estrela,Á transportando porÁ volta de 30Á pessoas. O ônibusÁ era meio de transporte, mas também servia de dormitório. Na verdade, até o bagageiro do ônibus abrigava os barranqueiros menos exigentes no sono. O ônibus fazia várias paradas paraÁ recolher passageiros: São Sepé, SantaÁ Maria, Santo ngelo... Para custear oÁ custo do transporte, os barranqueiros aproveitavam essas paradas para realizar shows e recolher recursos paraÁ pagar o transporte. Essa foi a origem das famosas Caravanas da Barranca.Á

Não era raro a caravana chegar emÁ São Borja ali por 5h, 5h30 de quinta-feira e seguir direto ao porto para uma refeição de peixe. Era como um ritual. O seu Negrinho não reclamava de se acordar em plena madrugada e ir atender os barulhentos barranqueiros. O peixe do seu Negrinho era o aperitivo paraÁ a Barranca.

Ninguém escapa de sua Síndrome de 1ª Barranca. Os sintomas são passageiros e duram apenas o tempo em que se está no acampamento. Geralmente o paciente é acometido de um porre, em diferentes dosimetrias. E é de seÁ compreender: o barranqueiro como que cruza um portal que dá acesso aÁ artistas consagrados. CasoÁ esteja familiarizadoÁ com a cultura gaúcha,Á só paraÁ



■ União barranqueira faz a força para desatolar ônibus durante a Barranca de 1996

lembrar alguns poucos barranqueiros que já não se fazem presentes fisicamente, era possível dividir um mate, um trago e uma prosa com Nico Fagundes, Chaloy Jara, Tocaio Ferreira, Luiz Carlos Borges, Mario Barbará, Telmo de Lima Freitas, Pedro Ortaça, José Hilário Retamozo, Apparicio Silva Rillo, Zé e Miguel Á Bicca... E o Farelo (vamos chamá-lo de José Humberto Battanoli de Lima, para ficar mais respeitável). O porre, na verdade, seguia depois do domingo de

Paixão. Já estamos em casa, já de volta à rotina, mas o espírito do Generoso segue ecoando.

Um caso clássico de síndrome da 1ª Barranca teve como protagonista Pirisca Grecco. Na sua estreia como barranqueiro, em 2000, fez questão de subir ao palco na primeira tertúlia que pôde. E subiu meio que trocando as pernas, o alheio na boca, o enço na cabeça, brinco na orelha e língua solta. Ante a reação bem-humorada da plateia barranqueira, respondeu com um rocadilho inspirado, homenageando o poeta Vinicius Pitágoras. ““Eu pito, tu pitas, ele pita, nós pitamos, Á

vós pitais, Vinicius Pitágoras!”. Foi o que bastou: a partir do dia seguinte, quando andava pelo acampamento, não era mais o Pirisca, mas o “Eu pito, tu pitas”. Naquela Barranca, surfando no rocadilho, Pirisca compôs com Miguel Á Azambuja a canção “Eu rio, tu ris, ele Rillo”, até hoje em seu repertório.

O brinco do Pirisca remete a uma história que ilustra como é o acolhimento na Barranca. Quando o pessoal do Tambo do Bando se instalou na Barranca, houve algum estranhamento – a gurizada usava até brinco. Farelo Á



■ Pedro Ortaça (violão) e Rui Biriva (E) em tertúlia durante o acampamento de 1993

ficou constrangido com o que hoje se rotula de bullying e encaminhou o conflito no seu melhor estilo – valendo-se do humor. Foi até São Borja e comprou um brinco pingente de pressão. E passou a Barranca inteira com aquele brinco na orelha esquerda, por solidariedade ao Tambo do Bando.

Os encontros e reencontros na Barranca são naturalmente pessoais, mas por vezes se dão com ideias. São as chamadas palestras, que se realizam às tardes no Galpão, quando convidados compartilham suas experiências e seus talentos. Os temas das palestras se afinam com o ecletismo que caracteriza a Barranca.

Em 2014, a conferência foi com Tasso Bangel, acordeonista cofundador do Conjunto Farroupilha. Criado em 1948 com o apoio de Barbosa Lessa e Paixão Côrtes, o grupo se transferiu em 1956 para São Paulo e iniciou uma trajetória de sucesso nacional e internacional, especialmente entre os anos 50 e 60, caracterizada por criar arranjos vocais e orquestrais sofisticados para canções do folclore rio-grandense. O que aproximou Bangel da Barranca foi não apenas compartilhar, mas entender a música gaúcha como um ente vivo e permeável, mantendo o fundamento e aproximando-se do contemporâneo.

Outra conferência que marcou a história barranqueira nos anos 1990 teve como convidado Félix Peyrallo Carbajal, conferencista e construtor de relógios solares conhecido por levar uma vida nômade entre a América e a Europa. Carbajal também passou uma temporada em São Borja, construindo dois relógios na cidade: um em frente à prefeitura e o outro na praça do Passo. Famoso por seu conhecimento enciclopédico, o uruguaio partiu do conto O Rei Burguês, do nicaraguense Rubén Darío, para discutir a organização horizontal que marca a Barranca.



■ Na Barranca 1987, Farelo usou um brinco em solidariedade ao Tambo do Bando



■ Tocaio Ferreira em retrospectiva sobre sua obra poética no acampamento de 2005

O escritor e jornalista Airton Ortiz compartilhou relatos sobre suas viagens a mais de 80 países, incluindo a escalada do monte Kilimanjaro, na África, e a travessia pelo Alasca até o Oceano Ártico. Á Numa das conversas, ele falou sobre o Regionalismo no Mundo. Á Em 2019, Á Angelo Franco e amigos apresentaram um jogral que tinha por mote o indígena.

Luiz Carlos Borges concedeu uma entrevista contando e cantando sua trajetória desde quando começou na música aos nove anos, em Santo Ângelo. Em outra palestra, Á Borges falou sobre como foi o processo de criação do álbum *Itinerário de Rosa* (2008), em que ele musicou poemas da obra homônima de Rillo. Á

Tau Golin fez palestras sobre a Guerra Guaranítica (1753-1756) e Á sobre a importância da erva-mate para o povoamento do Rio Grande do Sul. Foi apresentado um audiovisual sobre Martim 21, O Último dos Carreiros, com fotografias de Pedro Hoff e texto de Apparicio Á Silva Rillo.

Tocaio Ferreira fez leituras de seus versos, que lhe valeram em 2001 o Troféu Negrinho do Pastoreio da poesia campeira do governo do Estado.

Em 2007, Carlos Cardinal fez uma explanação sobre o sentido da Evolução, apresentando o tema do Festival daquele ano. Em 2022, fez palestra sobre o naturalista francês Aimé Bonpland (1773-1858).

Por iniciativa de Marco Antônio Loguercio, artistas como Cabo éco, Vinícius Brum, Elton Saldanha, Nico Fagundes e Guanaco, em nome dos barranqueiros de Santa Rosa, foram convidados a falar sobre suas experiências na Barranca. Cassio Selaimen deu uma “aula” sobre construção e características de facas artesanais.

Um dos reencontros mais emocionantes da Barranca ocorreu em 1992, quando o acampamento era no Pesqueiro do Mezzomo. Ernando Coelho e Carlos Moreno (Pim-Pim) tinham deixado o grupo musical Os Angüeras no final de 1979, e desde então não tinham ido à Barranca. Loguercio costurou a presença dos dois no encontro daquele ano, o que por si já seria uma conquista. Mas o melhor ainda viria.

Julião, que era o vocalista principal d’Os Angüeras naquele período, não pôde ir à Barranca. Por uma coincidência, abria-se caminho para o reencontro dos velhos camaradas. Rillo encarregou Loguercio de produzir o “show do intervalo” da noite de quarta-feira. A questão era como viabilizar Miguel e Zé Bicca, mais Pim-Pim e Ernando juntos no palco novamente.

João de Almeida Neto ajudou nisso. Quando estava a caminho do banho, de toalha nas costas, foi convocado por Loguercio para acompanhar ao violão o quarteto. Faltava ensaiar. Rumaram todos para o Lobisomem, mas nada de ensaio: o que mais se fazia era lembrar e conversar e brincar e cantar. Até que o Pim-Pim alertou: “Mas vamos ao menos ensaiar uma para fazer bonito. Que tal *Cantiga de Rio e Remo*?” A canção fluiu como a Uruguai. Outro barranqueiro



■ Em 2023, Tau Golin apresentou seu trabalho sobre a importância da erva-mate para o povoamento do RS



■ Na imagem de 2006, Vinícius Brum e Mauro Ferreira e o prazer de ser barranqueiro

ali por perto elogiou, e Pim-Pim também se admirou: “Pra quem estava há 13 anos sem cantar junto, saiu bem!”.

O reencontro foi uma surpresa para os por volta de 60 barranqueiros que estavam no acampamento daquele ano. João de Almeida Neto preparou a entrada com habilidade: “A Barranca sempre prestigia os grupos novos, e agora vamos trazer um grupo que está iniciando. No palco, Miguel e Zé Bicca, Ernando e Pim-Pim”. A comoção foi geral, e não se precisa dizer que cantaram bem mais que *Cantiga de Rio e Remo*...

João ainda fez uma confissão. Disse que, quando era garoto em Uruguaiana, começando a cantar, todos diziam que ele se inspirava em Nelson Gonçalves. “Mas eu me espelhava mesmo no Pim-Pim”. Depois de muita música e emoção, os companheiros iam deixando o palco quando Milton Souza exigiu: “Não saem enquanto não fizerem o número da orquestra xucra!”. E Miguel e Zé voltaram ao palco e imitaram os sons de uma bandinha.

Como se vê, a Barranca é de fato e ao mesmo tempo a *arte do encontro* e o *encontro da arte*. Difícil de entender? Tente encontrar a solução com as pistas a seguir:

*Sua forma é a roda,
Seu idioma é a arte,
Sua fisionomia é o riso,
E seu gesto é o abraço.*

Há quem acredite em coincidências, mas aquele que pensa assim certamente não está alinhado entre os loucos que se reúnem toda Semana Santa à beira do rio Uruguai.



■ Nego Motta, Nico Fagundes e Zé Bicca: reencontro na Barranca de 2002



■ Barranqueiros acompanharam conferência do uruguaio Félix Peyrallo Carbajal em 1995



■ Airton Ortiz compartilhou impressões sobre suas viagens internacionais na Barranca de 2010



■ Nico Fagundes palestra, observado por Telmo Motta. Barrancas de 2009

■ Augustinho München, Jorge Freitas e Érlon Péricles criando arte no encontro de 2009



■ Zé Bicca e José Hilário Retamozo trocam abraço durante a Barranca de 2002



■ Na Barranca 2014, o Conjunto Farroupilha foi tema de palestra de seu membro fundador Tasso Bangel



■ Típica roda de tertúlia no Festival da Barranca de 2022



O GENEROSO

**Angüera, o Generoso, envelheceu e morreu
certo dia num fim de fandango e por bueno que
era se foi pro céu / Conta a lenda porém que o
Generoso volta a divertir-se pelos rincões onde
viveu / Sopra a chama das velas e candieiros, faz
estralar forros e janelas e tinir o encordado
das violas como se o vento bordoneasse nelas.**

(José Bicca e Apparicio Silva Rillo) - 1962



A Barranca e o nome na Quinta-feira Santa. Chapéu junto ao peito, as vozes soam como se fossem uma: “Eu me chamo Generoso!”.

Era início de 1962, e os integrantes do chamado Clube dos 13, de São Borja, decidiram pendurar as chuteiras (e os tênis e as congas, já que entre as práticas do clube estavam futebol de salão, vôlei e basquete) e investir nos talentos artísticos da turma. Estamos falando de Apparicio Silva Rillo, Carlos Crispim

Moreno, José Lewis Bicca, Telmo de Almeida Freitas, Vicente Goulart, Arwey Orenge e Sadi Santiago.

Ficou para Rillo pesquisar e encontrar um nome interessante para o grupo artístico, de preferência aludindo à origem missioneira de São Borja. A resposta estava esperando por Rillo na obra de Simões Lopes Neto, mais exatamente no texto *O Angüera*, termo de origem guarani que significa “Espírito que volta” ou “Alma que se devolve ao corpo”. Partindo daí, Rillo e Zé Bicca escreveram o que se tornaria o hino da pátria barranqueira, *O Canto a Angüera*.



■ Grupo musical Os Angüeras durante a abertura oficial da edição de 2013

CANTO A ANGÜERA

Angüera era
Um índio triste
Destes plainos e sertões
Ele não ria, não cantava.
Não dançava
Ele era triste, parecia um urutau

Porém, certo dia chegaram
as Missões
Uns padres de longe a fundar
Reduções...
E Angüera foi
Foi batizado e Generoso se chamou

Angüera, o selvagem, depois
de cristão
Virou fandanguero,
pachola e pimpão
Agora ria, sapateava, fandanguava
De riso aberto e Coração
sempre feliz...
Angüera, o Generoso envelheceu
E morreu certo dia num fim
de fandango
E, por bueno que era,
se foi para o Céu

Conta a lenda, porém,
Que o Generoso volta
A divertir-se pelos rincões onde viveu
Sopra as chamas das velas e
candeeiros

Faz estalar forros e janelas
E tinir o encordoadado das violas
Como se o vento bordoneasse nelas

E nos fandangos do rincão
faz-se presente
E se intromete na sala, divertido
Mas se o gaitero do baile é
bom de ouvido
Pega o verso de sempre que ele canta

Eu me chamo Generoso
Morador do Pirapó
Gosto de dançar com as moças
Nos bailes, de paletó...



CONTO O ANGÜERA,
DE SIMÕES LOPES
NETO



■ Mario Barbará e Miguel Bicca puxando o coro do Generoso na Barranca 2007

A última estrofe é o clímax da abertura de cada Barranca, sendo cantada com reverência e fé por cada e todo barranqueiro. É o marco zero do encontro, um ritual cheio de simbologias que raros percebem, mas todos sentem.Á

Em primeiro lugar, antes de entoarem o Generoso, são chamados ao palco todos os Angüeras e seus filhos, na reafirmação de uma tradição que a BarrancaÁ é uma responsabilidade que se estende e se fortalece por gerações. e pois ecoaÁ o verso “Eu me chamo Generoso”, como se fosse a verbalização de os barranqueiros todos estarem renunciando a sua individualidade e assumindo os ideais do prazenteiro indígena.Á

Lendo o texto original de Simões Lopes Neto, vemos que ao converter-se ao Cristianismo o Angüera deixa de ser “forçado e valente”. O que não deixa de ser uma renúncia ao estereótipo do macho truculento. A transição de Angüera

para Generoso é descrita como uma “cobra que deixa a casca”, e a Barranca tem muito de liberação, de permitir que a emoção se manifeste livremente. O nivelamento (ou apagamento) social acordado pelos barranqueiros também aparece de alguma forma na lenda quando se lê que o Generoso apronta em todos os lugares, seja “nas estâncias ricas ou (...) nos ranchos do pobrerio”.

Todos esses valores parecem animar o coro masculino que se ouve na quinta-feira à noite, abrindo a tertúlia oficial no palco da Barranca. Não é raro barranqueiros chorarem ao cantar. Há quem compare o momento com uma evangelização, algo litúrgico. O chamado do Generoso repercute nos veteranos e nos novatos. Ubiratan Rodrigues é barranqueiro desde 2015, e conta que, na versão virtual da Barranca durante a pandemia, ele estava acompanhando a cerimônia sozinho na sala de casa. Quando começou o Generoso, ele levantou-se espontaneamente e cantou o hino para surpresa de sua esposa, que nunca tinha visto o marido tão compenetrado.

Os versos da estrofe também colocam em cena a grande ausente na Barranca: a mulher. O Generoso chega a trajar um paletó para dançar com as moças, olhem só!

É regra a estranheza quando se explica que a Barranca não admite mulheres, em uma rejeição que talvez tenda a enfraquecer em tempos quando outros grupos propõem encontros fechados como forma de reforçar sua identidade e fortalecer seu território e imaginário. No caso da Barranca há várias explicações, entre elas a de que a origem do encontro foi uma pescaria de amigos homens. Especialmente nas primeiras décadas, as condições de acomodação e higiene estavam longe das ideais.

Uma explicação, endossada pela própria viúva de Apparicio, Suzy, é a de que os dias no acampamento significavam, na prática, férias conjugais, um hiato na convivência dos casais que devolvia os homens melhores a suas mulheres. Não esquecendo que as próprias mulheres dos barranqueiros de São Borja costumavam promover eventos só entre elas durante a Barranca. Outra propõe a teoria



■ Luiz Carlos Borges (D) acompanha ao acordeão barranqueiros cantarem o Generoso, na abertura de 2003

de que os homens têm um pouco de medo das mulheres, e a Barranca serviria quase como uma terapia de apoio. Não se sabe o que Farelo acharia disso.

Estar entre amigos, como na situação da Barranca, garante um relaxamento social, de protocolos, de convenções. É desvestir os papéis sociais, o que implica, de alguma forma, abolir temporariamente a família. Os barranqueiros se permitem até ser guris na Barranca... É o que o acampamento significa: estar à parte da realidade imediata, distante das convenções, dos alinhamentos políticos e sociais. É um equilíbrio delicado, mas parece que o Generoso tem olhado pelos barranqueiros ao longo desses mais de 50 anos.



■ Telmo Motta declara aberta a 50ª edição do Festival da Barranca, no encontro de 2023

Como afirma Mauro Ferreira, autor de *Partida*, campeã da edição de 1985, canção celebrada como a que melhor canta a relação entre o barranqueiro e a sua família: “O coro de vozes do Generoso é algo místico, que me reporta àquela Barranca que a gente entrou e da qual nunca mais saiu. Até hoje, escuto quantas vezes for possível. Ligo o play na memória e isso retorna”. A

Os barranqueiros que ligarem o play para lembrarem como foi a apresentação de Mauro Ferreira sozinho ao violão, apresentando *Partida*, vão lembrar que vários barranqueiros, inclusive Rillo, não contiveram as lágrimas. É a emoção que o Generoso inspira.



■ Reverência de várias gerações à tradição: Marco Antonio, neto de Apparicio Silva Rillo, estreou em 1998 na Barranca, aos 13 anos



■ Na Barranca de 1996, os barranqueiros se irmanam na evocação do Generoso



A BOIA

**E assim imerso no amargo / Viola de canto largo /
Se vestiu de poesia // Sentado ao fogo pensava / Mas
de repente voava / Nos versos que lhe surgiam // O
costume se conserva / E embora se troque a erva /
Não se perdem os ideais // O mate nunca é lavado /
Pois se descobre o passado / Nos avios de quem se vai**

(José Bicca, Pedro Julião e Rodrigo Bauer) - 1996



A Barranca é alimentar a alma, mas sem descuidar da trempe, que daqui a pouco o Vô Bicca já libera a carne de panela.

Quando amanhece o dia, e os últimos barranqueiros se retiram para as barracas, é possível ouvir o rio Uruguai. Antes disso, impossível não embarcar na trilha sonora de cordeonas, violões, bombos legüeros e cajóns que se distribuem pelas várias rodas do acampamento. O som das palavras nas rodas de poesia é sempre bem-vindo. A falação barranqueira, entremeada por risadas e um fiadaputa vez em quando, também diverte.



■ Telmo Costa,
Seu Gringo,
Léo Sperandio,
Valentim,
Bonifácio e
Jairo Surubi na
Barranca de 1993



■ Nos anos 80, bastava uma bancada e dois panelões para garantir a boia. Na foto, os quatro barranqueiros mais à frente são Pedro Hoff, Léo Sperandio, Tio Nica “Lambari” e Miguel Bicca

Mas talvez o som mais ansiado pelos barranqueiros é quando o chefe da cozinha vai até um pequeno sino suspenso e dá o sinal de almoço ou de janta.Á

Em poucos minutos, os barranqueiros já lotam as longas mesas do galpão, se sentam no palco, espalham cadeiras. É um dos momentos mais importantes da democracia barranqueira: a teu lado, pode sentar um desembargador, umÁ contrabaixista, um comerciante, um ex-governador, e a conversa se desenvolveÁ entre iguais. A hora de comer é a hora de conviver.Á

Os Angüeras praticam isso desde o início dos anos 70. Nos acampamentos queÁ realizavam em Uruguaiana, durante as Califórrias da Canção Nativa, oferecer aÁ carne e o trago para os visitantes era item fundamental da hospitalidade. A iniÁ ciativa dos Angüeras, inclusive, pode ser vista como semente da Cidade de Lona,Á pequena urbe de barracas que veio a caracterizar a Califórria alguns anos depois.Á

A orientação gastronômica barranqueira rendeu um breve discurso de Zé Bicca: “Vamos de comida campeira, ensopado de mandioca, carne à vontade, e quem reclamar que vá comer no hotel”. O cardápio campeiro, no entanto, pode incluir pratos especiais, como o sarrabulho, um prato típico da culinária portuguesa composto por um guisado com os miúdos do porco e cabrito com sangue. As doações eram valiosas: Vitor de Conti, de Santa Rosa, capitaneando barran-



■ Em imagem de 1993, panelão com o bendito restaurador de porres

queiros da cidade, colaborou algumas vezes emprestando um caminhão para transporte de leitões, que foram assados no rolete. Também Zuza Bicca, Osmar Mezzomo, Hermes Mourado e Manoel Palmeiro doaram reses.

Nos primeiros tempos, Telmo “Taioba” Baccin era o cozinheiro-mor – e contava com ajudante não propriamente para a lida da cozinha, mas para prevenir que Taioba não caísse no fogo... Quatro equipes se quarteavam na cozinha, lideradas por Luizão, Miguel Bicca, Taioba e Pedro Hoff.

Todos eram exímios cozinheiros, e tinham seu trabalho facilitado porque não havia a tropa de acampados que há hoje. Os barranqueiros se serviam direto na panela, e o peixe era pescado direto no Uruguai. Outros “chefs” famosos: Carreteiro e Nego Telmo, sem esquecer dos tradicionais bolinhos de bacalhau do Martins Livreiro.

Alguns barranqueiros eram campeiros roxos: Miguel Bicca, Luizão, Farelo, Marcelo Lima e Nego Telmo. Farelo também desempenhava na cozinha campeira. Outros nomes a destacar: Vô Bicca e sua famosa carne de panela, Geny “Corvinho” Trindade e Carlos Castilho, este inclusive autor do *Livro O Rio Grande*



■ Rogério Rocha,
Jairo Surubi e
Dario Quevedo
empenhados na
fritura dos peixes.
Barranca de 2019

em *Receitas: Origens Históricas e Sabores que Formam a Culinária Gaúcha* (2005). E tudo isso considerando que nos primeiros anos de Barranca não havia energia elétrica: os mantimentos eram preservados por gelo.Á

A importância da boia era tal que em 1976, por iniciativa de Nico Fagundes, foi criado o 1º Concurso de Culinária da Barranca, que infelizmente teve vida curta.Á A primeira edição foi vencida por Luizão, Pedro e Telmo, com direito a troféu.Á

Com o crescimento da Barranca, ficou para trás o tempo em que o peixe servido na Sexta-feira era pescado e limpo ali mesmo no rio Uruguai, pelos barranqueiros. Ficou no passado também a época em que a comida era preparada sob uma barraca de lona em uma tremepe, que é uma chapa de ferro com buracos arredondados colocada sobre o fogão a lenha para sustentar as panelas.Á Os cozinheiros acabavam com os pelos das pernas queimados...Á

Hoje em dia, para o café da manhã, existe um pequeno anexo junto ao galpão que oferece água quente, café solúvel, leite em pó, margarina e bolachão (que antigamente era feito com gordura animal para preservar). Há um fogão para quem quiser fritar ovos – chegam a ser consumidos 800 ovos por dia na Barranca. Há alguns anos, Rossini chegou a desenhar um pôster motivacional que ficava no recanto do café, citando Balzac: “Quando bebemos café, as ideias marcham como um exército”.^Á

O almoço tem seus pratos já tradicionais: na quinta, carne de ovelha; na sexta, Piava; no sábado, serve-se churrasco. Como acompanhamento, todo dia tem carreteiro, mandioca com carne, salada e feijão, mais a salada campeira de ovo cozido, pepino, tempero, verdes, cebola, tomate e batata inglesa. É proibida^Á a maionese, porque pode estragar, e qualquer prato que inclua mel, porque as abelhas vêm em cima. Importante: ai do barranqueiro que ousar atrapalhar ou destampar panela.



■ Daniel Stock e Seu Bonifácio “pilotando” as panelas na Barranca de 2016

Às vezes o cardápio é diferenciado. Por iniciativa de Marco Antonio^Á Loguercio, houve anos em que se promovia^Á o “Almoço do Poeta”.^Á Quando se servia da refeição, o barranqueiro^Á recebia um papel com versos de Nico Fagundes, Caéco Batista e Tocaio^Á Ferreira, em homenagem aos poetas.^Á

Uma panela de comida tradicional, porém, sempre está no fogão. Ela contém o bendito restaurador de porres, sempre^Á de plantão^Á para quem chega^Á de madrugada ou quer restaurar as forças. É um sopão de galinha e legumes, à disposição de quarta a sábado.^Á

Como preparar comida para uma tropa que já superou 300 pessoas? O cozinheiro Bonifácio Rodrigues afirma que não liga para números: “Olho para o palco, vejo quanta gente tem lá e já calculo o total de barranqueiros. Meu método é *cozinhando e observando*. É tudo no olho e na prática”. Mas se é para falar de números, aqui vai uma tabelinha: 1 refeição para 330 homens, 3 panelas de carreteiro (caçarola para 6 kg de arroz), com 5 kg de charque em cada panela, mais 12 kg de feijão com bacon de porco. Mais um sopão de mandioca. Na Sexta-feira Santa, 90 quilos de Piava para a turma. Fácil, não é?

Bonifácio e Atacyr Moraes dos Santos (o Gringo) eram os líderes da cozinha. O Gringo, cujo nome hoje batiza a cozinha do acampamento, é um exemplo de que apenas ser cozinheiro não basta na Barranca. Em 1998 trocou os fogões alimentados a lenha pelo palco, participando de uma performance no Quá-Quá:

– Me convidaram para participar de uma apresentação deles batendo umas tampas de panela. Não vou me esquecer, eram todos homens grandes, que via crescer, todos agora são doutores.

Ao final de cada refeição, depois de comer em um refeitório com vista para o rio Uruguai, todo barranqueiro sabe que está no lugar certo na hora certa. Quem é bem recebido na Barranca jamais esquece. Se não voltar presencialmente, voltará pelas lembranças, que certamente terão o sabor de uma cozinha aberta 24 horas por dia, erguida à beira do rio Uruguai, a 13 km de São Borja.



■ Seu Gringo (D) participou do Qua-Quá batendo panelas, em 1994



■ Peixe assado é o cardápio da sexta-feira barranqueira. Imagem de 2014



■ À beira da trempe: Seu Gringo, Léo Sperandio, Valentim, João, Rogério Rocha, Pedro Hoff, Seu Bonifácio e Rossini Rodrigues. Imagem do encontro de 1994



■ Churrasco de carne bovina é cardápio do sábado na Barranca. Foto de 1998



■ Em foto de 2011, Seu Gringo e Seu Bonifácio na cozinha do acampamento



■ Quinta-feira é dia
de churrasco de
ovelha. Foto do
acampamento de
2013





AS RODAS

**Que estranha força nos une / Neste confim
de fronteira / Senão a busca do instinto / Por
outra alma parceira / Somos iguais na verdade
/ Parceiros numa canção / Que o rio compõe
nas barrancas / Em sexta-feira e paixão**

(Luiz Carlos Borges e José Fernando Gonzales) - 1993



A Barranca é onde o mundo é realmente redondo. Nas rodas de tertúlia, a forma circular desenha a igualdade barranqueira.

O círculo é a marca do coletivo sem hierarquias, do grupo em que todos se olham do mesmo ponto de vista, do somatório de iguais.Á

Por isso as rodas de samba e pagode, a organização da ciranda pernambucanaÁ e da capoeira. Crianças brincam de roda, indígenas celebram em roda, os poetasÁ urbanos das batalhas de slam duelam em roda. Atletas comemoram conquistas coletivasÁ emÁ círculo.Á PescadoresÁ contamÁ histórias rodeando aÁ fogueira,Á peõesÁ e estancieiros cercam os fogos de chão.Á

E a roda é a forma de organização mais intuitiva da democracia na Barranca.Á



■ Reunidos em Barranca dos anos 80, Telmo Motta, Milton Souza, Pedro Hoff, Miguel Bicca, Nando Coelho e Chacal

ComoÁ jáÁ brincouÁ umÁ barranqueiro:Á “Aqui, quem toma uns tragos a maisÁ não é a pessoa jurídica, mas a pessoa física”. Como Zé Bicca prevenia: “Aqui seÁ reúnemÁ escritores,Á historiadores,Á juizes,Á músicosÁ eÁ desembargadores,Á generais e políticos. Mas sempre avisoÁ que na Barranca não há distinção, nemÁ a tal imunidade parlamentar”.Á

esde a roda formada em torno doÁ fogo de uma pescaria de 1972, a práticaÁ e a simbologia do círculo de barranqueiros não se alteraram. Inexiste um



protocolo rígido: dois ou três estão mateando ou tocando algum instrumento, chega mais um, vem outro, a arte surge. O talento musical ou o entusiasmo da roda atrai mais gente, e a tertúlia está formada. E se multiplica. As tertúlias de sexta-feira pela manhã especialmente são fortes. Não é raro diletantes lado a lado com Nico Fagundes, Airton Ortiz, Sergio Rojas, Tadeu Martins, Telmo de Lima Freitas, Érlon Péricles, Elton Saldanha, Cenair Maicá, Bagre Fagundes, Chaloy Jara, Eraci Rocha, César Lindermeyer e Airton Pimentel. Á

Havia uma trinca de SantoÁ ngelo que chegava no acampamento e só paravaÁ de cantar quando ia embora: Jorge Freitas, Augustinho München e o acordeonistaÁ

■ Nessa roda do início dos anos 80 estão Apparicio Silva Rillo, Chaloy Jara, Cenair Maicá, Ubirajara Raffo Constant, Zé Bicca, Miguel Bicca, Telmo Motta e Pedro Ayub Julião



■ Na Barranca de 2003, Yamandu Costa trocou o violão pelo acordeão

Renner. Uma madrugada foi especial: Yamandu Costa, Elton Saldanha e Farelo, entre outros barranqueiros, estavam numa tertúlia com Pertônico ao acordeão. e brincadeira, eles iam trocando o tom das músicas, mas Pertônico seguia acompanhando. ~~Áinda brincava, Ámeio Áormindo: Áacham Á~~ que não sei que trocaram de tom?” Á

Uma das rodas mais icônicas da Barranca foi quando Á Luiz Carlos Borges e Elton Saldanha tocaram sem parar Á por mais de 36 horas enquanto os barranqueiros se sucediam, com outras cordeonas, violões, pandeiros, vozes. Á Tão importante como os instrumentistas são as sugestões que brotam e dão combustível e movimento à roda. Outra passagem foi quando Farelo “enfrentou” Yamandu Costa. Á Enquanto fazia base para Yamandu solar, Farelo não foi Á modesto (nem muito exato): “Fui eu quem ensinou a pri-

meira milonga pra esse guri!”. Yamandu, por sinal, quando está na Barranca, Á canta e toca acordeão...

Quem viu não esquece de Luiz Carlos Borges dividindo o palco com o violonista Lúcio Yanel e o rei do Chamamé, Tarragó Ros. Os Angüeras sempre se impõem, como se fosse a trilha sonora da Barranca. Emocionante foi também Á quando Zé Bicca convidou om Lagarto, logo depois da abertura de uma das Barrancas, a exhibir seus dotes como pandeirista. Família de artistas: om Lagarto Á é irmão de Luiz Carlos Borges. Á

Na verdade, não é só a música que mobiliza os barranqueiros. Nos primeiros Á anos da Barranca, o círculo se formava debaixo da lona central depois do jantar, Á e cada um dos barranqueiros tinha de contar causos, ou tocar um instrumento, Á ou discursar, ou declamar. Havia performances elaboradas: Rillo às vezes encestava os versos, como no seu poema *No Bolicho*, em que descreve o desabafo de um gaúcho de coração partido e um bolicheiro. Á



POEMA
NO BOLICHO

Havia também a Trova do Boi Barroso. Depois de formar a roda, Zé Bicca tocava violão e cantava “Meu Boi Barroso / Meu boi pitanga / O teu lugar, ai / É lá na canga”... E quem estava na roda tinha de dar um verso. Quando chegou a vez do Rillo, o Nico Fagundes vinha se aproximando do grupo. Rillo largou: “Lá vem o Nico Fagundes / Alegre e todo garboso / Tocando saxofone / Na p... do Boi Barroso”. Foi uma risaiada.Á

Nos anos 80, aconteceram trovas históricas, com a participação de Pedro Ortaça, Cenair Maicá e Nico Fagundes. As disputas entre os trovadores surgiam do nada – de repente já chegava um gaiteiro para costear, as rimas ecoavam do outro lado do acampamento, e o espetáculo estava completo, terminando sempre em risadas de parte a parte.

Certo é que se vive num ambiente de camaradagem, mas fique atento para as empulhas. Essa foi durante uma tertúlia, em que Zé Bicca teve de sair para desaguar. O violão dele passou para Pedro Antonio Dornelles da Silva, que não era artista, mas tinha ouvido bom. A roda seguiu, se sobressaindo a voz de um barranqueiro des-temido, mas desafinado. Pedro Antonio não perdeu a chance: “Peraí que vou desafinar o violão para te acompanhar”. Pedro não perdeu a piada, mas a tertúlia perdeu um cantor...Á

Nas rodas da Barranca, às vezes nem é preciso cantar. As conversas em torno de um fogo de chão transitam da migração dos pássaros na região missioneira até o câmbio do peso argentino, da confissão de como é duro conviver com familiares até a discussão sobre se o Bugio é de fato o único ritmo gaúcho.



■ Flagrante barranqueiro no início dos anos 80: sentados, Pedro Osório, Tau Golin e Cenair Maicá

ACERVO DE FAUSTO JOSÉ DOMINGUES

Muitas vezes, artistas principiantes trocam ideias sobre estética, mercado de trabalho e inspiração com artistas mais experientes. É como se fosse uma rede social sem internet, na beira do fogo.Á

O crescimento do número de barranqueiros multiplicou o número de tertúlias no acampamento, resultando numa fragmentação que não existia nos primeiros tempos. Nos primeiros anos, a “grande roda” era o evento que monopolizava as atenções, como se fosse a “ágora” da Barranca, que era como os gregos chamavam os grandes espaços livres onde os cidadãos se reuniam.Á

Como praticamente desde a fundação, a Barranca tem como grande desafio obter coesão quando valoriza a individualidade e a autonomia.Á e toda maneira,Á são as rodas de tertúlia que fazem girar a Barranca.Á



■ Rodas se formam espontaneamente no acampamento. Imagem colhida na Barranca 2015



■ Música em família na Barranca de 1987 a cargo dos irmãos Dom Lagarto e Luiz Carlos Borges



■ Dom Lagarto exibindo seu talento no pandeiro, observado por Zé Bicca. Imagem de 1992



FOTO: JAIR ALAN

■ Roda de trova com Dom Lagarto, Pedro Ortaça, Telmo Motta, Bagre Fagundes, Tasso Gomes, Luiz Bastos e Cenair Maicá durante o encontro de 1982



■ Lagoa troca versos com Telmo Lima de Freitas na Barranca de 2010

- No acampamento de 1983, Mano Lima, Bira Fontoura e Gentil, exímio na gaita de boca

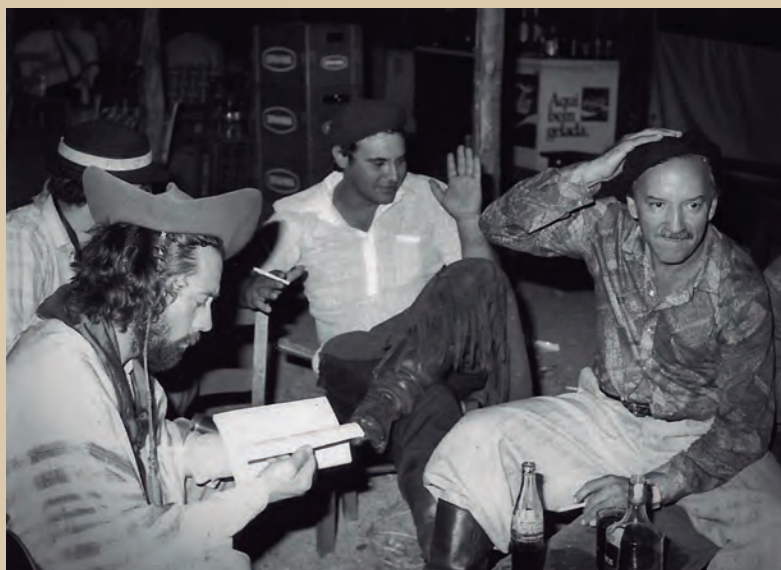


FOTO: JAIR ALAN



- Bira Fontoura, que fazia as ilustrações dos convites, desenhando durante uma tertúlia. Barranca 1987

■ Rillo sendo
reverenciado na
Barranca 1995. Na
foto, Loguercio,
Vinícius Brum.
João de Almeida
Neto e Luiz Carlos
Borges, entre
outros



■ Informalidade
marca as rodas no
acampamento.
Imagem da
Barranca de 2013



■ Tertúlia em 2011. Em alguns minutos, cairia um vendaval e faltaria luz na Barranca



■ Alpendre da casa do Farelo é local de criar música. Registro do ano de 2015



■ Roda formada ao lado do galpão central durante o acampamento de 2015





A PALAVRA

**Todos os caminhos estão dentro do homem
/ Sulcos de amor ou cicatriz de ódio / Toda
palavra é gume oculto e corta / A ingênua
intenção do poeta / De semear a paz**

(José Hilário Retamozo)



A Barranca é soltar a voz. Declamar, trovar, cantar, empulhar, filosofar, jogar conversa fora, todos esses são verbos que estão na boca do povo barranqueiro.

O ditado diz: “Palavra é prata, e o silêncio é ouro”. Na Barranca, a palavra vale mais que ouro. Muito mais! A palavra é o que mata a saudade e reaviva a amizade. Uma expressão mal colocada e você já é a mais nova vítima da empulha (e o pior é quando “Uma chuvinha por cima...”). Estaque para as memoráveis sessões de causos do Lagoa e do Farelo, sempre depois do almoço – porque se sabe que o riso ajuda na digestão. Eram oportunidades únicas de descobrir que Noé era um

contrabandista do rio Uruguai e tio de Bento Gonçalves. E que tudo ia bem até que um tal de Golias, que era um vasto uruguaio, invadiu São Gabriel, e que nessa peleia morreu Joana d’Arc, que por sua vez era amante do Salomão...

Miguel Bicca também era afamado contador de causos, e alguns colocam as suas contações como a semente nas mostras e concursos de poesia que viriam mais adiante. Carlos Cardinal, de São Luiz Gonzaga, uma vez contou essa história num dos concursos de causos:



■ Durante a Barranca de 2003, Farelo e Lagoa defendem parceria na disputa pelo Troféu Qua-Quá

Eu soube dessa história, e apenas dei uma arrumadinha. É um relato do Comissário. Durante a Segunda Guerra, um fato aconteceu quando corria frouxo o comércio de pneu. Muito quara, vivaguacho, hoje bem colocado, foi rolindo a cartucheira com o pneu contrabandeado. O chefe dessa nação, para controlar a fronteira, nomeou da sua confiança um índio de muito garrão. Os donos do contrabando, vendo feio o negócio, resolveram convidar o Comissário para sócio. Através de intermediários amigos da autoridade, foram fazendo propostas polpudas barbaridade. Tanto vai e tanto vem de ofertas para enriquecer, que o Comissário buenacho resolveu se precaver. Aprendeu na formação que um taura não se amola, índio do queixo roxo não anda comendo bola. Resolveu comunicar os fatos ao presidente. Num telegrama rasteiro, foi lascando impertinente: “Licença, meu comandante, de vereda lhe esclareço. Os homens do contrabando tão chegando

■ José Hilário Retamozo declama para os barranqueiros durante a Barranca de 1987



no meu preço. Dessa forma, comandante, venho pedir sem alarde, me transfira da fronteira antes que seja tarde”. O pedido foi aceito – era braba a situação. E, desde que o mundo é mundo, a volta é que faz o ladrão. Fica no arremate a pergunta meia rude: no lugar do Comissário, qual seria tua atitude?

Nesses casos, há o prazer do excesso da palavra, do capturar a atenção do ouvinte pela narrativa fluida e pelo humor. Mas há um tempo na Barranca que a palavra é descarnada, o discurso reduzido à essência para se obter o máximo de emoção. É quando o barranqueiro declama.

As declamações são uma tradição do acampamento, e entre as décadas de 80 e 90 havia inclusive um concurso de declamadores. No final da tarde de quinta-feira era lançada a convocação para inscrição de quem quisesse participar. Entre os destaques estava Delci Oliveira, de Candiota, que declamava poesias de temática campeira de própria autoria, e Martin Barbosa, o primeiro declamador d’Os Angüeras. Havia também Miguel Fabricio Vieira, Apparicio Silva Rillo, Nelson Ribas, Pedro “Povoeiro” Osório, João Loureiro, Eduardo Bicca, Telmo Motta, Antonio Augusto Ferreira, José Henrique Potrilho, Azambuja, Roberto Ferreira, Felipe Trindade e o onipresente “Áon” Farello Lima.

No início, o palco era improvisado, ou na carroceria de um caminhão ou numa clareira de mato. Se providenciavam um pala e um chapéu no fundo para compor o “cenário”. A ordem dos declamadores era definida por sorteio. O encontro era na sexta-feira à noite. Às vezes os declamadores eram avaliados por um júri (que por sua vez era julgado ruidosamente pelo público de barranqueiros...). Em outras oportunidades, o resultado saiu por aclamação da plateia – quem puxava as palmas era Zé Bicca. Participavam de 10 a 12 barranqueiros.

O que mais se ouviam eram os temas gaúchos, mas Apparicio Silva Rillo, por exemplo, gostava muito de Mario Quintana, e Nelson Ribas sempre trazia novos autores. A sensibilidade e a voz barranqueiras acolhem igualmente o português José Régio e o próprio Rillo, Vinicius de Moraes e Tocaio Ferreira, João Cabral de



■ Medalha para o vencedor do Concurso de Declamação



■ Nelson Ribas declama no galpão onde os barranqueiros se refugiaram em 1987



■ Nelson Ribas declama durante tertúlia realizada em 2015

Mello Neto e Jayme Caetano Braun, Luiz Carlos de Miranda Batista (Caéco) e LuizÁ Menezes, Carlos Omar Villela Gomes, José Hilário Retamozo e Millôr Fernandes.Á

No tempo em que havia concursos, ocorreram ao menos dois episódios queÁ valem lembrar. Num deles, Nego Motta quis declamar *Eis o Homem*, de MarcoÁ Aurélio Campos. Mas não se lembrava de todos os versos. Zé Bicca, que estavaÁ fazendo o “costado” no violão, ia soprando para o Nego Motta, mas já meio irritado.Á Até que uma hora, se fez silêncio, e o Nego Motta teria se virado desesperadoÁ para o Zé, em busca de ajuda: “E agora, Zé Bicca?”. Zé Bicca responde “Agora tuÁ te fode que tu não sabe de cor a poesia!”.Á

O grande poeta e músico Mario Barbará protagonizou outro. Meio tragueado,Á se inscreveu para competir. Durante o concurso, veio o chamamento “MarioÁ Barbará ornelles”. Ele subiu ao palco com violão, e disse: “Não me levem a mal, me inscrevi por engano. Mas, posso cantar?”. Fez-se silêncio, e Marinho começouÁ

■ Roda da Poesia formada no acampamento dos barranqueiros de Santa Rosa. Barranca 2022



a cantar *Cajuína*, do Caetano Veloso. A começar pelos versos “Existirmos, a queÁ será que se destina?”. E os barranqueiros deliraram!Á

Em 2015, na 45ª edição da Barranca, a partir de um pedido de Luiz Otávio a seu pai, Nelson Ribas, promoveu-se a retomada da Roda da Poesia. No primeiro ano ao ar livre, junto ao palco principal. Depois, se decidiu levar a Roda de Poesia para junto do acampamento da turma de Santa Rosa, porque era mais silencioso. Na verdade, trocou-se a barulheira das tertúlias pela dos bugios. Mas a reaçãoÁ foi acima da expectativa: esperavam-se de 10 a 15 pessoas – vieram dezenas, eÁ desde lá o evento se fortaleceu como um dos destaques do festival. E a retomadaÁ rendeu em 2016 a publicação de *Poesia na Barranca*, organizada por pai e filho.Á

urante a Roda, dezenas de barranqueiros trazem suas próprias cadeiras e formam um círculo, que às vezes chega a ter duas filas. e pois da introdução, o protagonismo é entregue aos declamadores. Quem se levanta e pede a palavra



■ Cabo Déco declama poesia em roda formada durante a Barranca de 2016



■ Pedro Osório declama durante a Barranca de 2007



■ Miguel Fabricio Vieira no encontro de 2015

a recebe. Não por acaso, há uma fluidez entre as declamações – uma provoca a outra, seja em estilo ou em tema. Olivio Dutra declamou um soneto, outro já se sente provocado a fazê-lo. Cabo éco fala de perda, e o assunto já inspira os que vem depois. E o palco é o chão de campo, no meio do mato.Á

As rodas de poesia estão sempre afinadas com o momento barranqueiro.Á Na de 2022, os amigos e os amores que partiram foram a tônica de uma roda que fazia uma espécie de inventário das dores que se seguiram à pandemiaÁ da COVIÁ-19. A roda de 2023, como se lançasse uma convocação para a vida, focou-se no amor pela mulher, na força da renovação e do encontro. Pode-se dizer que a Roda de Poesia é como um retrato declamado do espírito barranqueiro do momento, já que não submetida ao tema escolhido pela comissão do festival. O espírito da hora se impõe.

E a poesia às vezes era uma demonstração em iguais doses de talento, franqueza e coragem. Como quandoÁNico Fagundes, na Barranca de 2015, mesesÁ antes de morrer, declamou no palco a poesia de sua autoria, *A Penúltima China*:Á

A PENÚLTIMA CHINA

Tua penúltima china
vai ser uma bruxa feia
cheia de ciúme de ti.
Ela se chama Velhice.
De tudo o que já disse
sobre a sua casmurrice
há mais pra dizer aqui.

Ela virá de mansinho
a te encontrar no caminho
- tu quase não vai notar:
primeiro, um cabelo branco
("Não é nada, esse eu
arranco...")
tu vais dizer quase a rir)
Porém depois, sem sentir,
outro, mais outro, outro mais
- todo o cabelo! E jamais
tu vais tapear ao tingir.

Ou então, num desvario
vai te arrancar fio por fio
até pelar a cabeça,
para que ninguém se esqueça
do triste casco vazio.
E a china ali, ao teu lado,
com o manso passo grudado
no teu passo, a prosseguir:
vai pegar na tua cara
(que as mulheres adoravam!)
e riscar mapas profundos
- sulcos, vales, rios e mundos
pés-de-galinha nos olhos
sob os óculos de grau,

esmagando em gesto mau
estranhos, murchos refolhos
ao redor de tua boca,
como uma criança louca
que rabisca em desatino.

E a china, sem muito tino
vai trocar teus poucos dentes
por outros, mais reluzentes,
completos! De dentadura...

Vai te mudar a figura
pergaminhando o pescoço,
fazendo um velho no moço
que tu foste alguma vez.
Sempre assim, a dois por três,
vai dobrar teu espinhaço,
te deixar com os pés de
arrasto,
sem pena do tempo gasto
pelos caminhos da vida.

Que china mais atrevida!

Vai te deixar barrigudo,
ruim - ruim de tudo!
Vai trocar tua bombacha,
tua guaiaca, tua faixa,
por um pijama de lista.
Depois, a fingida artista
rouba as tuas alpargatas
e as tuas botas gaúchas
para te calçar bambuchas
nas pobres, cansadas patas!...

E adeus, canha do bom tempo!
De cigarro? Nem te falo...
Não mais pular a cavalo
nem aguentar uma briga.
Agora é dor-de-barriga,
pressão alta, desconforto...
Ou é míope, ou
vesgo, ou torto,
não come churrasco gordo
nem chega perto do sal.
La putcha, que no final,
o homem, velho animal,
é o mesmo que
um burro morto.

Mas o que dói, nessa china,
nesse maldito cambicho,
é o seu estranho capricho
de te roubar a tesão.
Na hora da precisão
- com muito ciúme da outra -
te retira a velha potra
para te deixar na mão...

Diacho de china ciumenta,
essa que chamam Velhice!
Eu não sei quem foi que disse
que ela vence porque é forte.
No fundo, não que me
importe,
mas posso te assegurar:
ela só vai te largar
pra última china - a Morte.



■ José Henrique Azambuja, o Potrilhão, declama na Barranca de 2007, com Lenin Nunez ao violão



■ Poesia na Barranca de 2013: Silvio Genro declama na Portelinha



O HUMOR

**Acatatumbou, ôôôô, Acatatumbou, ôôôô /
O Comocudum chegou / Nós somos o Comocudum /
Nós comemos qualquer um / Nós come e não passa mal
/ Nós semo canibal / O canibal bagual // Um Angüera
me falou / Que não pode palavrão / Eu quase mandei
ele ir / Aonde a gente sempre vão / Vocês dizem que
não dão / Não quer dar o sapo não dá / Não adianta
bater o pé / Se o bote tu me der, tu vai perder o botão**

(Elton Saldanha e Tadeu Martins) - 1993

A Barranca é o eco da risada prazenteira do Generoso. A vida boa tem o som da gargalhada que quebra o gelo, desfaz a mágoa e aproxima o irmão.

Quinta-feira à noite, noite de abertura oficial da Barranca, canto do Generoso, Á galpão lotadaço. Nego Motta sobe ao palco e, com seu vozeirão, saúda os presentes: “Senhoras e senhores!” Rebuliço no salão, apupos, risadas, como assim “senhoras”? Nego Motta, sem perder a calma, explica: “Senhoras, sim. Porque quando falo em senhoras, me refiro à Lua, às estrelas e às muriçocas!”. elírio na plateia.

Esse é o humor barranqueiro, a reverência à irreverência. Os novatos se Á debatem na ameaça da empulha, os veteranos têm sempre um causo para contar. Cada encontro barranqueiro nasce de uma tirada, como se a risada fosse a faísca para a conversação prazenteira. Bem que Apparicio Silva Rillo delimitou um limite, em texto de 1985: “Brincadeiras de mau-gosto são consideradas isto mesmo, e raramente sucedem. E uma única vez, porque o “brincalhão” não Á receberá convite para a próxima Barranca”.Á

Evidentemente, o humor depende do talento e do estilo de cada barranqueiro. O citado Rillo, preferia a sutileza. Vejam como ele explica a única vez Á que a Barranca ocorreu fora do acampamento: “Foi em 1982, ano em que São Borja comemorou 300 anos de fundação histórica e os concorrentes se apresentaram na cidade, em praça pública, para cerca de 5.000 pessoas. A próxima acontecerá no 400º aniversário de São Borja. Compareça!”.Á

Um dos comêicos mais talentosos da Barranca foi Telmo Costa. Essa é do Á tempo que cerveja vinha só em garrafa, e o abridor ficava suspenso em uma corda Á

ao lado do freezer. Telmo pendurou o abridor na cordinha de um caniço, que ele conseguia manejar escondido. José Facchin estava tão concentrado na música, que tentava alcançar o abridor sem tirar os olhos do palco. E o Telmo só subindo o caniço...Á

Telmo não perdoava os barranqueiros de primeira viagem. Quando estava fritando peixe e uma futura vítima se aproximava, ele pedia ajuda: “Tchê, me traz uma lenha”. O sujeito Á ia Á, Á juntava a lenha, e quando chegava via que o fogão era... a gás. Outra: Telmo colocou pimenta dentro de um limão e foi se sentar. Ái o Pedro Ortaça queria um peixe “Tem um peixinho aí pelo INPS?”. Telmo passou o peixe para o Ortaça com o limão “preparado” em cima. O missioneiro chegou a arregalar os olhos. “E aí, Pedro? Como tá o sal do peixe? Como tá o tempero?” “Sal tá bom. Mas tá apimentado”. E Telmo só rindo Á baixinho no canto.

Mas, justiça seja feita, Telmo não perdoava sequer os barranqueiros históricos. Ele sabia que Rillo não suportava ver sangue, daí pegou um arame e Á encaixou Á nos Á dedos Á do Á pé, Á simulando Á ter Á pisado Á em Á um Á prego. Á Empulhador Á caprichoso que era, Telmo jogou um pouco de sangue por cima do “ferimento” e pediu socorro ao amigo: “Rillo, puxa, puxa!” Rillo quase desmaiou. Quando Á a Barranca era realizada no pesqueiro do Zuza, Telmo tinha uma camionete Á Ford. Um dia, ficou girando o arranque, e nada. Á isse que o motor não estava pegando e pediu ajuda, no que foi atendido por uns 10 barranqueiros. E dá-lhe Á a empurrar a camionete. Ái, do nada, Telmo acelerou e jogou barro em quem estava empurrando. E saiu gritando: “1º de Abril!”. Á



■ Nego Motta com varal de fotos em homenagem a Luizão ao fundo. Barranca de 2015

Zé Bicca lembrou desse caso:Á

“Em um certo acampamento que antecedia o início da Barranca, estávamos todos à beira de um fogo de chão quando Telmo Bacin, que após uma certaÁ altura do porre se tornava filósofo, saiu-se com essa.Á

– Vou dizer uma coisa pra vocês. Este negócio de porre não me pega assim “no mais”. Porque a minha mente sou eu que comando!Á

Como aquela afirmação não tinha sentido no momento, o Nico FagundesÁ perguntou:Á

– Como assim, Telmo?Á

O Telmo demonstrou:Á

– Querem ver?Á

Colocou o dedo na testa e começou a dizer:Á

– Não tô borracho, não tô borracho, não tô borracho. Viu? Tô são.Á

Todos ficaram impressionados com aquela “cura” mental. Passados uns dez minutos, ouviu-se a voz do Telmo:Á

– Tô ficando borracho de novo!”Á

Claro que alguém sempre vai longe demais. Mas justamente com o Rillo? UmÁ barranqueiro estava assando carne, e de gaiato incluiu a vagina de uma vaca nas partes do assado. E começou a correr a carne para os Angüeras mais velhos, semÁ dizer o que era. Mas não ofereceu para o Rillo, por respeito – ou temor. O RilloÁ insistiu em comer: “Por que cruza por mim, e eu não como?”. Provou. e depois que seÁ ficou sabendo o que era, ficou louco. O sujeito nunca mais apareceu na Barranca.Á

Como se vê, nem os barranqueiros fundadores escapam. Outra vez foi comÁ Nico Fagundes. Havia sido carneada uma ovelha, e o Nico disse que sabia fazerÁ uma cabeça de ovelha assada à maneira indígena, como ninguém tinha comido.Á Ele abriu um buraco perto do fogo, e lá enterrou a cabeça já temperada, enroladaÁ em pano de algodão branco e jornal, com brasa por cima. disse que a cabeça iaÁ ficar enterrada até de tardezinha, até depois da sesta. E foi dormir. Um grupo deÁ barranqueiros desenterrou a cabeça e a substituiu por bosta de vaca. Fecharam oÁ

buraco e colocaram até mais brasa por cima. Quando Nico acordou, veio avisando que “Vamos comer a melhor cabeça de ovelha...”. E aí percebeu a brincadeira. Foi a gente correndo para todo lado.

Esta aconteceu com Fausto Domingues. Os barranqueiros voltaram de uma apresentação em São Borja, e a tertúlia seguia acesa no acampamento. Fausto foi até a beira do rio para urinar, e lá estava também o Cenair Maicá, como todos do acampamento, meio alegrete. Começaram a conversar quando, de repente, Cenair se calou e só se ouviu um ruído. Ele tinha caído uns 4 metros de barranco, e só se percebia um gemido. Mas foi resgatado sem nenhum arranhão – o Generoso estava de plantão.

Na Barranca, distrair-se pode custar caro. Sergio “Jacaré” Metz tomou uma porre medonho, deitou-se ao solzinho e dormiu. Aí outros barranqueiros pegaram umas flores e espalharam em torno dele, como se o estivessem velando... O jogo de palavras, tão do gosto barranqueiro, aparece nesse caso. João de Almeida Neto, gremistão de carteirinha, subiu ao palco para cantar fardado com a camiseta do tricolor e proclamou “Eu vim de GALA”. O Angelo Franco era o próximo a cantar e deu o troco. Subiu vestindo a camiseta do Inter e respondeu “Tu vieste de gala, e eu vim de GALO”.

Um dos nomes históricos da Barranca, Tio Manduca, campeiro por excelência e contador de causos reverenciado, acabou rodando na galhofa. Rillo conta na publicação *Barranca, Gente, Causos e Histórias*, de 1985, duas passagens com o Manduca:

“Estava o tio Manduca a contar suas histórias de “revoluções” e entreveiros, sacando o chapéu amassado cada vez que falava em Honório Lemos, “meu grande chefe, o Leão do Caverá”. Era uma homenagem, esta de tirar o chapéu, que prestava ao comandante maragato em 23. Numa dessas o Mango-Feio se atravessou como lagarto no trilho:

- Tio Manduca, alguém me disse que o senhor foi anspeçada e homem de confiança do coronel Bugio.



CAUSOS APPARICIO

- Que coronel Bugio? Nós não tinha nenhum chefe com este nome.Á
- Eu falo daquele taura, “louco de corajoso”, que passou toda a revoluçãoÁ trepado na galharia dos matos.Á
- Tiveram que agarrar o tio Manduca. Queria capar o Mango-Feio.Á

Ainda o tio Manduca. Pontificava — como sempre — no meio de uma roda curiosa, entre os rorvos de chimarrão e os goles de caipira preparada.Á capricho pelo Assis “Perigoso”. Era sábado de manhã, os compositores haviam se espalhado pelo mato para preparar seus trabalhos para a apresentação da noite. A roda estava atenta e o velho lascou:Á

— Vou contar uma parábola para vocês.Á

Eu, metido a “portuguesista” conforme o Telmo Taioba, interrompiÁ tio Manduca:Á

— Não é parábola, tio Manduca. É parábola, com acento no segundo “a”.Á

O velho não se perturbou. Fez roncar a cuia e me ralhou:Á

— E decerto eu não sei, magro de merda? Vocês ouviram mal. Eu disse: paraÁ a bola que agora sou eu que vou entrar em campo.”Á

A proximidade dos Angüeras com o teatro sempre foi estreita, com destaqueÁ para a peça *Domingo no Bolicho* (1956), escrita por Rillo e estreada em Nhú-PorãÁ em um teatro com teto de lonas. A peça chegou a Porto Alegre em 1957 e foiÁ encenada em três palcos de Porto Alegre: no 35 CTG, no Auditório da PUC e noÁ Auditório Tasso Corrêa, do Instituto de Belas Artes. No elenco, Rillo, Telmo de LimaÁ Freitas, Sady “Capincho” Santiago e Claudio Orandi Rodrigues, o Tio Manduca.Á Alguns figurantes eram peões de estância da região de Nhú-Porã.Á



■ Encenada em 1995, “Jamaicanos Sapucais” tinha até “avião” em cena

Ainda hoje Os Angüeras mantém apresentações regulares de costumes gaúchos no Museu Ergológico da Estância, erguido na sede dos Angüeras, em São Borja. Não podia ser diferente na Barranca: as contações de causo e as declamações já são performances, mas foi a partir de Jacaré que o teatro fincou pé na Barranca.

Uma das encenações incluiu até um avião “cenográfico”, feito em São Borja, para contar quem eram os *Jamaicanos Sapucais* (1995).

Jacaré e o ator e diretor de teatro Marcos Barreto (1959-2011) completaram o texto no ônibus rumo ao acampamento. A temporada foi curta (uma apresentação!), mas havia luxos de produção. Como estava previsto um “avião” em cena, era preciso providenciar fumaça para simular as nuvens. Marcos Barreto e uns outros barranqueiros mais novatos pegaram capim meio úmido que usaram para



fazer uma fogueira no fundo do palco. Zé Bicca emprestou seu ventilador gigante, apelidado “Bofetada”. Na hora do voo do avião, Marcão botou fogo no capim e a fumaça cobriu TOAO o acampamento.

Outro clássico das artes cênicas barranqueiras foi a peça contando o *Nascimento do Índio Sepé*, que parodiava o mito de Macunaíma. Com figurinos mais que improvisados, Zé Bicca dava a luz a Mariano Batista, importando a estética tropicalista para as Missões gaúchas. Também no elenco, Vinícius Brum viveu o Sepé adulto, vestindo regata e chiripá feito com toalha da Brahma. A peça acabou gerando polêmica porque o texto de Jacaré afirmava que os indígenas cavalgavam “plugados”. O núcleo de Santo Ângelo se ofendeu e revideou no ano seguinte, dando origem a *Os Sobrinhos do Sepé*. Nada de sério. Na verdade, o duelo rendeu paródias e piadas de parte a parte, alimentando o anedotário barranqueiro.



■ Peça “Nascimento do Índio Sepé” (1994) tinha Nego Motta, Mariano Batista e Zé Bicca no elenco

Um dos maiores fenômenos do humor da Barranca é o Quá-Quá, que pode ser resumido como uma apresentação musical absolutamente irreverente, que explicita a capacidade barranqueira de ser si próprio. O Quá-Quá se iniciou na 15ª edição do festival, quando a população do acampamento girava em torno de 80 pessoas. Tadeu Martins e Elton Saldanha decidiram trazer o bom humor para dentro da competição do festival, e compuseram a canção *Pai dos Fogos*. Era a história de um brigadiano que tirou uma menina do meretrício e montou uma casa ao lado da zona. O nome dela era Miroca.



■ Sobrinhos de Sepé mostram sua música e seu humor durante a Barranca de 1993

A princípio, a comissão do festival não aceitou a inscrição porque iria contra a decência da Barranca. Mas a dupla passou um abaixo-assinado, e todos os barranqueiros queriam ouvir *Pai dos Fogos*. Aceita a inscrição, apresentada a concorrente no palco, a plateia quase caiu dos banquinhos de tanto rir do Pai dos Fogos. Tadeu Martins confessa que saiu envergonhado, achando que nunca seria mais chamado para a Barranca. Antes do meio-dia de domingo, tocou o telefone, e era o Rillo. “Tadeu, é isso que quero da Barranca! Não podemos ser tão sisudos!”. E ele disse que estava criada a linha Quá-Quá no festival, com direito a troféu.

Todo ano se coloca um desafio: qual será o próximo alvo do Qua-quá? Na realidade, a linha reforça que tudo pode ser criticado, e que é importante a capacidade de ouvir essas críticas. É como um grilo falante do festival, evitando que alguém se leve muito a sério. A fórmula de sucesso do Qua-Quá é descrita por

■ Figurinos improvisados são a marca dos concorrentes do Qua-Quá. Imagem da Barranca 2005



Elton: “Se a gente ficava duas horas rindo em cima de uma palavra, a gente sabia que estava no caminho certo”. O figurino vinha de coisas que Farelo reunia e de fantasias de Carnaval trazidas por Elton – mais qualquer coisa que se juntasse no acampamento.

Um dos Qua-Quás clássicos foi apresentado na edição de 1993. A mulher de Brizola, Neusa, morreu um dia antes da abertura oficial da Barranca, e todos estavam comentando o que acontecera. Aí o Farelo perguntou: “O quê? Acatatumbô?”. Elton Saldanha pegou a expressão do Farelo, temperou com a batida de tambores do Olodum, e estava criado o grupo, que batucava uma levada afro em tampas de isopor.

O que acontecia no mundo estava na tela do Qua-Quá. Nos anos 80, uma performance foi dedicada ao Rock in Rio. A estrela foi um barranqueiro enorme, Á

chamado Roque. Á epóis do breque, Á Elton virava para ele e perguntava: Á “Roque, Á que áchou Áo Áosso Á cavalo?” Á E o outro, em vez de falar, dava uma Á risada ridícula, o que gerava a resposta do coro: “O Roque riu...”. O sucesso dos Á Engenheiros do Hawaii também rendeu um Qua-Quá. Os versos eram “Era Á um garoto / que como eu / foi pra Á Barranca e se f...”. O público ria tanto que os músicos tinham de esperar para Á continuar.

E Á ainda Á houve Á aquele Áo Á final Á dos Á 1980, início dos 1990, quando se falava muito do Mercosul. Farelo saiu com Á uma assim: “Que se foda la integraci3n Á / Aqui na Pampa sulina / Se um dia Á eu cruzar a pinguela / É pra coxear Á uma correntina”. Não tem estética Á do frio que aguenta! Um dos últimos Á Qua-Quás Á foi O Último Cataplasma, em que o Loguercio interpretava um Talibã Á suicida. Á

O Generoso, aquele espírito que faz estalar forros do teto, barrotes Á do chão e os balaies de vime grosso Á só de farra, deve se divertir muito Á olhando Áo Á arreganho Á dos Á barranqueiros cá embaixo. Á



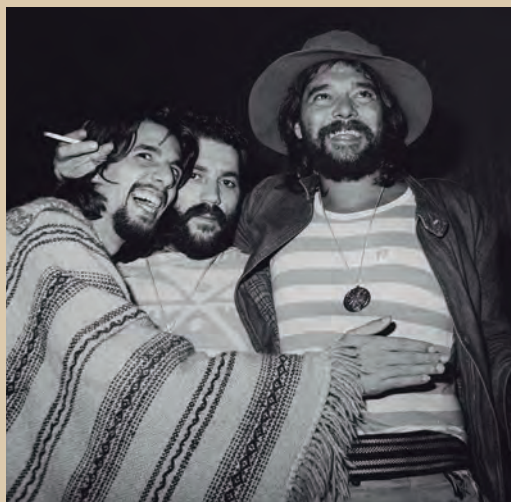
■ Elton e Loguercio em "O Último Cataplasma", Barranca de 2011



■ Durante a Barranca de 2000, Pedro Ayub Julião e Miguel Bicca imitam o som de instrumentos de sopro durante a canção "Bandinha"



■ Barranca de 2022: Vitor de Conti, Chico Pampa (boina), Sérgio Rodrigo Colla, Diogo Tibulo, Luciano Gauer, Julles De Ley, Guanaco, Tiago Werlang, Sadi Ribeiro e Frois Milico (gorro branco)



■ Santiago Neto, Tau Golin e Jacaré confraternizam na Barranca de 1987



■ Imagem de Gudi e Farello colhida na Barranca de 2018



■ Mauro Ferreira recebe prêmio de Apparicio Silva Rillo, com Diogo Madruga Duarte ao fundo. Imagem de 1994



■ Detalhe do figurino de Elton Saldanha no Quaquá da Barranca de 2001



■ Na Barranca de 2009, barranqueiros homenagearam os cozinheiros do acampamento



■ Frutuoso Luiz Araujo, Airton Pimentel e Rui Biriva durante a Barranca de 1997



OS HABITANTES

**E o Jacaré e o Rillo / Que ainda me
estendem a mão / São a boca do silêncio /
Na voz da minha canção // E esta saudade
que funda / Os mapas da Solidão / Mora
com jeito gaúcho / Na casa do coração**

(Tuny Brum e Vinícius Brum)



A Barranca é a Terra do Sempre. Barranqueiro não morre, não some, não cala. Pelas pernas da memória, nunca canta só. Ressuscita a cada Semana Santa.

O capítulo sobre Personagens da Barranca é o mais difícil de escrever. Primeiro pelas dimensões necessárias para dar conta do desafio – todos os barranqueiros, o rio, a chuva, as enchentes, os pesqueiros e até as muriçocas, se a gente descuidar, são protagonistas do acampamento. Mais de 50 anos de histórias animadas por centenas de barranqueiros.

A decidimos focar o capítulo naqueles que são os inspiradores da Barranca: Rillo e Zé Bicca. A amizade de ambos, pautada pelo respeito e pela complementariedade, sintetiza o espírito barranqueiro. Quando os dois se envolviam num arranca-rabo, a paz e o consenso eram brindados com mate, que, por sinal, era diário, geralmente na casa de Bicca. Eram amigos, vizinhos, parceiros, colaboradores, compadres. Há quem descreva Rillo como a cabeça pensante, enquanto Bicca seria o acolhimento e a humanidade. Mas nem essa imagem dá conta de uma amizade que gerou mais de 60 parcerias musicais.

A cumplicidade era tal que algumas vezes nem precisavam de palavras. Se Rillo tivesse criado versos que gostaria que Bicca musicasse, escrevia a letra num papel dobrado e colocava no bolso do amigo. Bicca desdobrava o papel e lia a letra: se o agradasse, recolocava o papel no bolso; se não gostasse ou achasse que não conseguiria fazer a melodia que a letra exigia, devolvia o papel dobrado para o bolso de Rillo. Tudo isso sem palavras.

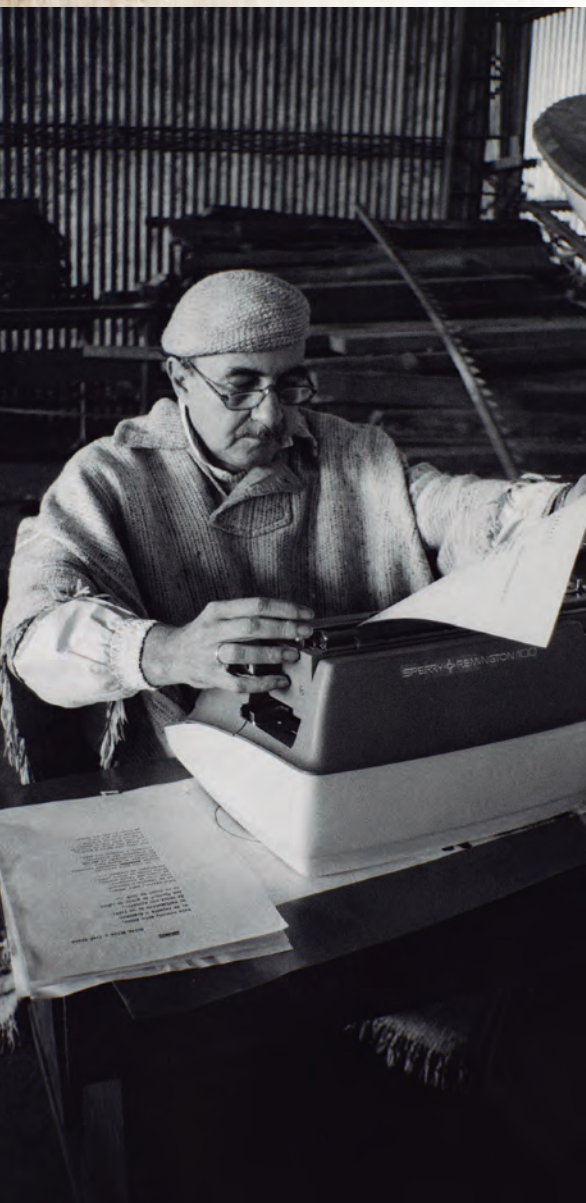
Tentaremos usar palavras para contar um pouco da vida da dupla.

Apparicio Silva Rillo nasceu em Porto Alegre, em 8 de agosto de 1931, mas foi registrado em Guaíba. Filho do engenheiro-agrônomo e zootecnista Marciano de Oliveira Rillo e de Lélia Silva Rillo, passou parte da infância em Capela de Santana, então município de São Sebastião do Caí, em contato com as lidas de animais e de agricultura por conta do trabalho de seu pai. Estudou em Ijuí, Novo Hamburgo e Porto Alegre, formando-se em Contabilidade.

Fazendo-se bem as contas, Rillo encontrou-se completamente em 1953, quando decidiu viajar até Nhu-Porã, distrito de São Borja, e assumir como contabilista da Casa dos Irmãos Pozueco, armazém e loja de atacado e varejo que negociava couro, pelego, trigo e lã, entre outros produtos. Na sua definição, realizava um “êxodo rural ao contrário, trocando a Capital pelo Interior”. Estava noivo de Suzy Maciel de Araújo, sua amiga de infância e namorada desde o início da adolescência. Eram para sua namorada que Rillo escrevia seus primeiros versos, ainda com 14 anos. A quadrinha era famosa só entre o casal, porque o futuro poeta consagrado ficava envergonhado da ingenuidade poética: “Essa noite, à meia-noite / Vi cantar dois colibris / Parecia que diziam / Apparicio com Suzy”.

Nhu-Porã era o espaço e a inspiração que Rillo precisava para construir-se artista e agitador cultural. Lá encontrou o amigo e conselheiro para assuntos campeiros Cláudio Oirandi Rodrigues (Tio Manduca), lá inspirou a construção da Igreja de Nossa Senhora de Fátima. Lá fundou o CTG Sete Povos das Missões, hoje Valdemar Teixeira. Lá promoveu bailes e produziu peças de teatro, entre elas, *Domingo no Bolicho*, encenada com elenco local, posteriormente apresentada no Cinema Municipal em São Borja. Lá casou-se com Suzy em maio de 1954.

Era tempo de agitação na área da cultura regional, e isso repercutia nos jornais da Capital em artigos e poesias de Ayme Caetano Braun, Barbosa Lessa, Glaucus Saraiva e Rillo. O que se pode chamar de momento zero de Apparicio Silva Rillo como expoente da literatura ocorreu em meados de 1959, com o lançamento de *Cantigas do Tempo Velho*. Em textos que escrevia para reedições anos depois, o autor relativizava as poesias de sua estreia em livro, dizendo que



■ Rillo na Barranca 1987

eram “trabalhos de principiante”, mas reconhecendo que “caíram no chamado gosto popular”. e fato, *Cantigas do Tempo Velho* chegou a ser o livro mais vendido da Livraria do Globo, antecipando o sucesso de venda da série *Rapa de Tacho*, reunindo dezenas de causos gauchescos.Á

Além, naturalmente, do nascimento de suas filhas, Leliana,Á Clarissa, Claudia e Synara, um acontecimento marcou a vidaÁ de Rillo. Ao lado de outros amigos de São Borja, ele funda emÁ 10 de março de 1962 o Grupo Amador de Arte “Os Angüeras”.Á Foram fundadores do grupo Apparicio e Suzy Rillo; Carlos eÁ Maria Moreno, José e Magda Bicca, Sady Santiago e sua noivaÁ Ana Rosa;Á arwey e Mariazinha Orengo, Telmo de LimaÁ Freitas e Vicente Goulart.

O grupo musical Os Angüeras se tornou rapidamente umÁ dos protagonistas da música regional gaúcha, tendo RilloÁ como principal letrista. Ele segue como contabilista, depois como proprietário de imobiliária para garantir o sustento da família. O poeta revelava-se, mesmo, nas madrugadas.Á Suzy lembra que teve de aprender a conviver com o tac-tacÁ daÁ máquinaÁ deÁ escrever:Á UmaÁ vez,Á àsÁ 4h,Á eleÁ meÁ acordouÁ para ler o poema *A Lagoa*.Á ÁÁ acontecia de Rillo telefonarÁ para amigos e parceiros, de madrugada, consultando sobre um vocábulo ou mostrando versos que acabara de criar. A labuta, na verdade, começava antes: ali pelas 18h, os outrosÁ Angüeras vinham para o mate, virava tertúlia, depois janta.Á

Rillo era muito conhecido como poeta, e muito acessível. Ele se sentava no alpendre de casa e sempre aparecia alguém pedindo que ele arrumasse um poema. Mas Rillo nãoÁ arrumava direto – dizia três palavras e mandava a pessoa irÁ

para casa pensar. e pois, quando a pessoa voltava e dizia a palavra que usou, o Á Rillo comemorava: “Foi esta que eu tinha escolhido”.Á

Atuando Ána Administração Ámunicipal, Áfoi Áum dos Áfundadores Ádo ÁFestival Áde ÁMúsicas para o Carnaval de São Borja, em 1967. Cinco anos depois, como bem Ásabe quem está lendo este livro, Rillo e companheiros de pescaria criaram o ÁFestival da Barranca. Em 1979 organizou o Museu Ergológico da Estância junto Áà sede dos Angüeras. Tem escritas mais de 40 obras, entre poesia, prosa, peças, Ánovelas, teses, monografias e antologias. É o coautor dos Hinos de São Borja, de ÁCerro Largo e de Santa Rosa.

Como se vê e escuta, uma de suas tantas qualidades era o ecletismo. Mantinha Áduas colunas no jornal Folha de São Borja: Perdas e Ganhos, tratando de economia, e e Minha Janela, em que ele tratava de política, comportamento, culinária, Ácomida, questões sociais, sempre incluindo poemas e causos. Sua capacidade de trafegar entre ondas, estilos e gerações lhe permitiu ser parceiro de, entre Áoutros, Zé Bicca, Luiz Carlos Borges, Túlio Piva, Pedro Ortaça, Cenair Maicá, ÁNeto Fagundes, Elton Saldanha, Vinícius Brum e Noel Guarany. Ao lado de Mario ÁBarbará, então com 21 anos, venceu a Calhandra de Ouro de 1975 com *Roda Canto*.

Rillo tinha vocação para a polêmica e a língua afiada. Em uma entrevista, lhe Áperguntaram se a arte gaúcha não era rica. A resposta: “A arte não é pobre, os Áartistas é que são pobres”. Em 1981 lança o livro de poemas *Pago Vago*, Áconhecido Ácomo um marco na literatura regional gaúcha. Mas também organiza a publicação Á*Literatura de Latrina*, reunindo frases escritas em sanitários das cidades gaúchas. ÁEscreve programas de rádio, jograis, organiza o Baile da Saudade (realizado no ÁClube Comercial, às vezes com apresentação de peças), o Baile da Ramada (em Áque a dança ocorria debaixo de uma estrutura de taquara, coberta de capim). ÁNa sede dos Angüeras, era realizado o Baile da Estância, com todos pilchados Áde época. Áa meia-noite em diante, as mulheres dos Angüeras serviam um café Áde estância, em que tudo produzido por elas – doce de figada, linguiça, geleias, Ámanteiga batida, café com leite, pão batido e pão sovado, biscoito de polvilho...Á



APPARICIO
SILVA RILLO
DECLAMANDO
“NO BOLICHO”,
“PETIÇO VELHO”,
“PIPÁ D’ÁGUA”,
“ROMANCE DE
PENA LARGA”,
“BREVE ROMANCE
PARA CHIQUINHO
DA VACA” EM
TUPANCIRETÁ

Apparicio Silva Rillo multiplicava-se. Mas, em noites de tertúlia, confessava ao parceiro Zé Bicca que trocava tudo quanto escreveu por tocar violão e cantar.

Parece uma queixa descabida para quem tinha tantas camadas de talento. Um exemplo: Julião estava recebendo cumprimentos de vários amigos pelo seu aniversário. Miguel Bicca ofertou um presente que sensibilizou Julião. O aniversariante respondeu: “Bah, mano, assim tu me quebra vidro dos olhos”. Rillo ouviu o que foi dito, saiu da fila de cumprimentos, sentou num canto, escreveu os versos e entregou a letra para Julião. Luiz Carlos Borges percebeu e pegou a letra, disse “A letra é minha, Julião!”. E fez a melodia ali na hora. Resultado: o clássico instantâneo *Vidro nos Olhos* (1984):

(...)

*Quem disse que homem não chora
A si próprio não entende
Quem teve os olhos quebrados
Não acha que os remende*

*Tive tudo e tenho nada
Do teu amor que perdi
Quem quebra o vidro dos olhos
Abre cacimbas em si*



OBITUÁRIOS JACARÉ
E NICO FAGUNDES

Entre as providências que tomou, antes de morrer em 23 de junho de 1995, com apenas 63 anos, foi a de dar uma passadinha no acampamento e rever os camaradas barranqueiros, mesmo que por pouco tempo. O impacto de seu falecimento foi eclético e enorme como a vida de Rillo. Os tão diferentes Antonio Augusto Fagundes e Sergio “Jacaré” Metz louvaram o amigo de maneira igualmente brilhante.

Em seu poema *Poço de Balde*, Rillo partia de um objeto singelo para meditar sobre os sentidos profundos da vida:

Na pouca água do balde
Que me trazia afogado
O poço me dividia
No seu mistério quebrado:
Quando descia, o futuro,
Quando subia, o passado.

Passado? Presente? Futuro? Mal sabia o poeta que estava destinado à eternidade.

Zé Bicca, ou, por extenso, José Gonzaga Lewis Bicca, é o que se pode dizer um herói por acaso. Um acaso que impactou a cultura gaúcha. Filho de Eduardo Bento Bicca e Maria Lewis Bicca, nasceu em 11 de fevereiro de 1938 em Cachoeira do Sul. Se Rillo realizou o que chamou de “êxodo rural ao contrário”, a família Bicca também migrou, transferindo-se para São Borja em busca de campo para plantar arroz. Depois de algum tempo trabalhando como agricultor, Zé presta concurso e se torna exator da Secretaria da Fazenda do Estado até se aposentar.

Em 1964, casou-se com a também cachoeirense Magda Trindade Bicca, e dessa união nasceram Adriana, Eduardo e Lucas. Adotando São Borja, Zé se dividia entre o trabalho de exator (que assumiu no início de 1962), as tertúlias ao lado do irmão, o cantor, poeta e compositor Miguel Bicca, e o basquete. Bom jogador, logo que chegou a São Borja, aproximou-se de outros amigos que jogavam basquete, compraram bolas, construíram tabelas, organizaram jogos e criaram o Clube dos 10. O 2º Regimento de Cavalaria, João Manuel, de São Borja, também tinha um time de basquete e era o rival tradicional.

O Departamento Artístico do Clube dos 10 se transformou em Grupo Amador de Arte “Os Angüeras”, e Zé também iniciou uma transformação que o levaria



EXCERTO LIVRO
ZÉ BICCA
ANGÜERAS

a se tornar um dos compositores mais importantes da música regional gaúcha. Conheceu Apparicio Silva Rillo.Á

O próprio Zé Bicca conta como foi em um livro que começou a escrever em 2006, mas não conseguiu concluir. Leia a íntegra acessando o QRcode:Á

“Em um encontro casual, conheci o são-borjense Sadi Santiago (Capincho, para os íntimos), quando nasceu uma amizade fraterna que já dura quase 50Á anos.ÁAoÁmanifestarÁoÁSadiÁÁintençãoÁdeÁconhecer ApparicioÁSilvaÁRilloÁatéÁ então meu conhecido pela sua obra *Cantiga do Tempo Velho*), fui informado peloÁ novo amigo ser este (Sadi) íntimo de Apparicio.Á

Estávamos em frente ao Clube Comercial quando o Sadi manifestou queÁ naquele dia, sexta-feira, aconteceria o encontro semanal do Clube RanchoÁ Alegria, tradicional clube de São Borja onde os amigos se reuniam uma vez por semana para confraternizar, churrasquear e cantar, e onde a fraternidade eraÁ o eixo central da reunião. Lá, certamente encontraríamos o Rillo.

Nos dirigimos à casa de Rillo, à época em frente ao Consulado argentino,Á na Rua Félix da Cunha. Fui apresentado formalmente a ele. Partindo dali aoÁ Rancho Alegre, onde conheci pessoas fantásticas que passaram a fazer parte daÁ minha vida em São Borja, como Carlos Moreno (Pimpim), grande figura humanaÁ e notável tenor, José Pitaluga Serpa (Faéco), então presidente do Rancho, temperamento afável e carinhoso, Arthur Freire Nunes (Tuzica), orador talentoso e ótima pessoa, entre outros.Á

Na tertúlia musical que aconteceu naquela noite, ouvi pela primeira vez a voz de quem me acompanharia por treze anos cantando – Carlos Moreno, oÁ Pimpim – que, em minha homenagem, interpretou *Granada*, de Agustín Lara.”Á

Foi o início de muitas parcerias – só com Rillo, por exemplo, Zé divide aÁ autoria de clássicos como *João Campeiro*, *Cantiga de Rio e Remo* e *Águas de Rio*. Mas o acaso, ou a necessidade, moldaram nosso herói. A afirmação do grupo musical Os Angüeras demandava um repertório próprio. A origem de *Valsinha de Trazontonte* ilustra bem como se dava a simbiose entre Zé e Rillo. O letristaÁ

precisava de uma melodia, e pediu ao amigo. Zé foi sincero: “Mas eu nunca fiz música”. Rillo provocou: “Não fez, mas vai fazer”. A necessidade de cantar gerou o compositor, como o próprio Zé explicou em entrevista ao jornal Zero Hora: “Queríamos cantar a nossa terra, mas não tínhamos o quê [nos anos 60]? Teixeira? Não. Não havia repertório de música gaúcha como existe hoje. Então resolvemos compor nossas próprias canções”.

Interessante apontar aqui o compromisso dos Angüeras com seu território missioneiro. O figurino que o grupo usava no palco foi criado por Rillo: bota, bombacha e uma faixa preta, mais uma camisa de tecido cru e o adereço de uma cruz de Lorena. Ou seja: parte gaúcho da campanha, parte indígena missioneiro.

As criações, especialmente de Zé e Rillo, eram o que a cultura regional precisava naquele momento: tinham cheiro de terra vermelha, ruído das águas do rio e retratos da vida das mulheres e dos homens. O ponto de partida para *Cantiga de Rio e Remo*, um dos destaques da parceira Zé/Rillo, por exemplo, nasceu numa tarde, à beira do rio. Rillo tinha convidado o amigo para olharem os balseiros na margem do Uruguai. De repente, um dos pescadores, instalado na popa da balsa, gritou: “Olha o dourado que bateu no espinhel!”. O poeta complementou na hora: “Traz a canoa que rio fundo não dá pé”. Zé musicou os versos daquele que se tornaria um dos carros-chefe dos Angüeras.

A vida e a obra de Zé Bicca refletem aquele que seria seu sonho: ser engenheiro mecânico. No plano material, isso era evidente na oficina que ele mantinha no fundo de sua casa, lotada de máquinas de todos os tipos, objetos de todas as épocas, ideias para todos os gostos. Era um homem de engenho. Podia ser



■ Zé Bicca na Barranca 2009



SITE OFICIAL
ANGUERAS

o de cortar o teto da kombi para poder ficar de pé no veículo, remodelar todo um motorhome, imaginar uma turbina no rio Uruguai para garantir energia no acampamento barranqueiro. Mas também na construção de relações pessoais. Era um homem que acreditava em transformações.Á

Desde 1962, ao lado de Rillo e do irmão, Miguel, Zé liderou o grupo musical Os Angüeras em centenas de shows por vários estados e por países vizinhos do Brasil cantando “a nossa terra”, como ele tanto queria. Essa militância rendeu dois álbuns d’Os Angüeras (*Cantos de Pampa e de Rio*/1976 e *Sinhá Querência*/1994). Em 2005, Zé Bicca lançou o álbum *Irmãos de Arte*, em que revisita os 34 anos de convivência com Rillo, que renderam 64 parcerias. Esses três álbuns podem ser ouvidos na íntegra no site oficial d’Os Angueras. Outra obsessão de Zé era a sequência do trabalho de valorização do que é gaúcho, por isso, em 2006, ele criou o grupo juvenil Os Angüerinhas.Á

Assim como Rillo, a integração de Zé à comunidade de São Borja o levou à administração pública, sendo Secretário da Fazenda do município e recebendo o Título de Cidadão São-borjense. Maçom e kardecista, pediu à família que gravasse em sua lápide a frase de Allan Kardec: “Nascer, viver, morrer, renascer ainda e progredir constantemente, essa é a lei”. Foi o que ele cumpriu até a morte, em 8 de setembro de 2009. As dificuldades de saúde foram enfrentadas por Zé como sempre: com voz grave e senso de humor desconcertante.

Em matéria publicada em 18 de abril de 2004 na Zero Hora, é reproduzido um diálogo que Zé teria tido com seus médicos, que lhe sugeriam alternativas de tratamento para sobrepeso:Á

“Há três anos, alguns médicos barranqueiros de Santa Maria ligaram para José Bicca, o Zé Bicca, preocupados como os quilos a mais que o parceiro de Apparício Silva Rillo havia incorporado nos últimos anos.Á

– Zé, hoje em dia tem uma técnica nova para emagrecimento. Tu colocas um balão gástrico no estômago e reduz o espaço para o alimento. O negócio funciona – detalhou um dos médicos. – do outro lado da linha, Zé Bicca apenas

escutava. Quando o doutor concluiu as explicações, ouviu a seguinte proposta de Zé Bicca.Á

– Gostei muito da ideia do balão... Vocês só precisam adaptar um ventil para esvaziar o balão quando eu for comer uma costela gorda – contrapropôs ZéÁ Bicca, ainda sério ao telefone.”Á

EmÁ2006, duranteÁaÁ35ªÁediçãoÁda Barranca, novoÁsusto.ÁComo BiccaÁ mesmoÁexplica:

“Eu havia emagrecido 35 quilos através de uma reeducação alimentar.Á Conversava com o Polaco (Airton Kiatoski), médico, barranqueiro e meu amigo,Á quandoÁeleÁpercebeuÁqueÁeuÁtraziaÁnoÁpescoço,ÁnaÁregiãoÁondeÁseÁencontramÁ as cordas vocais, um nódulo do tamanho de um limão. (eu já havia percebido,Á mas não quis “alarmar os gansos”, esperando transcorrer o festival). TerminadoÁ o evento (como diz o Vermelho), efetuei um ultrassom que revelou a existênciaÁ daquiloÁqueÁoÁPolaco,Ácom seuÁolhoÁclínico,ÁjáÁtinha diagnosticado.ÁResultado:Á biópsia em Santa Maria – câncer da tireoide, maligno. Indicação – retirada daÁ glândula imediatamente. Pensei comigo:Á

– Cagou-se um cantor!”Á

Mas, no final de 2006, Zé Bicca já estava recuperando a voz lentamente.Á

Voltando ao que disse Kardec, palavras que se afinam harmoniosamente ao tomÁ que Zé Bicca quis impor a sua vida – o de constante evolução. É uma frase definitiva.Á Mas bem poderia ser acompanhada de alguns dos versos da canção *O Mate de quem se Vai*, de Zé Bicca, Pedro Julião e Rodrigo Bauer. Foi vencedora da edição 1996 doÁ festival, no ano seguinte à morte de Rillo, com o tema Reflexões na Hora do Mate.Á

*Onde andar*á o barranqueiro

Mateando luz no pesqueiro

De uma nuvem terna e branca

E o pranto alegre que larga

É o sereno que embriaga

Nossas noites na Barranca



O RIO

**E o rio se fez canção / E a mão a remar /
Arpeja camalotes / Que ficam para trás /
E faz que teu caíque / Suplique ao singrar
/ Um porto escondido / Pra lua brincar**

(Carlos Castilho) - 1976



A Barranca é irmã do rio Uruguai. Ambos são correntezas poderosas e imprevisíveis, boas de se olhar e de se ouvir.

A primeira música a vencer o Festival só podia ser *Eu e o Rio* (1972), de Nico Fagundes. Porque a Barranca é, desde sempre, a parceria entre o barranqueiro e o rio Uruguai. De quando em quando a parceria se abala, sabe-se lá por que, e o rio vira mar e alaga o acampamento. Ou seja, é como qualquer relação de amor.

Uma das primeiras coisas que o barranqueiro faz ao chegar no acampamento é observar o rio Uruguai. Como está a correnteza? Segue lá, sempre correndo, sempre no mesmo lugar? O rio inspira o espírito de cada Barranca, propõe um itinerário.

Claro que há barranqueiros especialistas no rio. Telmo Costa, Farelo, Mango Feio e Renato Andres, pescadores que eram, tinham conhecimento de rio. Passava uma garça, e Farelo comentava: “As garças voando a essa altitude não é nada, mas numa outra altura é sinal de chuva”. E iam comentando sobre o vento, sobre o rio se encrespando, sobre o movimento e a gritaria dos bugios.

Everton Ferreira explica: “Há um espírito que se estende da churrasqueira até a barranca do Uruguai. Há sempre um momento em que o barranqueiro vai para a beira do rio. Era um conceito dos Angüeras: colocar o rio dentro do coração”.

Não importa o QI campeiro de cada barranqueiro; o que todos sabem é que o Uruguai inspira e expira, que é um leito que não separa, antes une e aproxima. A correnteza inspira a sucessão de gerações, a convicção de que só o movimento pode garantir a vitalidade do que é perene.

O barranqueiro e o rio são a melhor e mais constante parceria da Barranca.

Confira a seguir trechos de canções que venceram o Festival e que têm por tema o rio Uruguai:

Quem pensa que o rio não sente,
com certeza nunca viu,
as cachoeiras que se formam
com as lágrimas do rio!
Ao mirar a queda d'água
que a vida chamou cachoeira,
lembro das quedas da vida
que se enfrenta a vida inteira.
Cachoeira, cachoeira,
tu e o tempo, tão iguais!
Para nós não tem retorno,
tuas águas não voltam mais!

Cachoeira (Juarez Bitencourt e Naide Ribas) – 1973



■ Barranca 2011

■ Barranca 2013



*Sinto ciúmes da lua
que se deita no rio
e se acalma
Sinto ciúmes do rio
pelo frio
que traz minh'alma.
Chilena de prata
que riscas o lombo
do rio caborteiro
em noites bonitas,
passas levando no estribo*

*espumas e gemidos
sem um grito...*

*Eu,
com ciúmes do rio
trago meu peito
em pedaços.
Eu quero ser como o rio,
quero acalmar uma lua
em meus braços...*

Eu, o rio e a lua (Miguel Bicca) - 1975

*Quando desces o rio
que viu, sentiu,
teus braços a remar
e tu a pensar,
que o rio também é gente,
que sente e pressente,
que vai te alimentar.
Caíque vai cruzando
e a água abraçando,*

*lhe pede mais um pouco
do louco andejar
Ofertando seu seio
e anseio ao beijar
o barco que te leva
e agora é teu lar.*

*Pescador de ilusões
(Carlos Castilho) - 1976*



■ Barranca 2009



*No giro da linha boleadeira
uma lua inteira se estende no rio
É giro de laço que faz com que o braço
caminhe no espaço e se afunde no rio
(...)*

*Espelho campeiro, da lua e do sol
és meu prisioneiro na ponta do anzol
até que me deixe sem fome de pão
o rio é meu peixe na linha de mão*

**Linha de mão (Juarez Chagas
e José Hilário Retamoza) - 1977**

Esta prata cristalina
que flui dos seios da serra
transparente nos ensina
a comunhão sobre a terra
Na vida que brilha
pelos mananciais
reparte-se a sede
em doses iguais
Pra que tanta gana
de ter sempre mais
se os dias sem vida
transcorrem banais

Se a terra nos cobra
nos cobre e desfaz
e a água que somos
nos iguala no más
Na água que corre
nos olhos do povo
navega-se à espera
de um porto novo

Água, caminho e vida

(Mario Barbará, Chico Saratt, Otorino
Côvolo e Sérgio Souza) - 1989



■ Barranca 2004

*Era uma vez um poeta
Os olhos bons de profeta
Transcendiam Nhu-Porãs
As mãos de cerne e lonjuras
Cevavam rimas maduras
Pro mate dos amanhãs
Mateava com o rio à frente
E o pensamento presente*

*Afastava-se com calma
Seu olhar era uma pomba
Sorvendo o rio pela bomba
Para os remansos da alma*

O mate de quem se vai

(José Lewis Bicca, Pedro Julião Ayub e
Rodrigo Bauer) - 1996



■ Barranca 2011



■ Barranca 2017

*A vida é esse rio que nos leva
Descendo a correnteza a gente vai...
O sonho é uma canoa que navega
Nas águas misteriosas do Uruguay.
(...)
Os remos são ponteiros de um relógio
Que vão deixando as horas para trás,
Memórias de vitórias e naufrágios...
Histórias que não voltam nunca mais!*

Tentos que Trançam Tempos

(Érlon Péricles, Pirisca Grecco e Jean Garfunkel) - 2006

Na beira do Uruguai velho
Minha alma não se estanca:
Verte e renasce um Angüera...
...E, aí no meio, se abanca!...
Conta causo... Dá risada...
Bebe trago... E às vezes canta...
...E pede um ronco de “oito-baixo”
Pra ele abraçar a Barranca!

Num abraço de cordeona

(Diego Müller) - 2019



■ Barranca 2004





A CRIAÇÃO

**Escreve a letra, parceiro / Que eu coloco a
melodia / Deixa pra mim, companheiro /
Pois meu mundo é poesia // Me passa a viola
afinada / Pois vocês não estão sós / Vamos
ornar essa estrada / Com a força da nossa voz**

(Dionathan Farias, Nenito Sarturi, Nilton Ferreira) - 2018



A Barranca é criar com hora marcada. Dado o tema, o barranqueiro tem 24 horas para entrelaçar melodia e versos – e vencer o tempo.

O encontro barranqueiro já teve ou tem várias competições: do melhor causo, do melhor rei da cozinha, do que melhor declama. Tivemos alguns torneios de truco, e o pescador mais hábil e de sorte também era premiado. O troféu Canário do Acampamento também é disputado, porque todo barranqueiro quer ser reconhecido como quem canta ou toca por mais tempo durante o acampamento. O prêmio do Comendador do Acampamento também é cobiçado porque consagra o barranqueiro que toma o fogo mais divertido e assume o papel de borracho participativo, sem ser chato.

Mas a competição símbolo, com características bem diferentes de todas as outras disputas de música regional do Rio Grande do Sul, é o propriamente dito e cantado Festival da Barranca.

Funciona assim: na tarde de sexta-feira, é convocada uma comissão de cinco membros. Trata-se de uma honraria discutível, porque é da tradição “vilipendiar” os jurados acusando-os de corruptos e incompetentes... É Bicca, por exemplo, quando apresentava a comissão, advertia o público: “Só quero lembrá-los que a Comissão Julgadora é soberana, boçal e absoluta!” A qualquer forma, os que se dispõem a serem do júri definem então um tema para a disputa, que é divulgado antes ou depois do jantar. Aí começa a correria. Até a tarde do dia seguinte, os barranqueiros devem inscrever suas composições para a disputa no palco do

Galpão, no sábado à noite. E, claro, as canções devem obrigatoriamente se ater ao tema definido.Á

Em um festival convencional, o compositor seleciona o que tem de melhor, escolhe os instrumentistas, orna o arranjo, recorre ao seu letrista ou melodista preferido. Na Barranca, dado o tema, não é raro músicos abordando outros barranqueiros e perguntando se querem fazer uma letra ou ajudar na melodia. Na hora da apresentação, a colaboração é ainda mais clara: vários instrumentistas sobem ao palco para tocar em várias concorrentes.

Claro que sempre houve colaboradores mais próximos: Rillo compunha muitoÁ com Zé Bicca, mas também venceu Barranca com Mario Barbará e com OdemarÁ Gerhardt. Elton Saldanha colabora muito com Tadeu Martins, mas tambémÁ com Jacaré, Juarez Chagas, entre outros. Luiz Carlos Borges era parceirão de Mauro Ferreira, mas criou com José Fernando Gonzales. O grupo que se reunia naÁPortelinhaÁtambémÁinhaÁseu núcleoÁcriador, incorporando influênciasÁqueÁ não somente as campeiras, unindo Érlon Péricles, Angelo Franco, Carlos Omar, Pirisca Grecco, Cristiano Quevedo e Cabo Déco, entre outros.Á

Os temas surgem da interação entre os jurados. Nesse meio século, contabiliza-se a compreensível presença de temas ligados ao rio, especialmente nos primeiros anos: “Acampamento de Pescaria” (1972), “Cachoeira de Rio” (1973), “Martim-Pescador” (1974), “O Rio, a Canoa e o Homem” (1976) e “Linha de mão”Á (1977). Mas já houve propostas fora da curva como “A Lenda do Fogo Morto” (1978),Á “Fio de Bigode” (1981), “Campeando Origens” (1982), “Mulher Gaúcha” (1984), “O Cavalo e o Tempo” (1991) e “Três Pampas e Um Homem” (1992).

Mario Barbará, consagrado autor de *Desgarrados* (parceriaÁcomÁSergioÁ Napp, Calhandra de Ouro da Califórnia de 1981) e vencedor por três vezes doÁ Festival da Barranca, passou um cortado com um dos temas. Ou melhor, comÁ o que seria um dos temas. Marinho foi sestar para se recuperar de uma leveÁ borracheira,Áe um de seus sobrinhos resolveu empulhar o tio.ÁAoÁacordar,Á



LISTA DE TEMAS
DA BARRANCA

perguntou qual tinha sido o tema escolhido, e o guri lascou “Cruzeira cobraÁ legendaria”. Marinho ficou surpreso, mas desafiado. Se não o tivessem avisadoÁ que era uma brincadeira, provavelmente teria composto uma canção lindaÁ sobre a tal cobra gaudéria.Á



■ Luiz Carlos Borges e Mauro Ferreira compondo para o Festival de 2003

Antonio Augusto Ferreira, o Tocaio, dizia que na Barranca se entrava em um “estadoÁ de poesia”. Mauro Ferreira, filho do Tocaio, diz que nesse estado “nem uma bandinhaÁ alemã tocando ao lado da barraca perturba o compositor. É um estado de poesia”.Á

Mauro exemplifica lembrando como foi o processo de criação de *Era uma Vez o que Viu*, parceria dele e de Luiz Carlos Borges vencedora da BarrancaÁ de 1997, com o tema “Terra, Fonte da Vida”. Mauro conta que entrou no carro,Á pegouÁ canetaÁ e escreveu o primeiro verso.Á E seguiuÁ atéÁ metadeÁ da letra.Á Borges chegou e perguntou “Que tu estás fazendo, Maurinho?”, e começou a cantarolar em cima dos versos já feitos. A canção não levou uma hora para ser composta. “Isso não existe fora da Barranca. Uma canção da Barranca só nasce naqueleÁ meio”.Á

O que é de admirar é que, com baseÁ nos últimos anos, sejam inscritas maisÁ de 20 canções por edição. É como seÁ fosse uma fábrica de composições.Á Elton Saldanha prefere comparar aÁ “um laboratório onde há vários druidas, músicos com mais de 300 anos de experiência. Há os que orbitam emÁ torno dessas estrelas, e vão aprendendo e se desenvolvendo. E existem os ousados, aqueles que pegam uma caneta e mandam bala”. Como é de se esperar,Á entre druidas e aprendizes vai um eito.Á

O Generoso, porém, éÁ generoso.Á

Não há fronteiras de idade também. Osvaldo Pons lembra que ele e seu filho, Felipe, tentavam compor uma canção, mas os versos não avançavam. Até que o consagrado poeta Tocaio Ferreira se aproximou, perguntou se podia colaborar e ajudou a dupla a completar a poesia.

O desafio pessoal, claro, é um grande combustível. Durante a Barranca de 1985, Rillo tinha decidido que não ia concorrer (note-se que já tinha ganhado quatro vezes antes, com vários parceiros). Já eram 17h de sexta-feira, quase se encerrando o prazo de inscrição, ele pediu folhas de papel ofício e uma caneta. Em 30 minutos, surgiram três letras – uma venceu a Barranca de 1987 (*Vertente, Caminho e Foz*, parceria com Odemar Gerhardt), e as outras duas participaram da Coxilha Nativista de Cruz Alta e da Festival da Música Crioula de Santiago.

Alcançar “o estado de poesia” já é uma recompensa. Há barranqueiros que se dispõem a compor, mas sem se preocupar com prazo ou com a inscrição. A intenção é exercitar o talento e a amizade.

O que, em última análise, é sinônimo de “espírito barranqueiro”.



■ Tocaio Ferreira e Vinícius Brum lapidando parceria para a competição de 2006



■ Na Barranca de 2003, Miguel Bicca e Odemar Gerhardt compuseram juntos para o festival



■ Caminhão-dormitório dos anos serviu para Vinícius Brum, Jacaré e Santiago Neto comporem em 1996



■ Rafael Ferrari, o Bandolim Campeiro, compõe com Mario Barbará para Festival da Barranca de 2009



■ Florisnei Tomás, Geraldo Trindade, João Bosco Ayala e Renato Fagundes preparam parceria para Barranca de 2023



■ Ensaio na Barranca 2016:
Juca Moraes,
Jader Leal e
Lucas Ferreira
(gaita)



■ Barranca 2011:
Tukano Neto,
Tiago Cesarino,
Guilherme Falcão,
Geraldo Trindade
e Nandico
Saldanha



O FESTIVAL

**Eles se chamam “Moda”, se chamam “Taioba”,
se chamam Antônio... / Eles se chamam “Zé”,
se chamam “Migué” e fizeram um sonho
/ Avisa pro “Tio Manduca” que o “Mango
Feio” mantém o fio / E que nas noites de
Lua o sonho continua na beira do rio!**

(Duca Duarte, Érlon Péricles e Elton Saldanha) – 2009



A Barranca é celebrar a criação. Palco, plateia e rio são os protagonistas de um ritual sonoro que a Lua Cheia abençoa silenciosamente.



■ Troféu Tio Manduca

Acredita-se que os esquimós têm mais de 50 palavras para nomear a neve. Por sua vez, os escoceses, não se sabe se meio de porre, garantem que criaram mais de 400 vocábulos para descrever a neve. Com quantas palavras os barranqueiros descrevem a Barranca e seu festival?

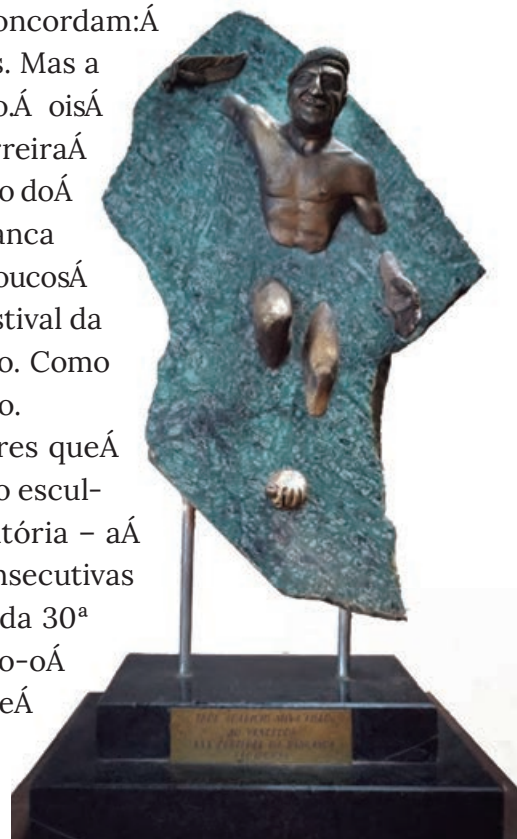
A resposta é dada todo sábado à noite da Semana Santa, no palco do acampamento. Vai longe 1972, quando houve apenas três concorrentes. Nos últimos anos, os inscritos têm superado 30, cada um deles dando sua versão sobre a Barranca, não importando qual seja o tema. Uma produção incrível se considerarmos que a sugestão de realizar uma competição musical foi para espantar a tal “lombeira” de depois do jantar. Como se admirou Nico Fagundes: “Quando é que íamos sonhar: aquele bando de loucos pescadores! A Barranca é um movimento”. Um movimento já reconhecido como bem integrante do Patrimônio Cultural Imaterial de São Borja (2018) e do Patrimônio Cultural imaterial do Rio Grande do Sul (2023).

A Barranca nasceu e tem se mantido um evento exclusivo para convidados, sem nenhum tipo de aporte financeiro do poder público. Como é natural, nesses 50 anos construiu-se uma mística sobre a Barranca, como se os barranqueiros passassem todo o tempo criando e fazendo música. A verdade é que o “festival” é um dos capítulos da Barranca. Mas um capítulo importante e de peso no panorama da música regional gaúcha e no circuito dos festivais. As canções apresentadas na Barranca, por ser uma competição fechada, não perdem seu caráter de ineditismo e podem participar de outros festivais.

Todos os compositores, instrumentistas e intérpretes concordam: o que vale é o desafio de compor com tema e hora marcados. Mas a premiação na Barranca é um misto de legitimação e de estímulo. Exemplos: ao vencer por dois anos consecutivos, Mauro Ferreira afirmou-se como criador talentoso e autônomo, não apenas filho do “Tocaio” Ferreira. Erlon Péricles começou a frequentar a Barranca como sobrinho de Luiz Carlos Borges e operador de som – em poucos anos, tornou-se astro das tertúlias e venceu cinco vezes o Festival da Barranca, e é campeoníssimo em outras disputas pelo estado. Como eles, outros tantos, tranquilizando quem torce pela renovação.

Até a 30ª edição do Festival da Barranca, os compositores que venciam o festival recebiam o troféu Tio Manduca, criado pelo escultor uruguaiano Francisco Vianna. Era uma posse transitória – a posse definitiva só viria para quem vencesse três edições consecutivas ou cinco alternadas. Como isso não aconteceu, o vencedor da 30ª edição – Vinícius Brum – foi agraciado com o troféu, doando-o para o Museu da Barranca. O troféu Tio Manduca encontra-se exposto na sede d’Os Angüeras. A partir de 2001, o vencedor leva para casa o troféu Apparicio Silva Rillo, criado pelo artista plástico Rossini Rodrigues.

Cabe falar um pouco do Troféu Tio Manduca. Nascido Cláudio Oraíndi Rodrigues, o Tio Manduca foi um dos fundadores da Barranca, presidente da comissão julgadora da primeira edição do festival e fonte de inspiração e de consulta para Apparicio Silva Rillo nas coisas do campo e da tradição mais autêntica. Natural de Nhú-Porã, interior de São Borja, Manduca era poeta inspirado. Tratando-se de Barranca e de barranqueiros, o socorro dos versos sempre ajuda. Em 1979, o tema foi “Tio Manduca, Pescador”, e a canção vitoriosa no festival, criada por Zé Bicca e Rillo, assim descrevem o amigo:



■ Troféu
Apparicio
Silva Rillo

*Tenteando a boieira nas barrancas do céu
a branca melena a sobrar no chapéu
assim, Tio Manduca, o meu coração
te evoca, velhito, pescando solito de linha na mão*

Recitado:

*[Hoje te lembram, Tio Manduca, os companheiros
que nas barrancas do Uruguai ficaram sós
cevando ausências junto ao fogo que alumbrava
toda a querência rediviva em tua voz]*

*A Lua melhor pra o peixe
Tio Manduca me ensinou
os causos que hoje reconto
Tio Manduca me contou
sem ter seu sangue sou ele
Em muito do quanto sou*

E o troféu Tio Manduca materializa o ideal barranqueiro: o gaúcho mateando e atento, assentado sobre um globo, aquecido por um fogo de chão. Ascenderá com base na tradição e na descoberta, no território imediato e no mundão de fora.

A mística barranqueira também se expande para além das fronteiras do acampamento. Trata-se de um movimento natural: o isolamento de quinta a sábado é como uma pausa para avaliação, um tempo para recuperar o fôlego, um distanciamento para entender e entender-se, um libertar-se da rotina do presente para cevar a potência do futuro. Qual o sentido de não poder repartir isso em comunhão?

A Barranca se compartilha em vários palcos e em muitos tempos. A presença mais constante é na própria cidade de São Borja, nos últimos anos ocupando o Centro Nativista Boitatá, mas já tendo passado pelo CTG Tropicilha

Crioula, pela Praça 15 de Novembro, pelo Passo e pela praça General Manoel do Nascimento Vargas.

Desde os anos 80, quando barranqueiros de várias cidades se cotizaram para alugar um ônibus que os transportasse até São Borja, surgiram as Caravanas da Barranca. As caravanas já pararam em São Sepé, Santa Maria, Santo Ângelo, Garruchos, Osório, São Leopoldo, Santa Cruz do Sul, Santa Rosa, Cruz Alta e Bagé.

Ao longo dos anos, tivemos alguns eventos de destaque, como o show que marcou os 30 anos da Barranca, em 2002, realizado no Centro Nativista Boitatá, com a presença de Renato Borghetti e d'Os Angüeras. No ano seguinte, a arte barranqueira se instalou no palco do Teatro Dante Barone, da Assembleia Legislativa, para celebrar a arte missioneira.

Em 8 de agosto de 2005, marcando os 74 anos de Apparício Silva Rillo e os 10 anos da morte do poeta, o Generoso voltou a ser cantado no palco do Dante Barone. Além de Os Angüeras, apresentaram-se Mario Barbará, Luiz Carlos Borges, Renato Borghetti, Lúcio Yanel, Gilberto Monteiro, Vinícius Brum e João de Almeida Neto, entre outros.

Em 2008, ocorreu a turnê Festival da Barranca, um Comício de Espíritos, liderada pelos Angüeras e com a participação de Yamandu Costa, Renato Borghetti, Mario Barbará e Chico Saratt, cujo itinerário passou por 10 cidades gaúchas.

Na noite chuvosa de 13 de abril de 2011, o público lotou os quase 1,2 mil lugares do Salão de Atos da Reitoria da UFRGS, em Porto Alegre, para assistir a Os Angüeras, Os Fagundes, Telmo de Lima Freitas, Luiz Carlos Borges, Renato Borghetti, Elton Saldanha, Aniel Torres, Chico Saratt, Érlon Péricles, Cristiano Quevedo, Mauro Ferreira, Vinícius Brum, Mario Barbará, Alejandro Brittes, Sergio Rojas, Angelo Franco e Pirisca Grecco, entre outros barranqueiros. Também presente o grupo mirim Os Angüerinhas, criado em 2006 por Zé Bicca.

O Ais do Porto da Capital gaúcha recebeu um espetáculo especial dos músicos da Barranca de 2012.

A 50ª edição da Barranca foi marcada por um show em 18 de abril de 2023 no Theatro São Pedro, em Porto Alegre, com a presença de Os Angüeras, Elton Á Saldanha, Pirisca Grecco, Érlon Péricles, Angelo Franco, Cabo Á éco, Eduardo Á Bicca, Sérgio Rojas, Vinícius Brum, Tiago Ferraz e Carlos Cachoeira. O antigo Á componente d'Os Angüeras, Ernando Coelho, fez participação especial. Os Á artistas Rossini Rodrigues e Á Tadeu Martins criaram um mural Á no fundo Á do palco Á enquanto o concerto se desenvolvia. E a festa terminou já fora do TSP, numa Á grande tertúlia ao ar livre, ecoando Á Barranca na Praça da Matriz da Capital Á.

Mas voltemos ao festival propriamente dito, no palco do acampamento.

Um traço evidente é o acolhimento que permite músicos diletantes estarem lado a lado com artistas consagrados. Uma das leis não escritas pode ser resumida como: “Mãe e título na Barranca ficam na porteira”. Ou seja, é Á proibido o carteiraço, se alguém ousar dizer “Sabe com quem está falando?” Á vai receber de volta uma gargalhada e um fiada puta carinhoso.

A informalidade e a irreverência estão sempre presentes. Juarez Chagas, por Á exemplo, que venceu a competição em 1977 e em 1991, não fazia prisioneiros - nem bem descia do palco e já gritava “Fui roubado! Eu tenho de ser campeão!”. Á

Em um de seus hábitos mais saudáveis, a Barranca está sempre se discutindo. E um dos pontos de debate é justamente o festival.

O ano de 1987 Á foi um Á exemplo Á radical. Os barranqueiros foram enxotados Á do acampamento por um quase dilúvio (quase porque foi maior que um dilúvio) Á do rio Uruguai, e buscaram abrigo em um galpão de depósito de cereais, com Á telhado e paredes metálicas, com cheiro de combustível. Salvaram-se todos, Á até Á mesmo o Martins Livreiro que ficara dormindo Á no acampamento, Á alheio Á Á retirada dos outros barranqueiros. O fato é que, no ano seguinte, Os Angüeras Á realizaram Á Á chamada Á Barranca Á Chica, Á com Á um Á número reduzidíssimo Á de convidados. A pauta era como lidar com o número crescente de participantes, dar Á



■ Diversão fraternal: durante o show na Assembleia Legislativa em 2003, Zé e Miguel Bicca interpretam os sopros da “Bandinha” observados por Nico e Bagre Fagundes

um salto de qualidade nas instalações do acampamento e viabilizar economicamente a Barranca. Os barranqueiros que não foram convidados receberam um chasque informando sobre as providências que visavam uma retomada sustentada e que incluíam a criação de um bar!Á

Problemas do sucesso. Nos últimos anos também se percebe um número crescente de concorrentes, que implica em uma longa noite de apresentações.Á A tentativa de fazer uma triagem ouvindo a concorrente já gravada foi tentadaÁ em 2023, e gerou polêmica porque iria de encontro ao espírito de acolhimentoÁ da Barranca. Há quem defenda que a etapa competitiva do Festival da BarrancaÁ é uma formalidade do evento, e que o mais importante é o convívio naquelesÁ quatro ou cinco dias, a conversa à beira do fogo, a lágrima do amigo. Na verdade, durante o esforço de composição, há um isolamento dos barranqueiros,Á

sozinhos ou em pequenos grupos, à beira do rio ou em suas barracas e acampamentos, tentando dar conta do desafio.Á

Outros argumentam que a competição gera desgaste entre colegas, e que não se pode avaliar se uma música é melhor que a outra.Á A solução seria dar um troféu simbólico aos participantes e pronto. O contraponto é que um lugar entre os classificados significa conquista e legitimação, além de um pouco mais de adrenalina. É uma moeda de duas faces: por um lado se perde em aprofundamento, por outro se ganha em velocidade de composição.

Trata-se de questão complexa (como quase tudo na Barranca), porque o festival surgiu justamente como uma farra, como uma competição entre amigos.Á Nico Fagundes, que compôs e cantou a primeira campeã, *Eu e o Rio*, reclamou porque não havia um troféu de Pior Intérprete...Á

Mesmo com a proibição expressa de discutir futebol, religião e política, a Barranca em sua prática sinaliza claramente pela liberdade artística. Um exemplo: em 1987, Santiago Neto (Capincho) em parceria com Tau Golin venceram o 2º lugar da Barranca tocando violão de aço, com uma sonoridade que remetia a Os Mutantes. Houve reação dos esteticamente mais conservadores, mas a posição de Farelo, Rillo, Jacaré e Capincho consolidaram a tolerância para qualquer gênero ou instrumentação no festival.Á

Essa flexibilidade foi eco de uma discussão estética que se desenvolvia no Rio Grande do Sul nos anos 70 e 80. A Califórnia da Canção Nativa, por exemplo, determinou que era proibido as concorrentes usarem idioma espanhol e ritmos que não fossem gaúchos (ah, como é complicado de determinar!).Á Era a eterna discussão sobre fronteiras, geográficas, políticas e musicais.

Essa tensão acabou levando dois barranqueiros a um acirrado debate pela imprensa em 1982. Naquele ano, o Festival da Barranca foi apresentado na praça 15 de Novembro, sendo acompanhado por um público estimado de 5 mil pessoas. Venceu *Indagações*, de Miguel Bicca e Luiz Bastos, entrando em segundo

lugar Origens, de Nico e Bagre Fagundes, tema de abertura do programa de TV Galpão Crioulo, da RBS TV.Á

O ano de 1982 marcou também os 300 anos de fundação de São Borja, e a prefeitura da cidade promoveu um concurso musical para marcar o aniversário. A escolha de “Uma Canção para São Borja” ocorreu no palco do CentroÁ Nativista Boitatá, no bairro do Passo. Venceu uma composição de Jacaré eÁ Carlos Cachoeira – com levada latina, claro –, ficando o segundo lugar paraÁ Nico Fagundes. O resultado provocou uma troca de artigos pelas páginas de jornal, que transcendem o resultado da competição e nos colocam váriasÁ questões a serem debatidas quando discutimos o que é ser gaúcho.Á

Na transição das décadas de 70 e 80, período de radicalização políticaÁ que implicava entre outras coisas na restrição a vários cantatores latinosÁ identificados com a esquerda, a Barranca tomou sua decisão. Fiel a sua determinação de não invadir a seara política, mas assertiva na defesa da liberdadeÁ artística,Á acolheuÁ chacareirasÁ eÁ chamamés,Á acolheuÁ artistasÁ HermanosÁ paraÁ compartilharem sua arte na Barranca. Como observa Tau Golin, a BarrancaÁ entendeu “a fronteira não como limite, mas como encontro. Uma verdadeiraÁ Pátria de três fronteiras.Á Ásso sem fazer discurso,Á sem afrontar a Califórnia”.Á

As discussões políticas, nas raras vezes que ocorrem, são tratadas com aÁ principal arma barranqueira: o humor.Á

LogoÁ MadrugaÁ uarte,Á conhecidoÁ comoÁ advogadoÁ deÁ grandesÁ proprietáriosÁ de terras na região de Bagé, foi durante muitos anos um dos apresentadoresÁ da Barranca. Olívio Áutra, que podemos situar no outro extremo do espectro político, é ex-governador do estado e barranqueiro de décadas, reconhecidoÁ como excelente declamador. Numa edição do início dos anos 2000, Olívio estavaÁ escalado para o júri do Festival da Barranca, mas teve de se ausentar por questões ligadas ao governo. Com sua voz grave,Á logo subiu ao palco e anunciou aÁ ausência inesperada do então governador dizendo “O companheiro Olívio....”.



POLÊMICA
FESTIVAL 300 ANOS
SÃO BORJA

Não chegou a continuar, porque os barranqueiros riam de ouvir Diogo falando “companheiro”. Ao que ele explicou: “Companheiro de Barranca, amigos...”.

Até a política internacional repercute no acampamento. Em 1982, quase que dois importantes barranqueiros se engajaram. Havia recém estourado a Guerra das Malvinas, e estavam todos indignados, com ódio dos ingleses. O trago sendo consumido, e os acampados cada vez mais do lado dos argentinos – que por sinal estavam bem ali, do outro lado do rio. A imprensa do país vizinho estava convocando voluntários até de outros países. Nego Motta, já meio bêbado, falou que ia se voluntariar, no que foi acompanhado com entusiasmo por Nico Fagundes. No outro dia, passado o porre, Nego Motta olhou para Nico e comentou: “E agora? Vamos ter de ir...”. Mas a guerra seguiu com dois voluntários a menos.

O fato de ser um evento para convidados alimenta muitas lendas e inverdades sobre a Barranca. Uma das fantasias é a de que os barranqueiros pas-

sam 24 horas por dia cantando, tocando e compondo. Bem, quase isso. Pode-se entender a Barranca como um grande livro, com vários capítulos. Há a parte em que se conversa, em que se ri, em que se mira o rio, em que se come e bebe, em que se mateia, em que se declama. E há o penúltimo capítulo – o do propriamente dito Festival da Barranca.

Depois vem o capítulo em que se tem de lidar com a não-Barranca, com o fim do acampamento e do convívio, mas isso vem a seguir.





■ Apparicio Silva Rillo (E) e jurados observam Vinícius apresentar sua composição no festival de 1991

■ Borges e Mauro autografam a letra de "Florêncio Guerra - o Gaúcho", que venceu festival em 2003



■ Barranqueiros cantam “Timbre de Galo” durante apresentação de Pedro Ortaça na Barranca de 2019



■ Carlos Leandro “Cachoeira” abre a voz durante o Festival da Barranca de 2010



■ Lelé, acordeonista de Foz do Iguaçu, foi convidado importante na Barranca de 2019



■ Telmo Motta premia Carlos Cardinal, tendo ao fundo Diogo Madruga Duarte, Carlos Pavani Flores, Apparicio Silva Rillo e Clemar Dias. Barranca dos anos 80



■ Na Barranca de 2010, Eduardo Bicca declama com a imagem de Zé Bicca e Rillo ao fundo



■ Jorge Freitas e Érlon Péracles em imagem feita na edição de 2009 da Barranca



■ Edgar Paiva mostra sua emoção ao receber de Totti o Troféu Apparicio Silva Rillo como vencedor da Barranca de 2011



■ Eraci Rocha e seu filho Gui Almeida na Barranca 2009



■ Tiago Ferraz e Rafa Schuler, do Rock de Galpão, em 2015



■ O acordeonista missioneiro Valdir Lima “Pertônico” foi destaque na Barranca de 2009



■ Airton Pimentel, na edição 2004 da Barranca



■ Yamandu compartilha palco da Barranca de 2002 com seu ídolo Lúcio Yanel



■ Pirica Grecco no palco da Barranca 2022



■ Rui Biriva na Barranca de 2004



■ Elton Saldanha cantou na Barranca de 2016



■ Apparicinho Rillo e Sergio Rojas na Barranca de 2023



■ Gabriel Selvage e Angelo Franco cantam na edição de 2015



■ Pedro Ortaça e João Malheiros na Barranca 2019



■ Membros do Tambo do Bando Beto Bollo, Texo Cabral e Carlos Leandro Cachoeira no palco em 2023



■ Festival aposta na juventude barranqueira. Imagem do encontro de 2022



■ Grupo musical Os Angüeras esteve no palco da edição 2022 da Barranca



O REGRESSO

**Quem fez do sul a Iliada / uma costeira
odisseia / um dia teve uma ideia / numa boleia
de estrela // Que um pescueiro missioneiro /
deve ser o mundo inteiro / dentro da Semana
Santa / E lendo o rio em sua descida / Pra ser
eterna a Barranca / só pode ser breve a vida!**

(Vinícius Brum e Sérgio Jacaré Metz) – 1995



A Barranca é o que cada barranqueiro quiser.

Quando escreveu *Partida*, Mauro Ferreira descreveu o que vai na mochila quando se parte **PARA** a Barranca. A receita do poeta inclui “umas quinquilharias pra passar uns três ou quatro dias, um chapéu pro céu das madrugadas e Á uma água-benta pra benzer a estrada”.Á

Mas o que o barranqueiro leva na mochila quando parte **DA** Barranca?Á

Cada barranqueiro dará resposta diferente, porque cada um deles constrói a própria Barranca.Á

Pode ser o som das cordeonas na noite, um verso que calou fundo na roda de declamação, o mate compartilhado à beira do rio no cair da tarde, a estrofe genial que resolveu a canção, o reencontro com os irmãos de acampamento,Á sempre igual e sempre renovado. Ou o pandeiro do Lagarto, o abraço do Zé, a atenção do Rillo.Á

Talvez o conforto de se sentir fazendo parte de uma coletividade com poucas leisÁ muitas Á risadas, Á e Á que o respeito Á se impõe Á por Á códigos Á criados Á Á Á antigamente. Uma sociedade que valoriza o indivíduo em suas características Á mais pessoais. Um esforço de civilização que resiste por mais de 50 anos Á Á investidas da intolerância. Uma família onde todos são irmãos, embora isso por vezes demande um baita esforço.Á

Cada barranqueiros dará uma resposta diferente.

Um descreverá a Barranca como a musa caprichosa que some por um bom Á tempo e reaparece com Á certeza Á Á cada Semana Á Santa. E que Á Á garantia de Á que Á ela estará de volta alivia a espera.

Outro vai afirmar que Á Barranca tem Á Á ver com Á Á identidade variada Á do povo Á gaúcho. A arte sendo elo de ligação entre o ontem, o hoje e o amanhã, entre a realidade e o sonho.Á

Haverá o que vai comparar a Barranca às histórias que os nossos pais contavam, em que os homens são puros, honestos e, principalmente, são iguais.Á

Farelo certamente teria uma boa frase, irreverente e sábia, para responder à pergunta. Numa matéria para o jornal Zero Hora, em 2005, contou que morava o ano todo no lugar onde o acampamento é atualmente montado, experimentando o contraste entre os quatro ou cinco dias de frenesi barranqueiro e a modorra do resto do ano.



■ Barranca 2005

Farelo via além: “Fico olhando para o rio, que está sempre mudando”.
E talvez essa fosse uma mensagem a ser colocada numa cápsula do tempo barranqueira a ser aberta daqui a 50 anos: “Inspire-se no rio. Ele está sempre mudando”.

Fica o convite, na forma da letra da canção composta por Rillo e Zé Á Bicca em 1981:

DA PONTA DO MATO

*Irmão do asfalto, do salto e do assalto,
dos ranchos do alto e dos olhos do chão,
esquece o imediato e vem a este mato
beber deste rio que é um crioulo Jordão*

*O rio é um andejo, vestido de águas,
o céu é um rancho quinchado de luz,
o mato é um templo de verdes colunas
erguendo galhadas em forma de cruz.*

*Irmãos do asfalto, do salto e do assalto,
dos ranchos do alto e dos olhos do chão,
desgarra das garras, desprende as amarras
liberta as cigarras do teu coração.*

*Meu vinho é o sereno, com luzes e estrelas,
no cálice frágil da flor do aguapé,
meu pão consagrado é a hóstia da Lua
e o vento e seu canto, meu hino de fé*



■ Farelo e Miguel Bicca em 2019



■ Farelo em 2016



■ Farelo em 2016



■ Barranca 2023



A BARRANCA É ...

UMA BARRANCA



Tu és parte desta história. Escreve aqui o que a Barranca te inspira.

POSFÁCIO

O RIO QUE NOS LEVA

RENATO MENDONÇA

Em uma matéria para o jornal Zero Hora, em 2006, observei que os barranqueiros dificilmente respondiam diretamente a uma pergunta – eles preferiam contar uma história.Á

Para responder qual o papel da Barranca na minha vida, vou contar algumasÁ histórias.Á

Na primeira, chego de madrugada ainda escura na rodoviária de São Borja,Á tresnoitado e ansioso pela cobertura do festival que faria para o jornal. Era o ano de 2002. Quem me esperava era o barranqueiro Loguercio, que me acolheuÁ com um abraço e me embarcou em uma Brasília rumo ao acampamento.Á e poisÁ de vencer o perímetro urbano de São Borja, dobrando à esquerda no cemitério, estávamos na direção certa. Pouco depois, o sol já raiando, Loguercio dirigia e conversava comigo sobre poesia, declamando trechos de Rilke e citando oÁ filósofo Sêneca. Uma recepção que questionava qualquer hierarquia de culturasÁ e me sinalizava que o afeto era o idioma da Barranca.Á

Na segunda história, estou voltando com o fotógrafo Emilio Pedroso de umaÁ reportagem na cidade de Garruchos, e paramos em São Borja para nos recupear da viagem em boa parte de chão batido. Zé Bicca, um dos grandes nomesÁ da Barranca, me convidou para ir visitá-lo cedo pela manhã em sua oficina. E lá fui eu, mergulhar em uma coleção de traquitanas, narrativas, roldanas, teses,

correias, ideias e ferramentas, tudo misturado. O castelo de um inventor de voz Á grave e humor sutil. Um ambiente caótico e imersivo. Á

Na terceira, estou meio dormindo, tentando recuperar o sono num beliche Á da barraca montada pelo Exército no acampamento da Barranca. Cheguei de manhã cedo, e preciso estar alerta para o trabalho de repórter no dia de abertura da Barranca. No meio do caminho entre sonho e realidade, ouço ecos de uma trova. Cordeona e vozes se terçando, ao coro de risadas, trilha sonora de entusiasmo e de rimas. Sigo até o galpão da Barranca e testemunho: Telmo de Lima Freitas trovando contra três outros. E, na minha opinião, levando vantagem. Uma demonstração de talento e de camaradagem. Á

Na quarta narrativa, estamos na cerimônia de abertura da Barranca, na quinta-feira à noite. A tradição se cumpre: todos se levantam e cantam em uníssono Á “Eu me chamo Generoso / Morador do Pirapó / Gosto de dançar com as moças Á no baile / e paletó”. Certo que não havia ninguém de paletó, e certo também que não havia moças. O que chamou a atenção do repórter, entretanto, foi que Á mais de 200 barranqueiros renunciavam a suas identidades, assumindo o papel do tal indígena convertido pelos jesuítas, a lenda do bon-vivant missioneiro que personifica a arte e a amizade. O Generoso, aquele que triunfa sobre a morte, Á sobre o apagamento.

Fazendo as contas, a soma das memórias desagua na imagem de uma Á Barranca sem hierarquia de culturas, mediada pelo afeto, caótica e imersiva. Á Plena de talento e de camaradagem.

Escrever o livro que marca as 50 edições da Barranca também me instabiliza Á a identidade. E a memória bate no meu ombro, oferecendo ainda um vislumbre que se repete todo o ano que vou à Barranca. É o momento em que o barranqueiro sozinho se dirige à beira do rio e encara a correnteza do Uruguai. Fica clara a confirmação de que estamos sendo homens e exercitando a amizade e a arte dos homens por estrito consentimento da Natureza. E é quando mais nos

sentimos como parte dela, porque já se ouve ao fundo o som de um acordeão na balbúrdia de uma tertúlia.

Fica a revelação renovada. O rio Uruguai é uma janela. A Barranca é uma janela. Para quem está em São Borja, janela para o mundo. Para quem está nas grandes cidades, uma janela para a tradição e a convivência direta e desarmada. Um entreposto, foz de várias correntezas. Equilíbrio delicado de tolerância e empatia em um mundo que desmorona na desinteligência e no inconciliável.

Me distraio e percebo: a Barranca é deixar-se levar pela corrente para dentro de si.

APÊNDICE

ENTENDENDO A BARRANCA

Nada acontece por acaso, segundo a teoria dos racionalistas (estes caras que são alimentados a ração balanceada). Talvez tenham lá suas razões, os cujos. Á Menos no que se refere ao festival da Barranca. Este nasceu por acaso como os nenês de novembro, frutos da sementeira suada do Carnaval. Á

Pois sucede que o pessoal de Os Angüeras e mais alguns de achego, desde pelo Á menos 1965, realizavam duas grandes pescarias no ano: uma na Semana Santa, Á outra em setembro. A primeira para o tradicional jejum de carne (mulheres não nos acompanhavam e até hoje não). A outra na Semana da Pátria, para escapar Á (desculpa ...) dos chatíssimos desfiles que são a tônica da efeméride cívica. Á

Para uma e outra pescaria vinham de Porto Alegre o Antonio Augusto Fagundes Á (Nico) e o Carlinhos Castilhos (Passaronga), com o Juarez Bittencourt (Xuxu) algumas vezes e, quando em quando, com outras caras mais ou menos simpáticas. Á

E aí aconteceu. Por acaso, repito, contrariando os racionalistas. A gente estava no “Pesqueiro da Bomba”, no Rio Uruguai, na Semana Santa de 1972. Havia Á tomado umas que outras, alguém falou na Califórnia da Canção acontecida em Á primeira edição no dezembro anterior, em Uruguaiana, quando uma voz (acho que do Passaronga, outros acham que outro, há quem jure que de um espírito) sugeriu: - E se a gente fizesse o nosso festival? Aqui mesmo, no improviso, na barranca do rio? Á

... Então, naquela Semana Santa, noite de quinta-feira, ficou assentado em cepo Á de três pernas que se faria o festival. O Tio Manduca (disso sim, me lembro) propôs que as composições tivessem por base tema único, nomeou-se o presidente Á da “Comissão” e lascou o tema: “Acampamento de Pescaria”. E aditou, enquanto Á

me filava o trigésimo oitavo cigarro daquele dia: - Sábado de noite os artistas se apresentam. Vocês têm o dia todo de amanhã para trabalhar o tema. Tá resolvido ...

... Houve três concorrentes neste primeiro Festival da Barranca, que, naquela época e porque estava em seu início, não merecia as maiúsculas que lhe dou. Carlinhos Castilhos, só e mal acompanhado; Nico Fagundes com “Fuça” no violão e, em dupla Zé Bicca e esta voz que vos fala.

Apresentadas as composições, por ordem de sorteio, cantou o Carlinhos (palmas, palmas e palmas), cantou o Bicca (idem, idem e idem) e finalmente o Nico (ibidem, ibidem e ibidem). A plateia, meio sobre a empolgação, assentava-se em um semicírculo. Todos (eu disse todos) votaram. Menos os concorrentes, claro. Ganhou o Nico, com “Eu e o Rio” – hoje gravada, como tantas composições que nasceram na Barranca para ganhar alguns dos mais importantes festivais nativistas do Estado.

O detalhe, nisso tudo, é que a composição vencedora (linda, a melhor da noite), nada tinha a ver com o tema proposto. Cantava a relação espiritual de um amante descornado com as águas do Rio Uruguai. Mas o fato é que ganhou. O que prova, desde a idade da pedra dos festivais nativistas, que júri deste tipo de evento não é flor de cheirar com pouca venta.

A confraternização foi geral, o vencedor queria por que queria o prêmio (mas que prêmio caracos?). O Milton Souza ganiçava de raiva por que lhe haviam estragado a gravação (para a rádio São Miguel, ouviram?) por intervenção de calão não recomendável, eu achei que estava uma beleza, nada como o autêntico e o espontâneo para valorizar uma reportagem ... Aí o Milton me olhou de esquadro e eu saí pelo arrabalde. Pensando que eu me desse saúde, engenho e arte, um dia eu ia escrever esse episódio.

O que faço, vinte anos mais velho, mas feliz. Porque o Festival da Barranca, nesse tempo, depois de catorze edições, faz por merecer as maiúsculas que agora lhe confiro.

APPARICIO SILVA RILLO, sobre a Barranca em 1985

FESTIVAL DA BARRANCA

A Barranca faz vinte e quatro anos. A ideia da Barranca tem bem mais de trinta anos. Se um slogan a define, dizemos que ela é “um comício de espíritos”. Se alguém, distante do nosso meio e distante da Barranca e das coisas de beira de rio, nos pergunta o que ela é, uma das respostas, e talvez a melhor, seja o silêncio. Nossos olhos, nossa fisionomia dizem mais dela. Para uma pessoa próxima a nós, mas distante da Barranca, que nos pergunta o que ela é, podemos dizer que a Barranca é uma pescaria onde também se pesca, numa reunião que dura o tempo que cada um dispõe durante as semanas santas.

Um homem foi responsável por tornar a Barranca um evento sem resposta e sem definição. Ao longo dos anos, ele e um grupo de homens próximos ao rio e a alma do sul, foram fundando e refundando, adivinhando e construindo, um espaço para que o coração pudesse se sentir o mais livre e natural possível. Este homem, mais um pequeno grupo de amigos que se escolheram idênticos em ânsia e espera, ocuparam durante décadas seus fins de tarde e suas madrugadas, para preparar um sonhadouro. Um ancoradouro onde se chega também por mapas, um lugar que dá a impressão de ser já não mais de terra, água e ar, mas muito mais de um material de elaborada abstração depois de um sopro e de um espanto, junto a uma esperança trabalhada com vontade, vocação e convicção. E fizeram da Barranca uma outra terra, uma outra água e um outro ar.

Lembramos que ela é de terra, de água e de ar se dermos a estes sólidos atributos também a consistência impalpável do aceno, a sonoridade da saudade, da distância, da despedida e do regresso, e juntarmos a isso mais uma relação complexa de tempo e espaço e duração entre um encontro e outro, entre um ano e outro, entre uma vida e outra, entre uma geração e outra. E se for possível somarmos um frágil elenco de hábitos a uma heráldica mínima e fugaz que nos orientam no nevoeiro de um amanhecer em torno do fogo,

talvez chegamos a uma ideia ainda vaga da Barranca. E muito mais vaga ela será se em seu núcleo a conseguirmos vê-la de fora, com alguma distância, em seu clarão circular que deixa escapar para treva um acorde, um verso ao orvalho e um sorriso pela fresta da estrela. E se assim a vemos, podemos acrescentar ao imaginar alguns cuidados de forasteiro que por aqui batesse na alta noite de um dia santo, tendo de si apenas a consciência de desejar viver simplesmente por algumas horas na confabulação de uma hospitalidade que tende a nos abandonar vorazmente um pouco além deste convívio e tende a nos tornar hostis entre semelhantes, se por aqui não viéssemos anualmente recolher a humanidade que forçosamente dispersamos pela vida.

Um homem, junto a outros, foi capaz de sonhar este lugar. Até então a Barranca existia apenas nas abstrações e nos relâmpagos do imaginário, na sua insônia e em algumas passagens de seus textos onde era impossível ver a lenha verde chorar por quatro dias e a lenha madura aquecer calada a madrugada no rio sem movimento. Foi necessário a este homem, mais um pequeno grupo de amigos, a criação da sombra, a criação do sal, a criação da luz, a criação do alimento, a criação da ética, a criação do humus, a criação da tradição, a criação do sol, a criação da noite, a invenção do soldo, a consolidação do todo. Para que o invento de si mesmo inventasse, foi criado o criador que chamamos Manduca, e a partir dele, criamos entre nós o anonimato na multiplicação das tarefas entre as criaturas, e criamos uma constituição não-verbal e ágrafa, criamos a humildade, a simplicidade e um estado superior de amizade e de cumplicidade, de compreensão de limite e de tolerância que até então não foram experimentados certamente por ninguém.

No fundo do mato, na costa do rio, no olho do relento, na lua, na chuva, sonhamos. e alguma forma este homem é a nossa prosa e o nosso verso, nossa memória dinâmica, no crepúsculo e na alvorada. Não vamos falar da sua obra feito longe de nós, os barranqueiros, mas dele enquanto um de nós, o Barranqueiro da Barranca do Rio Uruguai. O que buscou e compreendeu e

dividiu o fogo do graveto fosforescente colhido na minguate. O que foi na foz e á na nascente dizer que tínhamos enfim um sonho irreduzível e viável. O que fez á o amplo e o geral apelo para que o Generoso Angüera não nos deixasse cair no á vazio das vidas que se inutilizam na cobiça e na avareza, na cegueira de egos á que se cansam de só progredir para si mesmos. E espalhou, como mestre que á é, a semente á formando gotas á de á luz em covas á do pago para á que nunca mais nos á dispersássemos ou, se uma vez dispersos e extraviados, soubéssemos o local á onde vive a chama-mãe em luzeiro aos solitários e melancólicos da querência. á

Por sábio e silêncio, soube o momento de cortar a história ao meio, encruzilhá-la, fazer uma inversão em seus sinais, turvá-la, borrar um pouco seus á caminhos para testar nossos conhecimentos de estrada e meta. Ele quer ver á agora se somos capazes de continuar a senda entregues aos nossos próprios á pés. E por quanto tempo iremos seguir, sabendo que no caminho não há resposta prévia, há o transcurso e há solidão, e há um ajuste extremo que a cada á um cabe ser feito para que o que foi feito prossiga, e ao prosseguir possamos á cada vez mais entender o seu valor. Talvez ele queira nos dizer que ao caminhar o caminho não se faz, mas o caminho se desfaz. É o que ficou do caminho que vem caminhando, e que é nesta caminhada que estamos deixando o á rastro para os rastreadores onde devemos nos esmerar para que a pisada seja o centro formulador de um coração fraterno, de uma alma Angüera, solidária á e destemida.

Estas palavras são para Apparicio Silva Rillo, um poeta-parador, um homem á com sal na palma, com sul no olhar, sentado no sol da madeira de uma roda á de mate. A boina de linha, de alpargata barbuda, os olhos verdes passeando á pelo azul da noite ao redor. É um momento de vento e de charla e ele nos á fala de um homem que cruza o rio levando o sonho a um filho. Na copa das á árvores o orvalho rebrilha a lua amarela. Na sombra dos nossos bancos os á cães á dormiram. á Um estampido une á as á margens á do rio á do poema. É á escuro á onde o poeta vê o homem em perigo. O homem em perigo e o poeta estão á

contrabandeando as coisas das nossas necessidades. O olhar do poema nos suspende, a escuridão se aproxima, há uma guiada, uma popa, um rio nebuloso por onde eles vão. Para onde eles vão? Para onde vai o poeta nos levando com sua balsa? Para uma ilha, para uma outra margem, para um remanso ou curva costeira? Ficamos imaginando mergulhados em sua voz que move a mão que move o remo. Sem pressa, retomando o fio de sua líquida meada, nesta ronda e nesta noite, Rillo nos diz: “Rio aforou-se a canoa, como um dardo no silêncio”...Á

SERGIO “JACARÉ” METZ,

sobre a Barranca em 1996

AS MIGRAÇÕES

“As migrações são fenômenos voluntários e intencionais com caráter periódico com o objetivo de encontrar alimento e boas condições meteorológicas. Este comportamento não deve ser confundido com as deslocações ocasionais ou com movimentos dispersantes.”

Conforme relato de Aparício Silva Rillo, no texto escrito em 1985 que se encontra na página d’Os Angüeras na Internet, o Festival da Barranca, contrariando os racionalistas, nasceu por acaso. Iga-se de passagem, mesmo que tenhamos a sensação em nossas atividades diárias de estarmos no controle ou no mínimo tendo o monitoramento dos acontecimentos, existem reconhecidos estudos acadêmicos indicando que o acaso rege mais de noventa por cento da nossa vida. A origem do universo pela teoria do big-bang estaria vinculada ao fortuito, a inexplicável origem da vida e do homem, com todos os avanços da ciência, nos conduz ainda para um brete mergulhado em densa cerração.

Contudo, se o nascimento do Festival da Barranca foi regido pelos desígnios do acaso, podemos afirmar que a sua longevidade, a sua permanência pode ser compreendida pelo que está exposto nas primeiras linhas deste texto. A Barranca é um fenômeno voluntário e intencional. E trabalha para que não se estabeleçam movimentos dispersantes. Cantamos para reunir.

O alimento que aqui se busca, diferentemente daquele, em sua concretude, do qual se ocupam as espécies migratórias, é algo que está instalado no etéreo, no imaterial, no que levou o nosso Sérgio Jacaré Metz a cunhar a epígrafe comício de espíritos. A urgência do nosso mundo contribuiu para subtrair das sociedades a capacidade do convívio. Hoje as relações estão virtualizadas. Reconheço o outro, mas ele não está. E mesmo que os diálogos se efetivem, essa não-presença de alguma forma explícita também é um não-diálogo. Ausentes as sensações do gesto, do olhar, da respiração, as conversas, os encontros realizam-se dentro de

uma redoma em que não estamos completos porque não completamos e nem podemos ser completados.

E é por isso que a cada Semana Santa, vindos dos mais dispares e distantes rincões, aqui nos encontramos. Por redundante que possa parecer nos encontramos simplesmente para celebrar o encontro. E isso não é pouco quando a velocidade do mundo tende ao desencontro e elogia a impessoalidade. Esse é o nosso alimento. Essa é a melhor condição meteorológica que podemos encontrar. Não importa o frio, a chuva, o barro, o calor ou a poeira. Importa é que estamos e, como faziam os primeiros habitantes destas plagas missioneiras, na roda grande ao redor do fogo deslateralizamos as relações. Passamos a vida mergulhados em águas profundas, e viemos anualmente para esta barranca de rio para recarregar nossos tubos de oxigênio. A autonomia dessas cargas dura apenas até a próxima Semana Santa, portanto, esta é a nossa condição: se não viemos, morremos um pouco, morremos um tanto por absoluta falta de ar. E ar, de sonho, de música e de uma irremediável e incurável saudade: do mato, do rio, dos amigos e da nossa, talvez única, melhor possibilidade. Como Blau Nunes mais uma vez aqui estamos: de alma forte e coração sereno.

VINÍCIUS BRUM,

sobre a Barranca em 2015

SOCIOLOGIA BARRANQUEIRA

Seria possível uma sociologia da Barranca? Pois o Rillo me telefona e coloca esse desafio, ao qual seria difícil corresponder. E ainda pede três laudas, para ontem... Não sei se a sociologia teria instrumentos para cortar essa carne de pescoço; ou igualmente é bem possível que a Barranca tumultue a sociologia. Mas entre a argola e a presilha tudo é possível à sociologia, em que pese, nesse Estado que se ufana de tantas glórias, ainda não ter nascido nenhum filósofo, sociólogo ou pensador. A metodologia para principiar o trabalho é que são elas. Pois, além de não contarmos com “instrumentos próprios” para enriquecer os “estranja”, a Barranca tem tudo para ser uma escapadela do mundo, para sintetizar esse mesmo mundo em outro nível. Portanto, parece que o desafio do Rillo permanece enquanto tal...

O Sérgio Jacaré teve a aguçada percepção para definir a Barranca como um “comício de espíritos”. Como por trás de cada espírito há um ente, já é um primeiro passo. Por isso mesmo, com o passar dos anos, a Barranca, enquanto fenômeno, já se impôs como necessária ao menos para o espírito dos barranqueiros (participantes do festival, não confundir com qualquer relação com a raça equina). Por vários motivos, cada indivíduo a leva em conta, e programa-se ritualisticamente na Semana Santa, quer vá ou não ao festival.

Os barranqueiros (vocábulo já explicado) não são eleitos por qualquer divindade, mas pelo Grupo Os Angüeras. Os critérios pertencem aos seus componentes. Devem levar em conta, entre outros predicados, a vontade de abraçar “pessoas” (entre aspas, por admiração mesmo; sem qualquer analogia particular à cultura do Rio Grande). Consequentemente, além de estabelecer-se como reunião de amigos, constitui-se também numa seita da espiritualidade. Como nenhum espírito é pacífico, vai dar lá no comício do Jacaré.

Necessariamente, a Barranca desenvolve-se em dois “universos”. O interno e o externo. O ponto de vista cultural, estabeleceu-se um processo espontâneo exterior à Barranca, independente do que acontece no próximo festival. Por

consequência, quase que misticamente é considerada no Rio Grande do Sul, Brasil e até em outros países. Como acontecimento “fechado”, pouco mais de uma centena de homens passam a ser a referência (esse Estado se corrige, ou as minorias vão estar sempre na ribalta). Rádios, jornais, televisões (o boca a boca) noticiam, convidados dão entrevistas, etc. etc. Por mais que contem, revelem, expliquem, a nível público o festival está envolto numa mística, a Barranca é um mistério, uma furna esotérica, um acampamento quase lendário, um “mundo” fascinante, atraente, onde centenas de pessoas desejariam penetrar.

Todavia, nessa espécie de irmandade, todas as contradições mais agudas são eliminadas pelo próprio ritual. Barbaresco, no estilo e comportamento. Há um pacto inescrito, através do qual algumas convenções começaram a vigir (é evidente que o arquétipo é o próprio Grupo Os Angüeras). Por exemplo, a irritação e a hostilidade são anormais num ambiente em que dificilmente qualquer coisa é considerada anormal. Ao mesmo tempo, há um respeito convencionalmente inalterável por todas as manifestações artísticas. Se alguém pegar o violão e um litro de uísque e for compor em cima de uma pedra no meio do rio Uruguai, só terá interferência quando cair n’água (afinal não se pode perder uma composição, mesmo que seja plágio). igamos, a arte é prioritária. Quando aparece, raramente, alguém que não sabe ouvir, uma fuzilaria de olhos toma conta do acampamento.

A Barranca, quase em suma, é um desprover-se. Parece um ritual de fartar-se em tudo. Nesse aspecto, uma catarse. Bebe-se, enquanto o fígado aguentar (com condimentos variados), até adquirir-se o direito de passar a semana seguinte enfiado e pedinte de sopinhas; canta-se, como se o desafio fosse quem, nesse calhandrar-se, não fique afônico. Pouco se dorme. A regra é aproveitar ao máximo (Parênteses: oh, Rillo, talvez o assunto seja para a psiquiatria).

Um pouco de reflexão.

Muitas vezes já me perguntei sobre o subjetivismo existente entre os barranqueiros (tema particular com o Sérgio Jacaré, Pedro Povoeiro e Nego Motta...) Qual a força humana imanente, a que exerce o seu poder? Como os próprios seres a

dispendem para criar aquele (este) “pequeno mundo”? Porque (um pouco de filosofia) se o ser humano é sempre uma totalidade (e, ao barranqueiro, o festival faz a parte de seu mundo abrangente), cada sujeito que ali (aqui) está tem um projeto (ou projetos comuns) para a humanidade: político, social, cultural, etc. E, como não há possibilidade de desconhecer que a sociedade é formada por “classes sociais”, é certo evidentemente que muitos barranqueiros estão em posições opostas, o que obrigatoriamente os fazem “inimigos históricos”. Por conseguinte, a “ciência política” é a centralidade social historicamente eficiente (a única consequente) para os homens compreenderem a sociedade e posicionarem-se frente a ela, pregando suas bandeiras, instrumentalizando a política seus princípios humanos. Ainda, a Barranca não é uma abstração (porque reúne seres humanos). Mas a nível social, as contradições são evidentes. Igitamos, na imediatricidade política, talvez inconvivível.

Todavia, a discussão “política” (e a futebolística) é “proibida” na Barranca. Empiricamente, todos pressentem que a centralidade da contradição está exatamente nela. Sendo assim, está eliminado o canal capaz de abranger a totalidade da sociedade, mostrar às pessoas que ali (aqui) não estão estereótipos singulares, mas exemplos sociais que se associam num projeto humano global, que inserem em si posições frente à humanidade. Em outras palavras, a existência da Barranca pode estar garantida na ausência do debate político explícito, em que pese a política transparecer nas músicas ali (aqui) compostas e cantadas durante os quatro dias. Consequentemente, de forma clara e objetiva, a relação imediatamente “de classe” não transparece na Barranca. Por outro lado, a conquista do espaço eminentemente artístico (digamos, superestrutural) e o caráter de festival, afasta a Barranca dos problemas mediatemente estruturais e sociais. Prevalece, em suma, as relações singulares.

É um ambiente «para indivíduos». Nesse sentido, para cada um o acampamento possui explicação diferente. Outros não querem explicar nada. Várias são as razões que fazem com que mais de uma centena de homens se encontrem

anualmente, convivem, cantam, pescam, contam causos, trocam experiências pessoais, enriquecem-se de informações; e, alguns, por que não?, certamente até se detestem (afinal esse é um sentimento humano); mas a catarse é em outro sentido, não em direção à materialização do ódio.

Por derradeiro, entendo que a Barranca pode ser compreendida a partir de duas inferências básicas. Primeira: a partir do “universo” singular do próprio acampamento, isto é, da própria Barranca, com o esforço de isolá-la do mundo (digamos, um esforço em vão). Segunda: inserindo-a, considerando-a para integrante do mundo e da integralidade de cada indivíduo. Para mim, esse último aspecto é o mais importante. Vou para a Barranca imbuído da intenção de perceber a riqueza do mundo e compreendê-lo, conviver com as pessoas (ou como diz o Á Rillo, ao referir-se a mim, na simbologia da coruja: “não fala, pero se fija mucho”), assimilar e perscrutar os desdobramentos do “pequeno mundo” barranqueiro, que, por sua vez, reflete e compõe o próprio mundo rio-grandense, nos causos, conversas, relatos, experiências pessoais, singularidades humanas, manifestações culturais (agrade-me ou não).

Possivelmente, para alguns, a Barranca seja exatamente o contrário. Circunscreva-se na primeira referência: reserve a possibilidade de fugir do mundo, escapar de seu cotidiano...

TAU GOLIN,

sobre a Barranca em 1986

ACESSE TAMBÉM...

Os episódios do WebDoc Barranca 50 anos:



episódio 1



episódio 3



episódio 5



episódio 2



episódio 4



Episódio 6



IMAGENS DAS BARRANCAS
ANO A ANO (em construção)

Acesse o PowerPoint com fotos da Barranca desejada.
Tecla CTRL+F5 para assistir em tela cheia.
Para sair, tecla ESC.



A História e as histórias do Festival da Barranca,
encontro que Os Angüeras realizam desde 1972,
às margens do rio Uruguai, em São Borja



**Lei de
Incentivo
à Cultura**
Lei Rouanet

PROPONENTE



PATROCÍNIO

Alvorada



JOHN DEERE



vero

REALIZAÇÃO

MINISTÉRIO DA
CULTURA



A História e as histórias do Festival da Barranca,
encontro que Os Angüeras realizam desde 1972,
às margens do rio Uruguai, em São Borja

BARRANCA 50

BARRANCA 50

RENATO MENDONÇA

RENATO MENDONÇA



Lei de
Incentivo
à Cultura
Lei Rouanet

PROPONENTE



PATROCÍNIO

Alvorada



JOHN DEERE



vero

REALIZAÇÃO

MINISTÉRIO DA
CULTURA



GOVERNO FEDERAL

UNIÃO E RECONSTRUÇÃO